

Parentalidade ^e Intergeracionalidade

Processos (in)visíveis de educação musical

Bruna Williena da Silva



Maringá, 2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

Bruna Williena da Silva

Parentalidade e Intergeracionalidade:
Processos (in)visíveis de educação musical

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Vania Aparecida Malaguti da Silva Loth.

Maringá
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S586p

Silva, Bruna Williena da

Parentalidade e intergeracionalidade : processos (in)visíveis de educação musical /
Bruna Williena da Silva. -- Maringá, PR, 2023.
123 f.

Orientadora: Profa. Dra. Vania Aparecida Malaguti da Silva Loth.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, 2023.

1. Parentalidade. 2. Educação musical. 3. Intergeracionalidade musical. 4. Sociologia -
Música. I. Loth, Vania Aparecida Malaguti da Silva, orient. II. Universidade Estadual de
Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em
Música. III. Título.

CDD 23.ed. 780.7

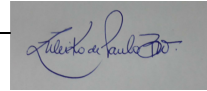


Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Música

**ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DA DEFESA DE
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA PELA
DISCENTE BRUNA WILLIENA DA SILVA**

1 No dia 03 de outubro de 2023, às 15:00, reuniram-se presencialmente no Auditório do NEAD da
2 UEM os membros internos da Comissão Examinadora designada pelo Conselho Acadêmico do
3 Programa de Pós-Graduação em Música da UEM e por meio de sessão síncrona de
4 videoconferência pela plataforma Google Meet a membra externa da mesma comissão para julgar a
5 discente Bruna Williena da Silva pela defesa de sua dissertação de mestrado denominada
6 “Parentalidade e intergeracionalidade: processos (in)visíveis de educação musical”. A Comissão
7 Examinadora foi composta pelas docentes: 1º membro (Orientadora e Presidente da Comissão
8 Examinadora): Profa. Dra. Vania Malagutti da Silva Loth (PMU-UEM); 2º membro: Profa Dra
9 Zuleika de Paula Bueno (UEM); 3º membro: Profa. Dra. Ilza Zenker Leme Joly (UFSCAR).
10 Após a apresentação da dissertação pelo discente, foi dada a palavra as examinadoras para
11 arguição, tendo a candidata respondido às perguntas formuladas. Logo após, reuniu-se a Comissão
12 Examinadora para proceder ao julgamento, sendo atribuído o seguinte parecer: aprovada,
13 ressaltando a qualidade do trabalho e sua originalidade, destacando as contribuições para o campo
14 da Educação Musical. A banca salienta a discussão metodológica abordada no texto, o viés
15 sociológico e a atualidade do referencial teórico. Recomenda-se fortemente publicações. Nada mais
16 havendo a tratar, a Presidente da Comissão Examinadora deu por encerrado os trabalhos sendo
17 lavrada a presente ata, devidamente assinada pela Presidente, demais examinadores e discente.

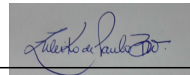
Maringá, 3 de outubro de 2023.

Profa. Dra. Vania Aparecida Malagutti da Silva Loth		
Profa Dra Zuleika de Paula Bueno		
Profa. Dra. Ilza Zenker Leme Joly (UFSCAR).		
Bruna Williena da Silva		

Página de assinaturas



Vania Malagutti
844.242.149-15
Signatário



Zuleika Bueno
256.312.948-69
Signatário



Ilza Joly
910.814.248-34
Signatário



Bruna Silva
082.661.679-82
Signatário

HISTÓRICO

24 out 2023 11:45:55		Vania Malagutti criou este documento. (E-mail: vamsloth@uem.br, CPF: 844.242.149-15)
24 out 2023 11:45:56		Vania Malagutti (E-mail: vamsloth@uem.br, CPF: 844.242.149-15) visualizou este documento por meio do IP 177.220.178.64 localizado em Ponta Grossa - Parana - Brazil
24 out 2023 11:45:59		Vania Malagutti (E-mail: vamsloth@uem.br, CPF: 844.242.149-15) assinou este documento por meio do IP 177.220.178.64 localizado em Ponta Grossa - Parana - Brazil
29 out 2023 20:15:06		Ilza Zenker Leme Joly (E-mail: ilzazenker@gmail.com, CPF: 910.814.248-34) visualizou este documento por meio do IP 186.209.75.44 localizado em São Carlos - Sao Paulo - Brazil
29 out 2023 20:15:41		Ilza Zenker Leme Joly (E-mail: ilzazenker@gmail.com, CPF: 910.814.248-34) assinou este documento por meio do IP 186.209.75.44 localizado em São Carlos - Sao Paulo - Brazil
24 out 2023 13:37:06		Zuleika de Paula Bueno (E-mail: zpbueno@uem.br, CPF: 256.312.948-69) visualizou este documento por meio do IP 200.138.101.88 localizado em Maringá - Parana - Brazil
24 out 2023 13:37:20		Zuleika de Paula Bueno (E-mail: zpbueno@uem.br, CPF: 256.312.948-69) assinou este documento por meio do IP 200.138.101.88 localizado em Maringá - Parana - Brazil
09 nov 2023 12:09:04		Bruna Williena da Silva (E-mail: bruna_williena@hotmail.com, CPF: 082.661.679-82) visualizou este documento por meio do IP 200.203.184.101 localizado em Maringá - Parana - Brazil



09 nov 2023
12:12:19



Bruna Williena da Silva (E-mail: bruna_williena@hotmail.com, CPF: 082.661.679-82) assinou este documento por meio do IP 200.203.184.101 localizado em Maringá - Parana - Brazil



*"De Taboca à Rancharia,
de Salgueiro à Bodocó, Januário [2ª geração] é o maior!
E foi aí que me falou meio zangado o véi Jacó [1ª geração]:
Luiz [3ª geração], respeita Januário
Luiz, respeita Januário
Luiz, tu pode ser famoso, mas teu pai é mais tihoso
E com ele ninguém vai,
Luiz, respeita os oito baixo do teu pai!"*

Música: Respeita Januário (1950) – Luiz Gonzaga

AGRADECIMENTOS

Seria fácil eu diria escrever e citar pontualmente todos os nomes dos meus familiares, que contribuíram nesta jornada, mas foram tantas e tantas pessoas diferentes que colaboraram para que eu pudesse sentar e finalmente escrever estes artigos, que eu preciso falar pelos espaços, pelos meus núcleos, as figurações da minha vida.

Antes de tudo e de todos, eu preciso falar de quem prometeu cumprir todos os sonhos da minha infância, e contribuir com a realidade de outras vidas através desta pesquisa, esta é com certeza um sonho de infância. Deus, eu te louvo e agradeço por me permitir viver tudo de forma intensa, cuidando de cada detalhe, para que fosse inesquecível.

Sobre as figurações da minha vida, preciso agradecer ao núcleo de trabalho do Girassol, aos colaboradores e parceiros, aos coworkings, aos pais dos meus Girassóis.

Profa Vania, já falei diversas vezes, mas deixarei eternizado nesta pesquisa, você é um Girassol, que procura o sol infinitamente, para mim, um modelo de ser humano, profissional e mãe. Eu pediria desculpa, por todos os transtornos, mas você mesmo já me falou, que somos responsáveis pelas nossas ações, e eu definitivamente não mudaria nada de lugar. Se estou terminando essa pesquisa, pode ter certeza, porque você é a pessoa que está comigo nesta jornada. Obrigada!

Obrigada a minha turma do mestrado, em especial, ao Marcelo Telles e Marlos, desfrutamos de boas risadas e muitas reflexões.

Agradeço também ao grupo de pesquisa Educação Musical, tecnologia e sociedade, por gerar e plantar muitas sementes do incômodo em mim, as reflexões foram muito importantes para o meu crescimento profissional.

Grata às professoras Zuleika Bueno e Ilza Joly por aceitarem partilhar de seu conhecimento para novas reflexões como banca desta pesquisa.

Ah, minha família, meus avós, minha mãe e meus tios. Vocês com certeza são minha inspiração sobre as mais variadas formas de figuração social. Eu

particularmente, tive muitas figuras “paternas”, graças aos meus tios agregados. Sem vocês, eu não seria eu. Obrigada, infinitamente.

Aos avós paternos do meu filho, que não só me auxiliam na criação deles, como criam lembranças musicais e afetivas que serão eternizadas e muito importantes para o adulto que ele irá se formar. Vocês são muito importantes. Obrigada!

Meu esposo, a quem, eu preciso agradecer e eternizar aqui o quanto ele foi essencial no processo de mestrado, meu parceiro real. Vivi as experiências mais intensas que se é possível com o empreendedorismo, a maternidade e a pesquisa nestes últimos dois anos, e você esteve comigo fazendo tudo, absolutamente tudo. Obrigada, Diego.

Meu menininho Joaquim, espero que na sua fase adulta, você tenha a oportunidade de ler esta dissertação e se orgulhar de tudo que nós vivemos neste período. Não tenho como te agradecer, mas posso me desculpar pelas ausências. Você é o meu maior sonho, e a mamãe te ama infinitamente!

*...2023 é o ano que Deus me permitiu desfrutar
de todos os meus sonhos ao meu tempo. Eu
me sinto infinitamente feliz!*

Bruna Williena

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender e identificar as transmissões e apreensões das práticas musicais que ocorrem ao longo de 3 gerações - avós, pais e crianças a partir de 6 anos. Aborda questões sobre as práticas de parentalidade musicais que permeiam as gerações, às interações que ocorrem entre avós, pais e filhos, os valores e sentidos que estas famílias atribuem à música e a forma que o contexto social influencia a rotina musical da família. A metodologia utilizada é um estudo de caso, realizada a partir de uma abordagem qualitativa, tendo como campo empírico duas famílias com filhos maiores de 6 anos que estudam ou estudaram música na escola de formação musical Alecrim Dourado na cidade de Curitiba – PR. As técnicas utilizadas foram grupos focais e entrevistas individuais. Um dos eixos da pesquisa se sustenta nas relações parentais. A parentalidade é um termo pouco utilizado pelas ciências sociais e pela educação musical, contudo, com base no trabalho de Norbert Elias (1980, 1994a, 1994b, 2001, 2006, 2010), é possível entender a parentalidade também como um processo social, um processo com organizações, tensões, limites e regras comunicáveis ou não, que podem ser analisados de diferentes âmbitos. Conclui-se com esta pesquisa que a parentalidade musical se constitui a partir de interações entre os avós e pais, pais e filhos, e principalmente entre avós e netos, além de cultivar valores e sentidos que se manifestam não apenas por conta da criação familiar, mas através dos ambientes e espaços que estas famílias estão inseridas.

Palavras-chave: Parentalidade musical; Intergeracionalidade; Família; Figuração

ABSTRACT

This work aims to understand and identify the transmissions and apprehensions of musical practices that occur over 3 generations - grandparents, parents and children from 6 years old. It addresses questions about musical parenting practices that permeate generations, the interactions that occur between grandparents, parents and children, the values and meanings that these families attribute to music and the way in which the social context influences the family's musical routine. The methodology used is a case study, carried out from a qualitative approach, having as an empirical field two families with children over 6 years old who study or studied music at the Alecrim Dourado musical training school in the city of Curitiba - PR. The techniques used were focus groups and later individual interviews. One of the axes of the research is based on parental relationships. Parenting is a term little used by social sciences and music education, however, based on the work of Norbert Elias (1980, 1994a, 1994b, 2001, 2006, 2010), it is possible to understand parenting also as a social process, a process with organizations, tensions, limits and rules that can be communicated or not, which can be analyzed from different perspectives. It is concluded from this research that musical parenting is constituted from interactions between grandparents and parents, parents and children, and especially between grandparents and grandchildren, in addition to worshipping values and meanings that are manifested not only because of family upbringing, but through the environments and spaces that these families are inserted.

Keywords: Musical parenting; Intergenerationality; Family; Figuration

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: Constituição da família Justen e Paiva_____	43
Quadro 2: Constituição da família Bono_____	43
Quadro 3: Organização das entrevistas individuais_____	47
Quadro 4: Descrição do repertório que constitui a playlist do Spotify_____	48
Quadro 5: Quantidade de músicas por estilo musical_____	50
Quadro 6: Quantidade de músicas por período histórico_____	50
Quadro 7: Ilustração da família Justen e Paiva _____	74
Quadro 8: Ilustração da família Bono _____	74

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	9
<i>Artigo 1</i> - Pesquisando sobre parentalidade musical	10
<i>Artigo 2</i> - Parentalidade musical: conhecendo a produção nacional e internacional em educação musical	19
<i>Artigo 3</i> - Histórias contadas e entrelaçadas intergeracionalmente: caminhos metodológicos adotados em uma pesquisa sobre parentalidade musical	38
<i>Artigo 4</i> - Um passeio pela obra de Norbert Elias: Fundamentos teóricos	54
<i>Artigo 5</i> – Teias (in)visíveis de parentalidade musical	72
A música nas gerações	104

APRESENTAÇÃO

O presente texto de dissertação de mestrado foi elaborado no formato *multipaper*, ou seja, a apresentação da pesquisa está organizada em “uma coletânea de artigos publicáveis” (Mutti e Kluber, 2018, p.3). Este formato me permite organizar em sessões específicas as temáticas, afim de facilitar a leitura de tal pesquisa. Além do mais, permite que, enquanto pesquisadora, os temas e capítulos da pesquisa sejam acessíveis para publicação em periódicos científicos, os tornando mais acessíveis, dando-lhes visibilidade e disponibilidade para demais pesquisadores. Tal formato já tem sido utilizado em áreas como Biologia, Medicina, Física, Química, dentre outras. Na área de educação já são muitas as pesquisas que seguem esse formato, mas na área de educação musical são poucas referências defendidas. Portanto, não se trata de nenhuma inovação, mas de adotar um modo de escrita mais sintonizado com outras perspectivas acadêmicas que visam a divulgação das pesquisas, especialmente por meio de artigos.

ARTIGO 1

PESQUISANDO SOBRE PARENTALIDADE MUSICAL

Introdução

Este texto trata sobre parentalidade musical. O interesse em estudar sobre este tema, englobando heranças geracionais, nasceu de um desejo de me aprofundar na educação parental e suas potencialidades no âmbito da educação musical. Em 2018, eu era uma “recém mãe” sedenta por conhecimentos que indicassem um caminho para criar meu filho em uma abordagem educacional gentil e respeitosa. Paralelamente à função de mãe, também empreendia na área de educação musical, e estava em contato direto e diariamente com famílias que compartilhavam de buscas e enfrentavam desafios diários com suas crianças, parecidos com os meus. Neste cenário, fazia sentido, estudar a parentalidade e o uso da disciplina positiva¹ na educação musical.

O projeto que elaborei para a seleção do mestrado em música da UEM teve como foco o uso da disciplina positiva na educação musical. Contudo, após aprovada, minha primeira tarefa oficial enquanto mestranda, foi escrever um memorial contemplando minha trajetória com a música. A escrita do memorial desencadeou *insights* significativos sobre o início do meu processo músico-educativo. Levou-me a olhar para as relações que eu tive quando criança com minha mãe, meus avós e tios, que foram as pessoas que me criaram. Nesta retrospectiva, conclui que minha relação com a música já era uma grande possibilidade mesmo antes do meu nascimento, considerando que as experiências e relações com música da minha da minha família.

O memorial se desdobrou em reflexões e deu origem à buscas mais profundas da minha própria história. Neste processo, senti a necessidade de escutar minha mãe para melhor conhecer sobre minha infância com música. Agendei um momento para esta tarefa e levei como questão básica a pergunta “quais experiências com música me foram proporcionadas na gestação e na infância, até meus 9 anos?”. O

¹ Disciplina Positiva é um modelo de criação de filhos, que propõe ensinar de forma gentil e com uma comunicação mais clara e respeitosa habilidades sociais e de vida para crianças, adolescentes e adultos. Ela é baseada nos livros da série escritos pela Dra. Jane Nelsen e diversos co-autores (Lynn Lott, Cheryl Erwin, entre outros).

depoimento da minha mãe foi transcrito e a fala dela complementou minhas lembranças e deram origem a este texto.

Minha infância: a origem da pesquisa

Minha mãe, ainda adolescente, engravidou de mim. Na época ela era fã da banda Guns N' Roses², e quis homenageá-los e eternizar no meu nome a sua paixão musical. Pensando nisso, fez uma variação do nome William (um dos integrantes da Banda), e colocou meu nome de Bruna WILLIENA. Meu nome, portanto, foi definido pela sua conexão com uma banda de rock. Eu nasci marcada por um nome que teve origem na relação da minha mãe com música.

De acordo com minha mãe eu tive aulas de musicalização por volta dos 3 anos. Não tenho esta memória. Porém, quando adulta, e já educadora musical, estive em um congresso da Associação Internacional de Educação Musical - ISME - em Porto Alegre³, onde conheci uma educadora musical que também nasceu em Itambé - PR, minha cidade natal. Em conversa, ela falou, “você *me* é tão familiar, eu não sei de onde...”. Juntas, investigamos a “familiaridade” e concluímos, com a confirmação da minha mãe, que ela havia sido minha primeira professora de musicalização. À época, minha família não tinha condição financeira favorável para uma atividade assim, mas com esforço minha mãe escolheu me proporcionar esta experiência. Na fala dela “eu queria o melhor para você, essa ‘coisa artística’, você sempre teve..., podendo ou não podendo pagar, eu dava um jeito”, “a música e essa sua paixão já nasceu com você, desde os seus 3 anos de idade, você tinha uma vocação voltada para música” (Maria, minha mãe).

Minha mãe, uma pessoa leiga ao que tange a formação musical, foi sensível às minhas respostas aos estímulos musicais que recebi quando criança (muitos proporcionados por ela mesma), o que ela chamou de “vocação”. Ela me ofertava experiências musicais eu respondia às mesmas, e isso a levou a concluir que eu tinha

² Guns N' Roses é uma banda norte-americana de hard rock formada em Los Angeles, Califórnia, em 1985. Para conhecer: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guns_N'_Roses

³ Este congresso ocorreu em 2014 e foi sediado pela Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), na cidade de Porto Alegre. Para saber mais: <http://abemeducacaomusical.com.br/artsg2.asp?id=33>.

“vocação”, sem tomar consciência que o que ela chamada de “vocação” era resultado de seu investimento em minha educação.

A este respeito, Elias (1995) afirma que Amadeus Mozart tornou-se um gênio na música a partir da exposição que teve aos estímulos musicais. Ele escreve:

Desde seu primeiro dia de vida ouvindo as sequências de violino e piano; ouvia o pai, a irmã e outros músicos ensaiando e corrigindo erros. Não é de surpreender que logo tenha desenvolvido uma sensibilidade aguda às diferenças de tons, uma consciência musical altamente perceptiva que, por exemplo, por muitos anos tornou-lhe insuportável a impureza sonora do clarim.” (ELIAS, 1995, p. 82)

De acordo com minhas memórias e o depoimento da minha mãe, os estímulos musicais foram presentes em minha infância, inclusive com o apoio de meu avô materno. Minha mãe relata que ganhou um violão:

quando eu era bem mais nova, ele [meu avô] chegou a comprar um violão pra mim, eu não sei como ele conseguiu, mas ele chegou a trazer um violão pra dentro de casa, eu acabei nunca tocando, mas eu tive um violão porque ele comprou pra mim” (MARIA, 2022, Entrevista individual [minha mãe]).

Ela, contudo, me explicou que, naquela época, seus interesses eram em cursos “profissionalizantes”, precisava “aprender para trabalhar”. Contudo, na nossa família sempre teve muita dança, especialmente do nordeste, e minha mãe, junto com meu avô, estavam sempre dançando. Em suas palavras, ela lembra: “sempre que tocava uma música, ou ele colocava alguma coisa, a gente sempre parou para dançar, é de família...”. Minha mãe conta que a iniciativa sobre dançar juntos vinha sempre do meu avô, era uma “coisa de família brincando na sala, de brincadeira, de amor mesmo, de carinho” (Maria, minha mãe).

A música foi importante na minha formação. Tenho lembranças de minha mãe e meu avô dançando. Lembro de meu avô tocando pandeiro e minha avó cantando. São lembranças importantes. Eu diria que as mais significativas da minha infância.

Desde pequena eu sempre tive um envolvimento com a música na igreja. Minha mãe relata sobre isso:

quando vocês eram bem pequenas [se referindo a mim e minha irmã que é 4 anos mais nova que eu], eu entrei para um coral na igreja e levei vocês comigo [...] vocês ouviam [a música] e ficavam repetindo até aprender, e cantavam na missa junto comigo [...] a gente chegou a cantar juntas, eu, você e sua irmã, fazendo salmos! Nós três já cantamos juntas em missas de dias das mães (MARIA, 2022, Entrevista individual [minha mãe]).

Eu me lembro desta situação, quando fomos convidadas para cantar juntas um salmo na igreja, foi uma experiência importante porque ocorreu em uma missa de celebração à mães, mas foi ainda mais importante por ter ocorrido âmbito familiar, com minha mãe e irmã.

Minha mãe ainda lembrou que mais tarde eu comecei a tocar na igreja e que as pessoas se surpreendiam com meu tamanho. Eu não tenho lembranças de “como e quando” eu comecei a tocar, mas minha mãe contou que ouvia perguntas como: “Será que vai conseguir? Sua filha vai tocar? Ela é tão nova!”

Ninguém sabia o quanto você estudava a música e quando você foi tocar na igreja pro nosso coral, a primeira vez!... foi a melhor coisa que aconteceu! Você cresceu lá. Você chegou no coral junto comigo, você tinha o que? 6, 7 anos, nem lembro se era isso, você era bem pequena. Essa experiência de você tocar comigo depois que a gente já tava ali... porque o coral foi a melhor coisa que eu fiz na vida, foi participar do coral, ter você tocando foi a melhor coisa que podia ter acontecido. Então você conquistou um espaço ali dentro, onde você está até hoje, e conquistou o respeito de quem não acreditava que você era capaz, de quem não acreditava que aquela menina humilde, filha de uma mãe solteira, de uma família bem humilde da cidade ia ser capaz de conquistar o que você conquistou, não só lá dentro da igreja, como pela vida afora, tudo pela música, a sua paixão (MARIA, 2022, Entrevista individual [minha mãe]).

A música se tornou um elo que nos unia semanalmente de alguma forma, seja acompanhando os cantos na igreja, ou presente nas brincadeiras em família, com os meus avós e tios - uma família nordestina, cheia de musicalidade e cultura genuinamente regional.

Ah, eu lembrei de uma coisa agora, o Vô Thoim tocava triângulo em um grupo aqui na cidade, junto com o Dito Bô, então todas as festas que tinha quermesse da igreja, quadrilha, ele ia com esse grupo...você chegou a acompanhar ele nestas festas que ele ia para tocar. (MARIA, 2022, Entrevista individual [minha mãe]).

Minha mãe, solo, em plena adolescência, teve a música como um dos recursos na minha educação. A música era realmente parte da vida dela, algo que ela compartilhava comigo porque gostava. A música se tornou um dos elos que nos unia, seja acompanhando cânticos na igreja, seja nas brincadeiras cantadas com meus avós. Talvez pela relação forte que ela tinha com música, eu aprendi desde cedo a “inventar músicas e sair cantando para todos os lados”, como ela relata. Minha mãe, no seu processo de parentalidade, teve a música como um dos caminhos importantes na minha educação, talvez como a principal fonte de conexão comigo.

A pesquisa

Ao olhar para minha história me dei conta, que minha relação com práticas musicais parentais, é anterior à minha racionalização sobre o assunto. O fato é que me despertei para este tema em decorrência das experiências musicais vivenciadas no âmbito familiar, com meus avós, tios e mãe. E posteriormente estas experiências influenciaram o processo de parentalidade que eu vivencio com o meu filho.

Foi a partir das práticas parentais intergeracionais que vivi, com a participação e envolvimento efetivo de diferentes gerações no meu processo de educação musical, é que este tema surgiu e ganhou um contorno que levou às seguintes questões de pesquisa: (1) Como ocorre a parentalidade musical no âmbito da intergeracionalidade familiar? (2) Quais são e como ocorrem as interações musicais entre avós e pais, pais e filhos, avós e netos? (3) Quais são os valores e sentidos atribuídos à música que perpetuam no âmbito da intergeracionalidade familiar e como isso ocorre? De que forma o contexto social (escola, igreja, associações e etc) se manifestam nas práticas familiares?

Assim, o objetivo geral da pesquisa foi compreender e identificar as transmissões e apreensões das práticas musicais que ocorrem ao longo de 3 gerações - avós, pais e crianças a partir de 6 anos. E os objetivos específicos, são: (1) refletir e discutir sobre as práticas de parentalidade musical que perpassam o processo intergeracional, entendendo quais são e como ocorrem as interações musicais entre avós e pais, pais e filhos, avós e netos; (2) entender quais são os valores e sentidos atribuídos à música que se manifestam e perpetuam no âmbito da intergeracionalidade familiar. (3) Analisar de que forma os valores musicais praticados em família se manifestam em outras esferas sociais (como escola, igreja, associações), bem como, em que medida as práticas musicais sociais repercutem no ambiente familiar.

A pesquisa se desenvolveu através da abordagem qualitativa, pois a intenção era de fato, falar com pessoas reais, no qual elas relatassem através de grupos focais, e posteriormente entrevistas individuais, situações que convergem com a presença da música na família. Neste sentido, realizamos o estudo com duas famílias que possuem crianças a partir de 5 anos, e que estudam ou estudaram música, na escola

de formação musical Alecrim Dourado – Formação Musical, na cidade de Curitiba – PR. A escola em questão foi fundada em 2010, pelos professores Vivian Agnolo Madalozzo e Dr. Tiago Madalozzo, cujo a finalidade é “aprender música fazendo música”. A escola possui três níveis de ensino divididos por faixa etária, sendo 1. Musicalização Infantil – 0 a 3 anos de idade; 2. Iniciação Musical – 3 a 6 anos de idade; 3. Pré-instrumental – 6 a 8 anos de idade. Oferece, dentro destes níveis de idade, oficinas específicas de instrumento musical, aulas e cursos para bebês, famílias e professores. Esta escola possui um espaço físico para aulas em grupo, e mantém de forma remota um diário⁴ onde as famílias possam ter acesso ao conteúdo abordado em aula.

A principal referência teórica foi Norbert Elias. Este autor discute os conceitos de figuração e processos sociais a partir da história dos costumes e etiquetas presentes dentro da sociedade. Este movimento de relações, trocas, vinculações ou mudanças, é um dos aspectos mais significativos na teoria sociológica de Norbert Elias, onde ele o denomina como Figuração. O conceito inclui expressamente os seres humanos em sua formação, visto que as relações são interdependentes e “apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros” (Elias, 2006, p. 25).

O interesse pela pesquisa que realizei também de justificou no entendimento de que é comum os pais buscarem maneiras conscientes de como educar seus filhos. Questionamentos sobre a melhor alimentação, sobre o acesso às telas (TV, celular, computador e tablet), sobre as atividades extra escolares e as condutas sociais, os valores e princípios fazem parte da realidade de muitas famílias. A partir dos questionamentos há escolhas. Contudo, muitas delas podem ocorrer de forma inconsciente. Compreender, portanto como ocorrem as decisões sobre o repertório musical, a escolha dos instrumentos que os filhos irão estudar, a forma como cantam ou tocam e os sentidos atribuídos às experiências musicais no âmbito familiar é pertinente à área de Educação Musical e às demandas contemporâneas. (ILARI, 2017; LEWIS, 2019)

Em todas as famílias, há rotinas pré-estabelecidas propositalmente ou de modo inconsciente, em que sons e materiais musicais marcam aqueles momentos. A música

⁴ Informações disponíveis no site da escola: <https://alecrinformacaomusical.wordpress.com/musicalizacao/>
<http://diariodaalecrim.blogspot.com/> Acessado em 18/10/2021.

faz parte do cotidiano. Contudo, este conhecimento sobre parentalidade musical não é claro para a maioria dos educadores musicais, e ainda é um assunto pouco discutido no âmbito da educação musical, tanto em pesquisas como em cursos.

Bozetto (2009) afirma que reconhecendo a complexidade de trabalhar na perspectiva de famílias, em um universo considerado difuso, que se transforma e muda continuamente como o tempo, os estudos podem ser vistos como um ponto de partida para repensar a socialização familiar. A família exerce um papel ativo como interlocutora do projeto de seus filhos em aprender música. São famílias que se desdobram e se dedicam para que os filhos possam continuar participando da orquestra.

Em 2019, a pesquisa norte americana de Lewis, descobriu que cinco temas específicos predominam no ato de compartilhamento de música entre pais e filhos, ou seja, formas que geram ações no exercício da parentalidade a partir da música. A pesquisa tinha como objetivo principal examinar a maneira como pais e filhos compartilham a música popular. Os temas são sintetizados em reciprocidade de interações respeitosas entre pai e filho; Ações inconscientes de comunicação entre ambos, um diálogo crítico e respeitoso na colocação de ideias sobre música, possibilidade de abrir a criatividade e propor mudanças no fazer musical e a multimodalidade de incluir materiais e variados conceitos nas práticas musicais, inclusive tecnológicas. Lewis (2019) destacou que os pesquisados desenvolveram respeito mútuo, fortalecimento das próprias identidades enquanto indivíduos e uma comunicação crítica, o que colabora para uma construção da relação parental.

é vital para a formação de professores de música programas para trazer à tona as discussões sobre parentalidade musical, pois a educação musical é, acima de tudo, relacional. Como constelações, as famílias diferem consideravelmente em como eles vivenciam e valorizam a música, o que a torna difícil prescrever uma maneira única e universal de interagir. (ILARI, 2017, p8, tradução minha)⁵

⁵ To conclude, it is vital for music teacher education programs to bring discussions concerning musical parenting to the forefront, as music education is above all relational. As constellations, families differ considerably in how they experience and value music, which makes it difficult to prescribe a single, universal way to interact. (ILARI, 2017, p. 8)

Neste sentido, esta pesquisa busca produzir conhecimento e trazer clareza quanto a perspectiva de um encaminhamento teórico quanto as práticas musicais que ocorrem a luz da parentalidade perante as gerações.

A expectativa é que tal abordagem contribua para as ações e reflexões de educadores musicais, bem como com famílias que se interessem pelo processo de formação musical de seus filhos.

Considerações

Este artigo se objetivou em apresentar os objetivos da pesquisa intitulada Parentalidade e Intergeneracionalidade: caminhos invisíveis de educação musical, bem como, contextualizar os motivos que me levaram a escolher este tema para a minha pesquisa de mestrado.

De acordo com as pesquisa apresentadas (Bozetto, 2012, 2016^a, 2016b; Ilari, 2017; Mutti, 2018; Lewis, 2019) as experiências musicais em ambiente familiar resultam em um processo musicalizador que abarca a criança, contribuindo, inclusive, para que ela se interesse em aprender um instrumento musical posteriormente, ou tenha um maior engajamento no estudo deste instrumento respectivamente.

Esta pesquisa vem ao encontro das pesquisas já realizadas, completando essa gama de estudos, mas trazendo principalmente clareza e conhecimento sobre as características de um processo de parentalidade musical através das gerações. Neste sentido, esta investigação pode oferecer melhor compreensão deste processo e contribuir para que as comunidades educativas considerem ainda mais o âmbito familiar como um espaço de formação musical.

Visando agregar também conhecimento e respaldo teórico às práticas musicopedagógicas em ambientes institucionalizados de educação musical, como as escolas, esta pesquisa sobre parentalidade musical oferece recursos para gestores e professores trabalharem em conjunto com a família, dando uma base sólida de educação para os filhos.

Referências

BOZETTO, Adriana. *Projetos educativos de famílias e formação musical de jovens e crianças em uma orquestra*. Programa de Pós Graduação em Música. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2012. Disponível em: <[projetos educativos de famílias e formação musical de crianças e jovens de uma orquestra \(ufrgs.br\)](http://projetoseducativosdefamiliaseformacaomusicaldecriancasejovensdeumaorquestra.ufrgs.br)> Acesso em: 06/09/2022.

BOZETTO, Adriana. *Socialização musical de crianças e jovens em uma orquestra: sonhos, desejos e projetos familiares*. In. Anais do XVII Encontro Regional Sul da ABEM. Curitiba: 2016.

BOZETTO, Adriana. *Família como interlocutora do projeto musical dos filhos: um estudo a partir da socialização musical de crianças e jovens em uma orquestra*. In. Caderno CERU. São Paulo: 2016. <[família como interlocutora do projeto musical dos filhos: um estudo a partir da socialização musical de crianças e jovens em uma orquestra | Cadernos CERU \(usp.br\)](http://familia.comointerlocutoradoprojetomusicaldosfilhos:umestudoapartirdasocializaçãomusicaldecriancasejovensnumaorquestra|CadernosCERU(usp.br))> Acesso em: 06/09/2022.

ELIAS, Norbert. Mozart: *Sociologia de um gênio*. Tradução: Sergio Goes de Paula. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MUTTI, Gabriele de Sousa Lins; KLÜBER, Tiago Emanuel. *Formato Multipaper nos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu Brasileiros das áreas de Educação e Ensino: um panorama*. Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, v. 5, p. 1-14, 2018. Acesso em: 06/09/2022.

ILARI, Beatriz. *Musical parenting and music education: Integrating research and practice*. Update: Applications of Research in Music Education, v. 36, n. 2, p. 45-52, 2017.

LEWIS, Judy. *Parents, children, and the popular music that binds them: New family dynamics and what they mean for community music*. International Journal of Community Music, v. 12, n. 1, p. 79-94, 2019. Disponível em: <[International Journal of Community Music: Ingenta Connect Table Of Contents](http://InternationalJournalofCommunityMusic:IngentaConnectTableOfContents)> Acesso em: 06/09/2022.

ARTIGO 2

PARENTALIDADE MUSICAL: conhecendo a produção nacional e internacional em educação musical

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar a revisão bibliográfica sobre a parentalidade musical na área de educação musical, contemplando a produção nacional e a produção de países da América do Norte e de Portugal. O termo parentalidade é entendido como os processos de educação, cuidados e escolhas de conduta, pelos envolvidos na criação dos filhos, seja pelos pais ou pai, mãe ou mães, ou ainda, avós, avôs ou tios – ou seja, pelo(s) adulto(s) responsável (is) pela criança. Este termo foi citado pela primeira vez em 1930, pelo antropólogo francês Malinowski, *parentalité*. No ambiente acadêmico ele aparece a partir 1959, quando a psicanalista Tehrese Benede realizou uma pesquisa e a publicou (FERREIRA, 2011). No Brasil, “parentalidade” tornou-se conhecido em 1980 com Paul-Claude Racamier, como neologismo da palavra original francesa *parentalité*, “para enfatizar o caráter processual implicado no exercício das funções dos pais em relação aos filhos” (GORIN *et al*, 2015).

Este texto está organizado em quatro partes. inicialmente apresento a produção acadêmica brasileira. Na sequência trago os trabalhos encontrados em países da América do Norte. Sigo, apresentando produções portuguesas e finalizo com as considerações finais deste levantamento.

Produção acadêmica sobre parentalidade musical no Brasil

A revisão de literatura sobre pesquisas referentes à parentalidade no campo da Educação Musical em âmbito nacional foi centralizada nas publicações da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), da Associação Brasileira de Pós-Graduação

em Música (ANPPOM), e em teses e dissertações disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira. O período contemplado foi de 2005 a 2021.

Considerando que o conceito de parentalidade é com base nas relações familiares, tomei como um dos caminhos possíveis, trazer as pesquisas que contemplam a temática das relações familiares, cujo termo parentalidade nem é apresentado, mas seu conceito está presente no decorrer do texto.

Com isso encontrei no Brasil, 3 teses, 4 dissertações e 9 artigos que discutem sobre processos de aprendizagens musicais dentro da família ou decorrente das relações familiares.

Utilizando o termo parentalidade, Parizzi se propôs a estudar o canto espontâneo da criança em suas pesquisas de mestrado e doutorado (2005, 2009), focando “a parentalidade intuitiva e a musicalidade comunicativa”, e desde então ela desenvolve e orienta pesquisas nesta temática. Dentre seus orientandos destaco Rodrigues Junior (2015), Silva (2016), Santos (2017) e Fonseca (2020).

O conceito de parentalidade intuitiva usado por estes pesquisadores foi cunhado pelo casal de psicanalistas americano H. Papousek e M. Papousek (1996), e constitui-se em uma contribuição da área das ciências da saúde para a educação musical. A parentalidade intuitiva se expressa na fala dirigida ao bebê através de um conjunto de características claramente musicais que podem ser analisadas em termos formais, rítmicos, melódicos, timbrísticos e contrapontísticos (PARIZZI, 2005).

As pesquisas destes autores têm discutido formas de como a comunicação entre pais e filhos têm influenciado o processo de musicalização destas crianças, quando não são, na verdade, agentes musicalizadores destas crianças. E os resultados das pesquisas de PARIZZI (2005) indicam que as teorias de Papousek e Malloch são fundamentais, de acordo com a autora, para o processo de educação musical formativa.

Além destas pesquisas, destaco duas outras, na abordagem da sociologia da educação musical, que tem como foco o papel da família na aprendizagem musical, Bozzeto (2016) e Gomes (2009).

Bozzeto publicou, em 2016, um artigo salientando que as famílias estão atentas em aproveitar o tempo dos filhos com produtividade, ressaltando que eles ocupam,

por exemplo, as tardes livres e ociosas para potencializar a aprendizagem musical e com isso abrir, inclusive, um campo profissional para eles através da música.

As questões educacionais que acontecem durante as interações familiares foram estudadas por Gomes (2009), cuja pesquisa foi realizada com uma família originária da cidade de Santarém, no Pará. A pesquisa, realizada por meio da História Oral, constatou que as práticas e as aprendizagens musicais, bem como o projeto educativo da família investigada, estão relacionadas com suas próprias trajetórias familiares, valores, heranças, particularidades, e especificidades presentes na produção musical familiar.

Em outra abordagem, Mattiuti (2016) compreendeu em sua dissertação que a aprendizagem musical entre mãe e filha se dá na interação entre elas, nas brincadeiras ocasionais e quando tocavam ou cantavam. Desta forma, mãe e filha, “construíam uma aprendizagem em diversas dimensões, singular quando permeada por diversas situações do dia-a-dia de cada uma e familiar”. Essa pesquisa de mestrado contemplou o ambiente familiar, no contexto de uma aula particular de violão onde mãe e filha participavam. A autora complementa que a aprendizagem musical foi revelada de uma forma de aprender que ela denominou como “silenciosa”, pois a aula influenciava outras pessoas, inclusive as que não participam como alunos regulares das aulas.

Sobre as formas como ocorre a aprendizagem musical dos filhos na relação com os seus pais, Oliveira e Morato (2017) publicaram um artigo contemplando os hábitos familiares importantes para a aprendizagem musical dos filhos; as aulas de música em casa com os pais e a audição musical vista como transmissão e construção do gosto musical. Os autores, após discutir as questões a partir de 5 entrevistas com alunos dos cursos de graduação e suas lembranças, concluíram que “o conhecimento musical é construído o tempo todo a partir do que os filhos vivenciam inicialmente ao lado dos pais e familiares, e posteriormente no meio social”.

As redes familiares, a forma com que se entrelaça vínculo, conhecimento e experiências podem, de acordo com Lima e Silva (2017), potencializar o alcance das aulas de música. Isso porque o gosto pela música no ambiente familiar, a expectativa dos membros desta rede em relação ao desenvolvimento das crianças de suas

comunidades e a promoção de experiências significativas, são elementos importantes para serem considerados na educação musical.

É notável que os vínculos parentais e familiares são relevantes no processo de aprendizagem musical. Lima (2017) discute o papel fundamental de Raul Villa-Lobos na formação e inserção de seu filho Heitor Villa-Lobos no mundo da música erudita. O autor afirma que foi devido à dedicação e ensinamentos de Raul que Heitor se destacou no mundo da música posteriormente.

Para mães, pais e familiares, as experiências em casa se diferem em relação às experiências na escola com a presença dos pais (STOCCHERO, ALMEIDA E TALAMINI, 2018) a pesquisa na época em andamento, salientou que existe uma diferença sobre tocar e cantar frente à função familiar com as crianças, predominantemente tocar um instrumento é apresentado pelos homens e cantar é predominantemente feito pelas mães em ambiente familiar.

Viegas (2018) também buscou compreender e ouvir as famílias do curso de extensão da Universidade Federal de Pampa, com relação aos aspectos e movimentos das aprendizagens musicais de pais e filhos, por meios de narrativas, as famílias revelaram a importância que a música tem e a atribui à aspectos formativos sociais, cognitivos e educacionais de seus filhos.

Em contrapartida, Januário (2021); Januário e Neto (2020) buscou compreender como ocorre o ensino musical de um pai que é professor de música para sua filha de 6 anos de idade, no ambiente familiar. A pesquisa que até o momento⁶ está em andamento pretende realizar através da análise de vídeos pelo perfil do instagram, fotos e uma entrevista semi-estruturada uma análise de dados para identificar quais práticas pedagógico-musicais são desenvolvidas pelo pai para ensinar música à sua filha e investigar a produção e reprodução dos conhecimentos musicais em família.

A família é, como já constatado por meio dos artigos anteriores, um núcleo potente de experiências musicais das crianças. Em 2020, em meio à pandemia do Covid-19, a família foi sem dúvida, o núcleo que manteve a continuidade às diversas práticas, dando suporte técnico, emocional e físico para as crianças. Como

⁶ Última pesquisa realizada no dia 12 de agosto de 2023, a pesquisa não está até então disponível para consulta.

identificaram Cruz e Leite (2021), as experiências foram desafiadoras para os seus alunos de uma escola regular de fundamental I e relataram, na Revista Cocar⁷, que um dos pontos mais importantes no desenvolvimento das atividades remotamente foi a presença da família, e, portanto, os processos de parentalidade foram imprescindíveis para o sucesso das aulas.

As pesquisas realizadas no Brasil versam sobre a música de maneira organizada, fazendo luz a uma estrutura similar a perspectiva de alfabetização, uma estruturação de aprendizagem musical por meio de instrumentos, sendo a família o auxílio, fomento ou inclusive ela como geradora desse núcleo de conhecimento. “Os pesquisadores dedicaram muito tempo para o estudo da parentalidade musical de jovens intérpretes, ou seja, crianças e adolescentes que aprendem música por meio de instrução formal” (ILARI, 2017, p.4, tradução minha)⁸

A pesquisa, no qual este artigo está inserido, versa principalmente sobre a família como primeiro ambiente gerador de processos musicalizadores, no qual, se caracterizamos como parentalidade musical por meio das gerações de avós, pais e filhos.

Produção acadêmica sobre parentalidade musical em países da América do Norte

Inicialmente para a revisão de literatura na esfera internacional usei a combinação “*music parenting*” e “parentalidade musical” no google chrome e google acadêmico para buscar trabalhos científicos, artigos acadêmicos e publicações sobre a temática. Em seguida, ampliei para revistas específicas de pesquisa: como *Journals SAGE*, *Research GATE*, *Internacional Journal of Community music* e *academia.edu*. O período contemplado durante as pesquisas foi de 2003 a 2021. Com isso encontrei nas buscas internacionais 17 trabalhos científicos que tratam de parentalidade musical e contribuições das relações parentais para com o desenvolvimento da musicalidade e definição de estilo musical dos filhos.

⁷ <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3940>

⁸ As noted earlier, researchers have devoted much time to the study of musical parenting of young performers, that is, children and adolescents who learn music through formal instruction

Por parentalidade musical, utilizei aqui a definição de Ilari (2017) e Lewis (2019), em que é compreendida como o “ser ou agir como mãe ou pai (para alguém), onde este é um mecanismo central para a transmissão de valores culturais através das gerações (ILARI, 2017, p. 2)⁹. Onde os pais cuidam, criam e ensinam os filhos na cultura.

O termo parentalidade musical é mencionado em 3 artigos, sendo Custodero e Green (2008), Gibson, (2009) e Ilari (2017). Quatro artigos discutem sobre as contribuições da parentalidade para a educação musical, para a aprendizagem musical e o desenvolvimento integral da musicalidade, McPherson (2009), Bornes *et al* (2015), Uptis *et al*, (2016) e Ilari (2019). A parentalidade também é discutida por Werrener *et al* (2018) e Lewis (2019) como uma prerrogativa para os interesses das crianças por determinados estilos musicais, interferindo no gosto musical.

Gary Mcpherson propôs, em 2009 um modelo com sugestões de práticas sobre as interações parentais que possui impacto na aprendizagem musical de seus filhos. O autor entende que “o estilo parental é definido como a constelação de atitudes e comunicação para com a criança e que, tomados em conjunto, criam um clima emocional em que os comportamentos dos pais são expressos” (p. 2)¹⁰, de forma que

Na música, os estilos e práticas parentais ajudam a satisfazer as necessidades psicológicas mais básicas das crianças. Necessidades lógicas, que são: sentir-se competente, sentir que têm algum controle sobre as escolhas a serem feitas durante o processo de aprendizagem, para sentir um forte vínculo entre seus pais e professores em um ambiente de aprendizagem não ameaçador e para desfrutar do sucesso que vem de um envolvimento significativo como resultado de uma experiência pessoal. (MCPHERSON, 2009, p. 5, tradução minha)¹¹

O autor compreende que alguns aspectos fornecem meios para desenvolver um modelo de aproveitamento das funções parentais para a prática do desenvolvimento musical, a saber: estilos parentais, que criam um clima propício para

⁹ Parenting, or to be or act as a mother or father (to someone) is a central mechanism for the transmission of cultural values across generations.

¹⁰ Parenting style is defined as the constellation of attitudes toward the child that are communicated to the child and that, taken together, create an emotional climate in which the parent's behaviours are expressed

¹¹ In music, parental styles and practices help satisfy children's most basic psychological needs, which are to feel competent, to feel that they have some control over the choices to be made during the learning process, to feel a strong bond between their parents and their teachers within a non-threatening learning environment and to enjoy the success that comes from engaging meaningfully as a result of personally rewarding musical experiences

a aprendizagem; cognição parental, como a família se envolve no processo; afeto parental, que promove o desenvolvimento da autonomia, e que os alunos se sentem conectados; práticas parentais, que desenvolvem através de recursos físicos o sentimento de pertencimento; motivação, auto-crenças, auto-regulação e características socioculturais, que refere-se em como o meio movimenta a forma da educação dos filhos (MCPHERSON, 2009).

O contexto familiar pode fornecer um ambiente acolhedor para uma criança, de forma que ela possa ter uma inclinação para a música, portanto, existem muitas questões sobre o papel da experiência musical dos pais na criação de seus filhos (CUSTODERO; GREEN, 2003).

Custodero e Green (2003) relatam que ao pesquisar 2.250 pais de crianças de 0 a 2 anos em território americano, eles compreenderam que o grau de experiências musicais dos pais, como estudar, tocar instrumento ou cantar em coro possui uma relação direta com a experiência musical de seus filhos. Eles afirmam que as famílias tendem a explorar a prática de repertório de acordo com as próprias experiências. Outra particularidade da pesquisa, é que os pais que se lembram de suas mães cantando para eles enquanto filhos, tendem a ter uma predisposição maior para cantar para seus filhos do que as famílias que não tiveram este estímulo. Outro aspecto da pesquisa foi que, durante o parto 51% das famílias participantes da pesquisa receberam um CD intitulado *Smart Symphonies*, e as autoras concluíram que essas famílias que fizeram uso deste CD com músicas consideradas “clássicas” não tiveram uma mudança significativa na prática parental, quando comparados com as famílias que não receberam o mesmo material.

Em 2008, as autoras Custodero e Green voltaram a refletir sobre o processo de parentalidade musical versus parentalidade geral. Contudo, na continuidade da pesquisa anterior, procuraram responder questões que ficaram em aberto, como o processo geral de parentalidade musical. Para isso desenvolveram uma coleta de dados por meio de entrevistas realizadas via telefone. O referencial teórico norteador da pesquisa foi os domínios de cuidado parental de Bornstein *et al* (2003), que contempla o nutritivo, que refere-se aos cuidados físicos que os bebês recebem, como banho e alimentação; o material, que diz respeito aos brinquedos, eventos e formas que os pais usam para estimular seus filhos; o social, que abrange uma variedade de comportamentos que os pais usam para envolver os seus filhos em trocas interativas,

e, o didático, que contempla estratégias que os pais usam para ajudar seus filhos a se entenderem no ambiente.

No que se refere à parentalidade musical, as autoras concluíram que o âmbito social apresenta ser o mais significativo para estas famílias, pois os “pais que discutiram música como cuidado social relataram que usar música era: 'uma boa maneira de criar um vínculo' com seus bebês (vínculo; 'uma ferramenta de interação com o bebê '(interação); e 'uma maneira natural de acalmar e relaxar' seu bebê” (CUSTODERO, GREEN, 2008, p. 21)¹². Sobre o papel didático da música, a pesquisa evidenciou que os pais possuem uma preocupação com a construção da autoestima, do desenvolvimento intelectual. Não foi significativo o aspecto do desenvolvimento da inteligência musical, segundo vários deles a música ajuda no desenvolvimento da criança e não a torná-la mais inteligente. A respeito do cuidado material e nutritivo, as autoras compreendem o entrelaçamento deste assunto no processo musical:

As respostas dos pais revelaram que o uso da música une esses dois componentes infantis [material e nutrição]; e também como estratégia parental que se baseia nesses recursos/configurações musicais e é empregado para facilitar o trabalho de cuidados com a criança no sentido de sobrevivência, por meio de atividades nutritivas diárias. Considerando os dois domínios juntos, as respostas dos pais focaram no uso da música como uma prática parental destinada a ajudar no bem-estar geral dos bebês necessários do cuidado do bebê: como uma ferramenta do ambiente, sendo um recurso parental e como um ambiente para cuidados¹³ (CUSTODERO; GREEN, 2008, p. 34, tradução minha)

Custodero e Green (2008) concluem que os domínios parentais de Bornstein *et al* (2003) fornecem um contexto geral para as estratégias musicais dos pais.

Gibson (2009), em seu doutoramento na área de psicologia da Universidade de Washington, examinou como os pais criam ambientes musicais para seus filhos e os fatores que moldaram estas práticas musicais parentais. A autora através de um estudo etnográfico apresenta resultados que apontam que os pais se inspiram geralmente em repertórios que lembram a própria infância, como canções de ninar, músicas que possuem um caráter lúdico com jogos, repertórios religiosos, canções de

¹² Parents who discussed music as Social caregiving reported that using music was: 'A good way to bond' with their babies (bonding); 'a tool of interaction with the baby' (interaction); 'a natural way to calm and relax' their infant (calm/relax + natural); and 'good for the soul' (spiritual).

¹³ Parent responses revealed that music use bridges these two necessary components of infant care: as a tool of the environment that exists as a parenting resource and as a setting for infant care; and as a parenting strategy that draws upon these musical resources/settings and is employed to facilitate infant survival through daily nurturing activities

tradição familiar e músicas “criadas” pelos mesmos. Esta pesquisa, cujo título é “Parentalidade musical: um relato etnográfico das interações musicais dos pais e crianças pequenas”, contemplou inicialmente 50 famílias de estudantes universitários, moradores de um complexo acadêmico, com filhos de 0 até 4 anos de idade, e, para um contato mais próximo, elegeu 6 famílias com as quais desenvolveu a etnografia. A partir destas 6 famílias, a autora observou que os pais tendem a cantar espontaneamente para seus filhos canções que eles criam, usando-as como ferramentas parentais, para diverti-los e ensinar coisas sobre rotina e habilidades diárias. A autora salienta ainda que fatores como gênero, educação, religião, e as próprias memórias dos pais de suas infâncias definiram as maneiras pelas quais os pais da comunidade residencial criaram musicalmente seus filhos. Gibson (2009) salienta, contudo, que é necessário um aprofundamento em questões de pesquisa que levem em conta as diferenças socioeconômicas destas famílias.

Barnes *et al* (2015) realizaram uma pesquisa em dois projetos sociais de diferentes contextos, um brasileiro e outro americano. O objetivo da pesquisa, foi verificar se o fato de os programas serem em países diferentes (Brasil/Estados Unidos), haveria diferença no envolvimento parental com os alunos, no que se refere à música. A pesquisa foi realizada em uma abordagem quantitativa, usando uma metodologia específica denominada PI-HEM (*Parental Involvement and Home Environment in Music*), com 171 alunos entre os dois países, sendo alunos atuais e alunos que não fazem mais parte do projeto. Os autores constataram que a diferença foi mínima, e que embora os pais destes alunos de ambos os países se interessem por participar, faltam estratégias funcionais por parte dos professores para que o envolvimento seja mais efetivo.

Upitis *et al* (2016) realizaram uma *self-report survey*, visando explorar assuntos pertinentes à educação dos filhos versus o progresso musical, a relação professor-aluno, o ambiente de prática domiciliar e o comportamento dos pais frente as aulas práticas. O levantamento foi feito no Conservatório Real do Canadá, o que rendeu 2583 retornos para análise. Os resultados indicaram que os pais estavam “profundamente envolvidos” (p. 2) no processo de educação musical de seus filhos, refletindo em um compromisso, apoio e respeito aos alunos, de forma a cooperar em música possivelmente mais regulados.

Sobre o termo parentalidade musical, Ilari (2017) constatou que a maioria das pesquisas nesta temática foram realizadas com ocidentais de classe média. Em segundo lugar, a autora entende que as pesquisas existentes sobre parentalidade musical foram, em certa medida, influenciadas pelos pesquisadores, principalmente as que envolvem visitas domiciliares. Em suas palavras: “a entrada em uma casa significa colocar-se no espaço privado da família com sua intrincada teia de relações interpessoais e funções, hábitos e atividades”¹⁴ (Ilari e Young, 2016 *apud* ILARI, 2017) e isso implica em sérias questões éticas em termos de privacidade do participante e anonimato. Em terceiro lugar, a pressão que pode ter sido colocada aos parentais (pai e mãe) para desempenhar suas funções corretamente, pode de certa forma ter afetado as respostas em pesquisas e entrevistas anteriores. Em quarto lugar, a maioria das pesquisas sobre parentalidade musical conduzidas até agora foram centradas predominantemente na figura materna, com poucas informações disponíveis sobre as cognições dos pais e comportamentos.

As pesquisas até então vem apontado para formas de estabelecer a cooperação dos pais em relação às aulas de música, medindo também a “eficácia” de métodos que instituem a participação dos pais como agente motivador. Contudo Werrener *et all* (2018), buscaram compreender e explorar a forma que os estilos parentais influenciam no gosto e nas preferências por determinados estilos musicais. O questionário da pesquisa foi respondido por 336 australianos, e a análise foi realizada a partir dos cinco grandes traços de personalidade discutidos principalmente na psicologia – extroversão, neuroticismo, empatia, abertura para experimentar e consciência – associados a diferentes estilos musicais. Os pesquisadores concluíram que existem três aspectos específicos da parentalidade, como o modelo permissivo, o autoritário ou a autoridade. Estes possuem uma relação com o desenvolvimento do “gosto musical” e é preponderante para a escolha de determinados estilos musicais, no entanto, os autores entendem que este é apenas o início de uma investigação que precisa ser aprofundada.

Em 2019, o *Internacional Journal of Community Music*, lançou um número com artigos sobre parentalidade e educação musical. No que se refere ao termo

¹⁴ Entrance into a home means placing oneself into the private space of the family with its intricate web of interpersonal relationships and roles, habits, and activities

parentalidade, selecionei três artigos para apresentar neste texto: Lewis, 2019; Rodriguez, 2019, e, Ilari *et al*, 2019.

Sobre a música popular americana e suas implicações com a parentalidade, em 2019, a pesquisa norte americana de Lewis, descobriu que cinco temas específicos predominam no ato de compartilhamento de música entre pais e filhos, ou seja, formas que geram ações no exercício da parentalidade a partir da música. A pesquisa tinha como objetivo principal examinar a maneira como pais e filhos compartilham a música popular. Os temas são sintetizados em reciprocidade de interações respeitosas entre pai e filho; Ações inconscientes de comunicação entre ambos, um diálogo crítico e respeitoso na colocação de ideias sobre música, possibilidade de abrir a criatividade e propor mudanças no fazer musical e a multimodalidade de incluir materiais e variados conceitos nas práticas musicais, inclusive tecnológicas. Lewis (2019) destacou que os pesquisados desenvolveram respeito mútuo, fortalecimento das próprias identidades enquanto indivíduos e uma comunicação crítica, o que colabora para uma construção da relação parental.

Rodriguez (2019) desenvolveu um estudo de caso múltiplo, com pais e mães de crianças entre 1 mês a 3 anos de idade, que frequentam um ambiente de educação musical para bebês a partir da *Midwestern United Estados*. A autora, para realizar a pesquisa, questionou sobre os objetivos dos pais e a motivação que os levam a proporcionar estas atividades às crianças. É interessante que os resultados da pesquisa, demonstraram que os pais buscam a aula de música por conta das experiências positivas com música que tiveram enquanto alunos e filhos, e este é o principal motivo para levar os próprios filhos à aula de música.

Ilari *et al* (2019) no mesmo intuito que a pesquisa de Rodriguez (2019), mas de forma longitudinal acompanharam por cinco anos o desenvolvimento da personalidade e habilidades socioemocionais das crianças de uma área de vulnerabilidade econômica de Los Angeles. Os pais que contribuíram com a pesquisa, responderam anualmente durante este período, um questionário sobre o desenvolvimento dos filhos e depois de quatro anos, os pais das crianças envolvidas avaliaram seus filhos no traço de personalidade e estabilidade emocional. Os resultados indicaram que houve a diminuição do índice de agressão e de

hiperatividade em comparação com crianças não envolvidas em um programa sociocultural.

A partir do que foi exposto, é interessante observar que autores como McPherson (2009), Barnes *et al* (2015) e Uptis *et al* (2016) refletem sobre como as interações, modos e estilos parentais podem ou não corroborar com o processo de aprendizado musical e que independente do país, a influência parental não parece acontecer de forma diferente (BARNES *et al*, 2015). Sobre os motivos que levam os pais a optarem por aulas de música, os autores Gibson (2009) e Rodriguez (2019) mencionam que as memórias positivas e musicais sobre a própria infância é o mais impactante a escolherem as aulas de música para seus filhos. Já Custodero e Green (2003; 2008), Ilari (2017) e Ilari *et al* (2019) discutem prerrogativas sobre a educação musical que acontece paralelamente ao processo de parentalidade das famílias envolvidas, no qual denominam como parentalidade musical.

Sobre estilos musicais, autores como Gibson (2009), Werrener *et al* (2018) e Lewis (2019) discutiram sobre o entrelaçamento dos estilos do repertório musical dos pais e mães e se, de certa forma, tais estilos influenciavam o desenvolvimento do gosto musical de seus filhos, e os resultados mostram que, embora tenha uma contribuição dos pais, os filhos fazem escolhas por si próprios sobre o estilos musicais que preferem. O repertório dos pais é uma referência, mas os filhos adquirem autonomia e fazem suas escolhas.

Produção acadêmica sobre parentalidade musical em Portugal

Nota-se que a parentalidade vem sendo objeto de estudo de algumas pesquisas das universidades de Portugal: Alvez, 2012; Leal, 2013; Campos, 2015; Duro, 2017; Bastos, 2017. Todas as pesquisas são em nível de mestrado profissional de programas diferentes.

Destaca-se que embora todas as pesquisas estejam situadas no mesmo país e discutindo temas muito parecidos, os pesquisadores não referenciam na bibliografia as pesquisas já realizadas anteriormente. Alvez (2012) e Leal (2013), em suas pesquisas, discutiram o envolvimento parental em uma escola de música, se concentrando nos alunos das séries iniciais. Já Campos (2015) e Bastos (2017), se

propuseram a pesquisar sobre o envolvimento dos pais no processo de aprendizagem musical de um instrumento em um contexto de aula particular de música. Diferente das pesquisas já mencionadas, Duro (2017) apresenta especificamente a percepção dos pais sobre o envolvimento parental nas aulas de música.

Alvez (2012) desenvolveu uma pesquisa a partir de alguns questionamentos que permearam sua vida profissional enquanto coordenadora e gestora de uma escola de música pública em Braga. Através de um estudo de caso que objetivou compreender como uma escola integralizadora com ensino de música promove um envolvimento parental, a autora constatou que o envolvimento das famílias, muito se deve a diversos fatores como: nível socioeconômico, comunicação direta com a família, estratégias usadas pelos professores para promover um engajamento e participação mais efetiva das figuras maternas. Contudo, a autora em diversos momentos se mostra contraditória em seu estudo, visto que ora apresenta que a parceria e comunicação da escola, família e professores possuem um papel efetivo, e, em outros momentos afirma que “os professores não permitem que o papel dos pais vá muito para além do que a própria participação em outros projetos concebidos e elaborados pelos próprios professores” (p. 173).

Uma pesquisa no mesmo viés foi desenvolvida por Leal (2013) em outro programa de mestrado. Esta buscou compreender como a relação família e escola acontece, para além da percepção das famílias sobre o ensino especializado de música e sobre o envolvimento parental, a autora quis identificar as modalidades de colaboração entre as famílias, escola e professores. Esta pesquisa foi realizada em um conservatório regional com sete participantes. De natureza qualitativa, a pesquisa, constatou que a maioria das famílias não conhecem profundamente este tipo de ensino especializado de música, o que dificulta a compreensão do que é necessário para auxiliar os filhos no processo de aprendizagem musical, no entanto estes consideram muito importante este envolvimento parental.

Na Universidade de Minho, Campos (2015) buscou validar a “eficácia do envolvimento parental no desenvolvimento de competências funcionais como uma estratégia motivacional para o estudo” (CAMPOS, 2015, p. 5). Através de questionários, visitas orientadas pelo professor aos pais e um guia denominado parental realizado com duas famílias e dois alunos de 11 anos de idades, o pesquisador e também professor destas crianças, buscou criar ferramentas que

pudessem melhorar o envolvimento parental. As famílias, neste caso a figura paterna, participaram de aulas dos alunos e receberam um material impresso sobre formas de colaborar no estudo e na prática em casa. A pesquisa revelou que os pais gostaram bastante da abordagem e notaram uma mudança nas atividades dos filhos em casa, mas os filhos se sentiram “pressionados” com a presença muito próxima da família durante seus estudos.

Bastos (2017) objetivou, em seu relatório de estágio do programa de mestrado, refletir sobre os mesmos tópicos da pesquisa anterior (CAMPOS, 2015), mas tendo como colaboradores dois alunos de fagote, em uma escola de música na modalidade de educação básica. A pesquisadora propõe um guia com orientações para professores e famílias que podem vir a cooperar no processo de ensino e conclui sinteticamente afirmando que o acompanhamento parental é crucial no desenvolvimento das atividades musicais dos filhos.

Sobre o acompanhamento parental que foi discutido entre os autores anteriores, Duro (2017) conclui que o envolvimento é maior por parte dos pais/mães que acompanham os alunos até a escola, e que o outro responsável principal aparece apenas como um companheiro, sem desempenhar uma função no processo de educação musical. Esta pesquisa, que recolheu os dados através de questionários onde a família e os professores responderam, buscou compreender a relevância dada pelos pais/cuidadores de educação e professores no acompanhamento parental dos alunos de música.

Considerações

Este texto apresentou um levantamento de trabalhos acadêmicos desenvolvidos no Brasil, em países da América do Norte e em Portugal, no que tange a parentalidade musical, parentalidade na educação familiar e música em/na família.

Pesquisas sobre parentalidade na Educação Musical vêm crescendo, especialmente a partir de 2009. Poucas pesquisas utilizaram o termo parentalidade na Educação Musical sob o viés da sociologia (destaco somente Lewis 2019, nesta abordagem), a maior parte da produção nesta temática está na abordagem da psicologia da Educação Musical. E neste sentido, é pertinente estudos que tenham como foco o eixo sociológico da parentalidade nos processos de aprendizagem musical. Outro ponto importante, foi que algumas das pesquisas apresentadas,

salientaram que o aprendizado musical ocorre também dentro do círculo familiar e não só na estrutura de ensino de uma escola. Em linhas gerais, as crianças primeiro vivenciam ao lado dos pais e familiares a musicalidade e posteriormente no meio social, onde pode ou não explorar as experiências musicais que permeia o âmbito familiar. Além de destacarem os benefícios no desenvolvimento das habilidades socioemocionais e musicais por parte das crianças, quando estas são acompanhadas pelos pais.

Os trabalhos consultados indicam que o conhecimento musical é construído à medida em que a família e suas relações com as crianças também são construídas. Os autores discutem sobre como as diferentes formas de exercer a parentalidade influenciam na escolha de repertório e formação de gosto musical dos filhos e sobre os motivos que levam as famílias a buscarem atividades de música. Dentre as constatações está de que as experiências positivas dos pais com a música interferem diretamente na maneira como eles conduzem a relação de seus filhos com a música. Constataram ainda que etnias diferentes não interferem nos resultados da aprendizagem musical e participação parental.

O processo de parentalidade permeia todas as etapas da vida de um indivíduo, pode ser com a família, ou com as redes que construímos ao longo da vida, impactando, inclusive, as relações de cada sujeito com a música. E neste sentido, aponta haver uma herança musical q passa de uma geração à outra, uma hereditariedade musical permeada pela parentalidade constituída no interior de cada sistema familiar.

Referências

- ALVEZ, Maria das Dores Barbosa da Silva Braga e. *Envolvimento parental numa escola de música de ensino integrado*. Tese de doutorado. Universidade Católica portuguesa. Braga: 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13759/1/tese%20Final%20Nei%20sem%20anexos.pdf>>. Acesso em: 09/08/2021.
- ARBOLEYA, Arilda. *Agência e estrutura em Bourdieu e Giddens pela superação da antinomia “objetivismo-subjetivismo”*. <Sociologias Plurais>, v. 1, n. 1, 2013.
- BASTOS, Ana Isabel Vieira Alvez Queirós. *A importância da Parentalidade na fase inicial ao estudo individual do fagote*. Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Música. Politécnico do Porto. 2017. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/10159/1/Ana_Bastos_MEM_2017.pdf>. Acesso em: 09/08/2021.
- BARNES, Gail V; FREITAS, Aureo de; GREGO, John. Parental. *Parental involvement and home environment in music: Current and former students from selected community music programs in Brazil and the United States*. In. *Internacional Journal of Music Education*. University of South Carolina. Estados Unidos: 2015. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0255761415619057>>. Acesso em: 09/08/2021.
- BORNSTEIN, Robert F. et al. *Construct validity of the Relationship Profile Test: A self-report measure of dependency-detachment*. *Journal of Personality Assessment*, v. 80, n. 1, p. 64-74, 2003.
- BEM, L. A; WAGNER, A. *Reflexões sobre a construção da Parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico*. *Psicologia em Estudo*, v.11, n.1, p. 63-71, Maringá: 2006.
- BOZETTO, A. *Projetos educativos de famílias e formação musical de jovens e crianças em uma orquestra*. Tese de doutorado. Universidade federal do Rio grande do Sul. Porto Alegre: 2012.
- BOZETTO, A. *Socialização musical de crianças e jovens em uma orquestra: sonhos, desejos e projetos familiares*. In. *Anais do XVII Encontro Regional sul da ABEM*. Curitiba: 2016.
- BRUNACIO, K. H. *Perfil das mães com história de repetição de cesárea no Estado de São Paulo*. 2015. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- CAMPOS, Nuno Jorge Pinto Guimarães Ribeiro. *O envolvimento parental como estratégia pedagógica no ensino especializado de música – um estudo com alunos de contrabaixo*. Dissertação de mestrado. Universidade de Minho: 2015. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/44112?locale=es>>. Acesso em: 09/08/2021.

CARNEIRO, J. L. *Avaliação de boas práticas obstétricas e desfechos maternos em maternidade de referência*. 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

CUSTODERO, L; JOHSONN-GREE, E. *Passing the Cultural Torch: Musical Experience and Musical Parenting of Infants*. Article in. <Journal of Research in Music Education>, 2003.

CUSTODERO, L; JOHSONN-GREE, E. *Caregiving in counterpoint: Reciprocal influences in the musical*. Article in. <Journal of Research in Music Education>, 2008.

CRUZ, J. C. S. LEITE, M. R. A. *Educação musical durante a pandemia do covid-19 em 2020: um relato de experiência*. Revista COCAR. V. 15, n. 32/2021. P. 1-20. 2021.

DURO, Alexandra Pires. *A percepção dos pais e professores sobre o envolvimento parental em Estudantes de música*. Dissertação de Mestrado. Alameda: 2017.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbee/a/fQfvBkfRhymjxNv5NTs4VBG/?lang=pt>>. Acesso em: 09/08/2021.

FERREIRA, Susana Isabel Atalaia. *A parentalidade em contexto de recomposição familiar: O caso do padrasto*. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa (Portugal).

ILARI, Beatriz. *Musical parenting and music education: Integrating research and practice*. Update: Applications of Research in Music Education, v. 36, n. 2, p. 45-52, 2017.

ILARI, Beatriz; PEREZ, Pricila; HABIBI, Alison wood and assal. *The role of community-based music and sports programmes in parental views of children's social skills and personality*. In. International Journal of community music. Australia: 2019. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/330929569_The_role_of_community_based_music_and_sports_programmes_in_parental_views_of_children's_social_skills_and_personality>. Acesso em: 09/08/2021.

JANUARIO, Cícera. E. A; NETO, Antonio. C.. *Aula de música no ambiente familiar: um projeto de pesquisa sobre o processo de ensino musical entre um pai professor de música e sua filha de 6 anos de idade*. In. Anais do XV Encontro Regional Nordeste da ABEM. 2020.

JANUARIO, Cícera. E. A. *Entre sons e afetos no cotidiano do aprender e fazer música: um estudo sobre um pai professor de música e sua filha de 6 anos de idade*. In. Congresso Nacional da ABEM. 2021.

JUNIOR, A. J. R. *As relações entre afetividade e o desenvolvimento cognitivo musical nos dois primeiros anos de vida*. Dissertação de Mestrado. Belo horizonte: 2015.

GIBSON, Rachel E. *Musical parenting: An Ethnographic account of music interactions of parents an young childrens*. Tese de doutorado. Universidade de

Washinton. United States: 2009. Disponível em:
 <<https://www.proquest.com/openview/71d72aefbc92374cb546f6507acf5d80/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>>. Acesso em: 09/08/2021.

GORIN, Michelle Christof et al. *O estatuto contemporâneo da parentalidade*. Revista da SPAGESP, v. 16, n. 2, p. 3-15, 2015.

LEAL, Liliane Marisa Alves. *Relação família-escola: o envolvimento parental no ensino especializado de música*. Dissertação de mestrado. Universidade Católica Porto: 2013. Disponível em:
 <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/14715/1/Resumo%20tese.pdf>>. Acesso em: 09/08/2021.

LEWIS, Judy. *Parents, children, and the popular music that binds them: New family dynamics and what they mean for community music*. International Journal of Community Music, v. 12, n. 1, p. 79-94, 2019. Disponível em: <International Journal of Community Music: Ingenta Connect Table Of Contents> Acesso em: 06/09/2022.

LIMA, C. S.; SILVA, E. G.. *Redes familiares e educação musical: resultados preliminares*. In. Anais do XXIII Congresso nacional da associação brasileira de educação musical. Manaus: 2017.

LIMA, L. J. R. S. *Villa-Lobos: de pai para filho*. Revista Opus, v, 23. n, 2. p, 116-130. 2017.

MATTAR, L. D. *Direitos maternos: uma perspectiva possível dos direitos humanos para o suporte social à maternidade*. 2011. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MATIUTTI, B. *Aprendizagem musical em família no contexto da aula particular de violão: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: 2016.

MCPHERSON, Gary E. *The role of parents in children's musical development*. Psychology of Music, v. 37, n. 1, p. 91-110, 2009.

OLIVEIRA, J. P. R; MORATO, C. Ts. *“Entre pais e filhos”: aprendizagem musical dos filhos na relação com seus pais*. In. Anais do XXIII Congresso nacional da associação brasileira de educação musical. Manaus: 2017.

RODRIGUEZ, Adrienne M. *Parent's perceptions of early childhood music participation*. In. International Journal of community music. Australia: 2019. Disponível em:
 <https://www.researchgate.net/publication/330933443_Parents'_perceptions_of_early_childhood_music_participation>. Acesso em: 09/08/2021.

PARIZZI, B. *O desenvolvimento da percepção do tempo em crianças de dois a seis anos: um estudo a partir do canto espontâneo*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: 2009.

PARIZZI, B. *O desenvolvimento da percepção do tempo em crianças de três a seis anos: um estudo a partir do canto espontâneo*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: 2004.

UPITIS, Rena; ABRAMI, Philip C; Brook, Julia; King, Mathew. *Parental involvement in children's independent music lessons*. In. Music Education Research. Australia: 2016. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14613808.2016.1202220?journalCode=cmue20>>. Acesso em: 09/08/2021.

VIEGAS, R. F. *Famílias aprendendo música em um mesmo espaço: uma experiência em um grupo de práticas vocais coletivas*. In. Anais do XVIII Encontro regional sul da Associação brasileira de educação musical. Santa Maria: 2018.

SANTOS, M. L. *As características musicais da comunicação entre adultos e bebê e suas implicações no desenvolvimento cognitivo musical da criança no primeiro ano de vida*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo horizonte: 2013.

STOCCHERO, M. A; ALMEIDA, N. S; TALAMINI, V. R. *Práticas musicais em família: um levantamento dentro do projeto de Extensão Musicalização Infantil UFMS*. In. Anais do XV Encontro Regional Centro-oeste da Associação Brasileira de Educação Musical. Goiania: 2018.

WERRENER, Emyli; KRAUSE, Amanda E; NORTH, Adrian C. *Parenting Style as a predictor of music preference*. In. SAGE Journals. Austrália: 2018. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0305735618816173?journalCode=poma>>. Acesso em: 09/08/2021.

ARTIGO 3

HISTÓRIAS CONTADAS E ENTRELAÇADAS INTERGERACIONALMENTE:

Caminhos metodológicos adotados em uma pesquisa sobre parentalidade musical

Introdução

É complexo escrever um relatório de pesquisa na abordagem qualitativa. Por um lado, envolve estudar uma produção científica já feita na área, sistematizar procedimentos e conhecimentos. Por outro, envolve ouvir o outro, aprender e apreender sobre conduções metodológicas específicas de abordagens, registros e análises de dados complexos e, por fim, registrar reflexões, conclusões e contribuições acadêmicas, a partir da vida real de todos os envolvidos.

Este artigo apresenta os caminhos metodológicos que se constituíram no campo de pesquisa, que envolveu duas famílias. Neste texto conto sobre as escolhas técnicas da pesquisa e os bastidores da investigação qualitativa que visou compreender e identificar as transmissões e apreensões das práticas musicais que ocorrem ao longo de 3 gerações - avós, pais e crianças a partir de 5 anos de idade.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender e identificar as transmissões e apreensões das práticas musicais que ocorrem ao longo de 3 gerações - avós, pais e crianças a partir de 6 anos. E os objetivos específicos, são: (1) refletir e discutir sobre as práticas de parentalidade musical que perpassam o processo intergeracional, entendendo quais são e como ocorrem as interações musicais entre avós e pais, pais e filhos, avós e netos; (2) entender quais são os valores e sentidos atribuídos à música que se manifestam e perpetuam no âmbito da intergeracionalidade familiar. (3) Analisar de que forma os valores musicais praticados em família se manifestam em outras esferas sociais (como escola, igreja, associações), bem como, em que medida as práticas musicais sociais repercutem no ambiente familiar.

Os colaboradores da pesquisa foram pessoas que revelaram fatos e condutas que nem sempre são padrões de comportamento, mas que contribuem para uma

melhor compreensão de como ocorrem os processos de parentalidade musical no viés da intergeracionalidade.

Pesquisa qualitativa

Construir uma pesquisa qualitativa é um desafio. Um desafio de olhar para o outro e trocar as próprias lentes sobre o mundo. Observar e coletar dados que podem se parecer com a própria história e desafios, mas ainda assim, ter a ética de analisar a história do outro, buscando um distanciamento e fundamentando as reflexões a partir de autores que contribuem para melhor compreensão do contexto estudado. Sendo assim, “a construção dos dados, provenientes do trabalho de campo, é fruto de uma operacionalização prática e também de uma construção epistemológica do pensamento teórico-metodológico da pesquisa” (FIALHO, 2014, p. 52).

De acordo com Denzin e Lincoln (2006) a abordagem qualitativa “é infinitamente criativa e interpretativa”. Isso porque “a tarefa do pesquisador não se resume a deixar o campo levando pilhas de materiais empíricos e então redigir facilmente suas descobertas. As interpretações qualitativas são construídas”. Eles seguem afirmando que “a prática interpretativa de entender as descobertas do indivíduo é tanto artística quanto política. Não existe uma única verdade interpretativa. O que existe são múltiplas comunidades interpretativas, cada qual com seus próprios critérios para avaliar a interpretação” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 37).

A partir dos autores citados, tomei esta abordagem como referência pelo fato dela permitir decisões e construções à medida que a pesquisa vai sendo desenvolvida. Os planos foram realizados, com o questionamento: será “nós (eu) conseguimos” coletar “a história certa?”, e ao mesmo tempo consciente de “não existem histórias ‘certas’, somente múltiplas histórias” (CRESWELL, 2014, p. 55).

Há histórias que serão contadas por pessoas diferentes, independente dos laços sanguíneos, possuem traços que os fazem únicos, de forma que as suas histórias não serão nunca as mesmas, e jamais serão contadas exatamente da mesma forma que seus pais ou filhos. Uma mesma história, portanto, pode ser contada por pessoas da mesma família, mas de forma completamente diferente. No processo de pesquisa qualitativa também é assim. Trata-se de contar as histórias de outras pessoas, observando seus jeitos, suas falas, ações e memórias a partir da visão de mundo, formação e reflexão do pesquisador.

Creswell, compreende que neste tipo de campo, há “muitos indivíduos diferentes, com diferentes perspectivas compondo os seus teares, criando assim o tecido da pesquisa qualitativa” (2014, p.48). O campo traz mais do que dados, traz experiências vividas por outras pessoas, portanto, nada neste tipo de abordagem é irrelevante, pelo contrário, o olhar conta, o gesto, a palavra não dita e o silêncio que perpetua. Assim, nesta abordagem, absolutamente tudo, o dito e não dito são dados que agregam sentido para a pesquisa.

Estudando um caso?

O caminho que percorri na pesquisa é situado dentro da especificidade do método estudo de caso. Creswell (2014, p. 86) compreende que o estudo de caso é a maneira com o qual o pesquisador “explora um sistema delimitado contemporâneo da vida real”.

Na pesquisa que realizei, busquei compreender a parentalidade musical ao longo de 3 gerações: avós, pais e filhos com idade entre 5 e 13 anos de idade. O caso estudado é, portanto, as experiências de parentalidade musical das famílias estudadas. A escolha por este método se deve ao fato de entender que ele permite um aprofundamento nas questões de pesquisa, permitindo maior compreensão dos fenômenos envolvidos. Silvia (2012, p. 43), entende que ao estudarmos um caso “até a sua base e em suas especificidades, talvez se consiga solucionar questões subliminares que afetam as emoções, os desejos e as opiniões do ser humano”.

Assim, o método estudo de caso de acordo com Yin (2015, p. 24) consiste em “uma maneira de investigar um tópico empírico seguindo um conjunto de procedimentos desejados”. O autor sugere um protocolo de procedimentos para caracterizar um estudo de caso e o organiza em quatro seções: “Seção A: objetivos e circunstâncias gerais sobre o assunto; Seção B: procedimentos de coleta de dados” que garantem a proteção dos sujeitos humanos e identificação dos dados. “Seção C: questões específicas que o pesquisador deve ter em mente e potenciais fontes de evidências para tratar cada questão, e; Seção D: um guia para o relatório” contendo esboço, uso de documentos, apresentações e informações bibliográficas (YIN, 2015, p. 88)

Sobre este método, Creswell (2014) compreende que o primeiro desafio é delimitar o caso específico, caso este, que surge no interesse incomum por si só de estudar a temática e o problema em questão, e que precisará de um detalhamento, chamado pelo autor de *caso intrínseco*. Para Creswell (2014, p. 88), para realizar uma boa delimitação do caso, é importante buscar um aprofundamento teórico, descrever detalhadamente os dados e analisar seguindo “padrões, asserções ou explicações”.

O caso desta pesquisa são as relações de parentalidade perpassadas pelo processo de paternidade/maternidade que culmina também na relação avós e netos. Estudar e delimitar uma pesquisa sobre a família no âmbito da educação musical, é contribuir para melhor compreensão deste fenômeno na esfera social, visto que as relações que são estabelecidas no ambiente doméstico refletem nas relações do meio social, escola, trabalho, e outras.

Colaboradores da pesquisa

Nas primeiras conversas sobre quem seriam os colaboradores da pesquisa, sugeri à minha orientadora que fossem alunos da minha empresa, que eu conheço e entendo que tem interesse nesta temática de pesquisa, mas, eticamente não seria interessante para a imparcialidade com os dados coletados para a pesquisa.

A partir desta decisão de que precisaria encontrar duas famílias, abrangendo 3 gerações específicas (avós e avôs, mães e pais, filhos) e que de alguma forma têm interesse pela educação musical, iniciei as buscas por escolas de música e musicalização infantil, que tivessem uma identidade estabelecida quanto ao ensino de música para crianças, com a coparticipação efetiva das famílias. Esta proposição de delimitar um número específico de família visa “consequentemente tornar-se mais específica”, não no sentido poético e belo, “mas de forma a facilitar o acesso para que os críticos possam avalia-lo apropriadamente” (CRESWELL, 2014, p. 88).

Enviei então uma carta à Profa Dra Vivian Madalozzo, diretora e proprietária da escola especializada em musicalização - Alecrim Dourado, localizada na cidade de Curitiba / Paraná, solicitando que a indicação de famílias que atendenssem determinados critérios para participarem da pesquisa. Os critérios foram:

- Avôs ou avós vivos disponíveis para contribuir com a pesquisa de forma presencial ou remota.

- Pais, mães (biólogo ou não) que se responsabilizem pelos cuidados, criação e vivências de seus filhos e que tivessem um relacionamento efetivo com seus pais (os avós mencionados anteriormente).
- Crianças com idade entre 5 a 7 anos¹⁵, que interagissem verbalmente e estivessem fazendo aulas de música a pelo menos 6 meses.

Os grupos foram formados pelos participantes que aceitaram contribuir com a pesquisa e que estavam disponíveis para que o cronograma previamente estipulado pudesse ser cumprido. Recebi duas indicações da diretora da escola, um da Família Justen e Paiva e Família Bono. Comecei então a entrar em contato com ambas as famílias por telefone. Entre uma ligação e outra, falei com Rosane, avó paterna na Família Justen e Paiva. Foi um telefonema aparentemente despretensioso, no horário de almoço, mas que durou cerca de 50 minutos e determinou muito do andamento da coleta de dados com esta família. Na ocasião ela se sentiu à vontade e compartilhou quem era a sua família, me explicou que era divorciada e contou sobre todos os seus netos.

A ligação foi longa e produtiva, tive vários insights e minha cabeça fervilhava de ideias e reflexões sobre o desenrolar da pesquisa, e naquele momento lamentei que aquele telefonema não era um contato oficial de coleta de dados para a pesquisa e, portanto, não estava sendo gravado. O objetivo do telefonema era assegurar à Rosane de que ela poderia contribuir com a minha pesquisa mesmo sem ter tido formação em música. Embora a conversa com Rosane não tenha sido usada oficialmente como fonte de dados, ela permitiu uma maior aproximação entre mim, pesquisadora, e os colaboradores desta família. Fiquei ciente da composição familiar e de parte da rotina adotada por eles. Desta família participaram da pesquisa Rosane, avó paterna, a mãe Clarissa, o pai Marçal, as filhas Clara (11) e Alice (6) e posteriormente os avós maternos, Vera Lúcia e Jorge, por uma conferência online, e em outra chamada teve a participação de Augusta, irmã de Marçal, que mora nos EUA, e seu filho Owen (7). A outra família foi a Família Bono, que contribuíram a avó materna Teresinha, a mãe Janaina e Lucas (7) e Maria Eduarda (13).

¹⁵ Mais tarde a faixa etária das crianças envolvidas na pesquisa ampliou para 13 anos devido à participação dos irmãos da família.

Rosane 1ª geração		Vera Lúcia 1ª geração	Jorge 1ª geração
Augusta 2ª geração	Marçal 2ª geração	Clarissa 2ª geração	
Owen 3ª Geração	Alice 3ª Geração	Clara 3ª Geração	

Quadro 1: Constituição da família Justen e Paiva
Fonte: elaborado pela autora

Teresinha 1ª geração	
Janaina 2ª geração	
Lucas 3ª Geração	Maria Eduarda 3ª Geração

Quadro 2: Constituição da família Bono
Fonte: elaborado pela autora

A partir destes cenários, utilizei como técnicas de coleta de dados o grupo focal e as entrevistas individuais, quando necessário, além de fontes documentais como fotos, vídeos e outros registros que as famílias venham a disponibilizar. Saliento que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética por meio do parecer consubstanciado CAAE: 53215521.6.0000.0104, no dia 06 de abril de 2022.

Criando um documento de autorização para/de crianças

A pesquisa por se tratar de um tema sensível como cuidados e ter a participação de seres humanos, foi necessário inscrever as autorizações perante ao comitê de ética. Foram 4 ajustes para chegar a tão enfim, aprovação. A aprovação se deu ao fato de precisar ajustar a linguagem do documento de uma forma que as crianças entenderiam, que fosse acessível a linguagem para o entendimento delas. Contudo, todas as pesquisas sugeriam documentos com linguagens formais, de uso não coloquial e sem nenhum tipo de referência para crianças. E o documento retornando sempre para ajustar a comunicação.

Depois da terceira reprovação, e com os prazos apertados, decidi escrever como uma educadora de crianças que sou, usando a linguagem popular, recursos de comunicação assertiva para crianças, e explicando como se estivesse de fato na frente delas a convidando para a pesquisa, e o documento enfim foi aprovado pelo comitê de ética. Escrevi como uma carta, me apresentando, explicando que estava escrevendo uma pesquisa, e que eu gostaria de conhecer como elas cantavam e tocando com a mamãe, o papai e seus avós, e também todas as etapas da pesquisa, como ver os vídeos e as conversas. Além é claro, de salientar que elas em nenhum momento seriam obrigadas a falar alguma coisa, e que poderiam me avisar, ou a mamãe e papai que não querem falar. E o mais interessante é que os grupos focais aconteceram exatamente assim, com uma liberdade das crianças cochicharem no ouvido de seus pais, ou simplesmente desenharem ou ficarem em silêncio quando quiserem.

Sobre os grupos focais...

O grupo focal foi utilizado com a finalidade de compreender as interações entre as diferentes gerações com relação aos aspectos da parentalidade musical. Esta técnica me permitiu coletar não apenas pontos de vistas individuais, mas as formas como os cada membro da família recebe e interage com cada depoimento. Uma vez que as questões não são seguidas como uma receita, a estrutura é utilizada de forma

a redirecionar quando necessário os entrevistados para o tema novamente, como uma mediação.

Ao tratar desta técnica, Yin (2015, p. 245) a define como uma “linha de investigação mental”, em que o pesquisador segue questões e tópicos que corroboram com o delineamento do pensar dos participantes daquele grupo.

O que de fato, o grupo focal não pode fazer

É se posicionar, fechar a questão, fazer sínteses, propor idéias, inquirir diretamente. Fazer a questão flui entre os participantes é sua função, lembrando que não está realizando uma entrevista com um grupo, mas criando condições para que este se situe, explicita pontos de vista, analise, infira, faça críticas, abra perspectivas diante da problemática para o qual foi convidado a conversar coletivamente. A interação que se estabelece e as trocas efetivadas serão estudadas pelo pesquisador em função de seus objetivos. Há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e porque pensam o que pensam. (GATTI, 2005, p. 9)

Nesta perspectiva, o grupo focal vem ao encontro de compreender não apenas as palavras e pontos falados nas entrevistas, mas também, compreender de fato como acontece as interações entre os participantes do grupo.

No dia 08 de abril de 2022, foi agendado o primeiro encontro de grupo focal com a família Justen e Paiva, que inicialmente confirmaram presença Rosane, Clarissa, Rosane, Clara e Alice, mas fui surpreendida positivamente ao ser informada que o Marçal, filho de Rosane e esposo de Clarissa participaria.

Mesmo tendo estudo a respeito e planejado o momento, eu me sentia um tanto insegura quanto ao encaminhamento do grupo focal. Ciente de que não se tratava de uma entrevista, não sabia exatamente como seria a prática desta técnica. Esta insegurança se justifica pelo fato de o grupo focal ser espaço de troca, em que meu papel é disparar elementos para discussão entre o grupo, observar e registrar. No sentido de que “é importante o respeito ao princípio da não diretividade, e o facilitador deve cuidar para que o grupo desenvolva a comunicação sem ingerências indevidas da parte dele, de opiniões particulares ou intervenções diretas” (GATTI, 2005, p.8)

Como mediar uma conversa sobre esse tema que poderia mobilizar lembranças, memórias, experiências, conhecimento, envolvendo adultos e crianças?

Me preparei para o momento conversando com profissionais mais experientes nesta abordagem, para que eu não fosse inconveniente ou antiética na condução.

Conversar com crianças para mim seria o caminho mais fácil, sou musicalizadora infantil há muitos anos, e me comunicar com elas, captar o que seus olhos e vozes poderiam me dizer seria mais fácil. Estou familiarizada com a espontaneidade típica delas.

Agendei o primeiro grupo focal, portanto, com a Família XXXX. Fui muito bem acolhida pela Clarissa no hall, e ela sugeriu realizarmos na sua casa o momento que inicialmente estava previsto no salão de festas do prédio. Aceitei o convite. O grupo foi composto por Rosane, Marçal, Clarissa, Clara e Alice. No decorrer do grupo focal Marçal precisou se ausentar, e o grupo ficou composto somente pelas mulheres. Neste momento a dinâmica que se instaurou foi mais fluída, talvez pelos papéis assumidos por cada um dos membros no âmbito familiar. Além deste encontro, tive dois outros com pessoas desta família via plataforma Google Meet¹⁶, um com Rosane, Augusta e Owen e outro com os pais da Clarissa.

No dia do grupo focal da Augusta e Owen, a chamada estava um pouco complicada, e logo Owen foi brincar próximo, e quando ele se sentia à vontade ele gritava algo para a mãe para complementar a conversa. Rosane parecia se sentir muito à vontade para conversar com Augusta, sua filha mais nova, contar fatos de sua infância e demonstrava ter um orgulho e satisfação muito grande da mulher que a filha se tornou. Volta e meia se emocionava ao notar semelhanças entre as lembranças musicais de Augusta e as já relatadas por Marçal e as netas. A sensação era que a avó estava descobrindo naquele momento o quanto a participação dela era importante para a formação e a criação de seus netos e o quanto isso impactou a vida de seus filhos.

A pesquisa com grupo focal, além de ajudar na obtenção das perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão das idéias partilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros (GATTI, 2005, p.10)

No grupo focal online com os avós Vera Lúcia e Jorge, a conversa transcorreu de maneira harmoniosa e leve. Eles formam um casal sorridente e mostravam a satisfação de terem dominado a tecnologia para participarem da videoconferência.

¹⁶ Explicar o q é...daqui 10 anos talvez não exista mais

Ambos possuem um sotaque pernambucano acentuado, me lembrando meus avós. A conversa foi leve, e foi através dela que eu descobri de onde veio o desejo da Clarissa de tocar violão, o avô que ela nem se lembrava tocava violão.

Os grupos focais foram mais do que um processo de coleta de dados, foram fontes de conhecimento e sabedoria. Conhecer estas histórias, ver como se entrelaçam e conseguir aprender sobre culturas completamente diferentes.

As entrevistas

Entrevistas são questionamentos gerados pelos objetivos de pesquisa, com base em responder as questões principais, onde o pesquisador conduz por meio de perguntas diretas aos colaboradores.

Por meio das entrevistas, é possível coletar dados

a respeito do que as pessoas fazem, como fazem e os motivos pelos quais fazem o que fazem; é possível investigar o que as pessoas sentem e as circunstâncias sob as quais sentem o que sentem; é possível identificar tendências de se comportar de determinada forma, entre tantas outras possibilidades. (GUAZI, 2021, p. 2)

Realizar estas entrevistas, foi um processo mais leve que os grupos focais e mais rápido, visto que vários questionamentos foram respondidos durante o grupo focal.

Para ser pontual com relação às questões, delimitei perguntas específicas a serem feitas a cada colaborador de acordo com as observações dos grupos focais. Foram realizadas 5 entrevistas individuais: Clarissa, Marçal, Rosane, Teresinha e Janaina.

Colaborador entrevistado	Família	Função familiar	Dia e duração
-----------------------------	---------	-----------------	---------------

Rosane	Família Justen e Paiva	Avó paterna	05/07/2022, 27min08seg
Clarissa	Família Justen e Paiva	Mãe	17/07/2022, 32min35seg
Marçal	Família Justen e Paiva	Pai	26/08/2022, 21min03seg
Teresinha	Família Bono	Avó materna	14/06/2022, 25min56seg
Janaina	Família Bono	Mãe	14/06/2022, 20min10seg

Quadro 3: Quadro das entrevistas individuais
Fonte: elaborado pela autora

Um fato muito importante a destacar durante o andamento das entrevistas, foi a leveza que as permearam. Marçal e Clarissa destacaram o quão surpresos estavam por descobrir como a musicalidade de seus pais de alguma forma está hoje entrelaçada a musicalidade de suas filhas. Já Rosane, estava muito grata, e me agradeceu várias vezes "por contar" a história musical de sua família, mas acima de tudo, despertar a consciência de que ela contribui muito para a vida de seus filhos, como uma “empresária do lar”, e agora também contribuí para com a vida de seus netos.

Ao ouvir Rosane agradecer por eu “contar” a história com música de sua família, lembrei que “não existem histórias certas, somente múltiplas histórias. Talvez os estudos qualitativos não tenham finais, apenas perguntas.” (CRESWELL, 2014, p. 55).

Redes sociais e playlist do Spotify também são dados

Com relação aos documentos que usei para conhecer e me aprofundar na dinâmica de algumas famílias, tive acesso a playlist do spotify¹⁷ que Rosane fez

¹⁷ <https://open.spotify.com/playlist/2lZxUISLuMpA2zkjaRtXP8?si=VdCDeSIGQzq8iSkCLvV8XQ>

especificamente para os netos, além de fotos e vídeos das crianças tocando juntamente com os seus pais em momentos despretensiosos, envolvendo música.

Playlist: NETOS Organização: Rosane			
Música	Versão inclusa na playlist	Estilos	Ano / Lançamento
1. Vo Bate Pa Tu	Baiano e os novos caetanos	MPB	1974
2. Leaozinho	Caetano Veloso	MPB	1977
3. Geraldinos e Arquibaldos	Gonzaguinha	Samba	1975
4. A vida do Viajante	Gonzaguinha e Luiz Gonzaga	Baião	1963
5. Lili [Hi Lili Hi Lo]	Maria Bethanea	MPB	1976
6. O circo	Maria Bethanea	Samba	1972
7. Cirandeiro	Edu Lobo e Maria Bethania	Ciranda de roda / Domínio Público	1967
8. Clareana	Joyce Moreno	MPB	1980
9. O Trenzinho do capiria	Edu Lobo	MPB	1976
10. Lamento da Lavadeira	Ney Matogrosso	Samba	2015
11. Bigorrilho	Maria Alcina e Ney Matogrosso	MPB	2013
12. O Vira	Ney Matogrosso	MPB	1973
13. Sitio do Picapau amarelo	Gilberto Gil	MPB	1977
14. A casa	Vinicius de Moraes	MPB	1970
15. Aquarela	Toquinho	MPB	1983
16. Fico assim sem você	Adriana Partimtim	Pop Rock	2002
17. Trem Maluco	Aline Romeiro, Wlat Mattos	Domínio Público	Sem data
18. Ciranda da Bailarina	Sandy e Orquestra Filarmônica de Paraisópolis	MPB	1983
19. Marinheiro só	Zé Renato e Paulinho Moska	Domínio público	Sem data
20. O leão	Caetano Veloso e Moreno Veloso	MPB	1980
21. A loja do mestre andré	Bia e Nino, Aline Romeiro e Wlad Mattos	Domínio público	Sem data

22. Piruetas	Os trapalhões e Chico Buarque	MPB	1981
23. Quadro Negro	Alceu Valença	Forró	2006
24. A Banda	Turma do Carrossel	MBP	1966
25. Baião Destemperado	Barbatuques	Forró stream	2002
26. Fui morar numa casinha	Hélio Ziskind	Domínio Público	Sem data
27. Bicharia	Os saltimbancos	MPB	1977
28. Oração	A Banda mais bonita da cidade	MPB	2011
29. Biquini de bolinha amarelinha	Banda de Boca	MPB	2008
30. O Pinguim	Chico Buarque	MPB	1980
31. Meu limão, meu limoeiro	Wilson Simonal	Domínio Público	Sem data
32. I'm Popeye the sailor man	Double zero orquestra	Internacional - Pop	2013
33. Piui abacaxi	Patati Patata	Infantil	1987
34. Sopa	Palavra cantada	Infantil	1996
35. Se essa rua fosse minha	Ana Santos	Domínio Público	Sem data
36. O balão vai subindo	Banda plinta	Forró	2015
37. João e Maria	Chico Buarque	MPB	1977
38. Fala	Secos e Molhados	Pop Rock	1973
39. Yellow Submarine	The Beatles	Pop Rock	1969
40. Ob-la-di, On-la- da	The Beatles	Pop Rock	1968
41. Álbum completo – A Arca de noé 1 – 14 músicas	Vinicius de Moraes	Infantil	1980
42. Álbum completo – A Arca de noé 2 – 13 músicas	Vinicius de Moraes	Infantil	1981

43. Álbum completo The sound of music – 10 músicas	Mpb4	Tema de filmes	1965
44. Happier	Marshmello, Bastille	Pop Rock	2018
45. Senorita	Shaw Mendes e Camila Cabello	Pop Rock	2019
46. Chica chica boom chc	Bebi Gilberto e Carlinhos Brown	MPB	2009
47. Canção de embalar	Carochinha	MPB	2010

Quadro 4: Repertório escolhido pela avó Rosane para compor a playlist do Spotify, que ela apresenta para as netas. Os itens 41, 42 e 43, não correspondem a quantidade de músicas presentes nos respectivos álbuns.

Fonte: elaborado pela autora

Embora este acervo não fora produzido com uma finalidade específica, a não ser registrar momentos, eles se constituíram em dados para a pesquisa. O acervo inclusive possui algumas particularidades como o próximo quadro clarifica. Notou-se uma preferência por apresentar músicas como MPB, o que vem de encontro as falas no grupo focal 1 e 2, além de músicas de 1960 a 2000, prevalecem. Os estilos mencionados no quadro, foram classificados de acordo com o blog Músicas e suas histórias¹⁸.

Quantidade de músicas por estilo musical – 81 músicas						
MPB	Samba	Pop Rock	Tema de filme	Domínio Público / Folclóricas	Infantil	Baião / Forró
21 músicas	3 músicas	7 músicas	10 música	7 músicas	29 músicas	4 músicas

Quadro 5: Quantidade de músicas por estilo musical

Fonte: elaborado pela autora

Como afirmam Bogdan e Biklen (1994, p. 176) “alguns materiais servem como fontes de férteis descrições de como as pessoas que produziram e pensam acerca do seu mundo”. Assim, estes documentos se tornaram “importante fonte de compreensão

¹⁸ <http://musicasesuashistorias.com.br/blog/>

de como os pais percebem seus filhos e quais as expectativas acerca deles” principalmente quanto ao “gosto” musical das crianças (p.178).

Com relação aos períodos que as músicas foram lançadas, segue um quadro apresentando em uma perspectiva resumida. É de fato importante observar estes dados, visto que a época que cada música foi lançada, nos revela um pensamento característico daquele momento, inclusive sobre a forma que era visto a família e a parentalidade.

As crianças das décadas de 60, 70, 80, 90 e dos anos 2000, foram expostas a um tratamento diferente, desde as atividades, metodologias escolares, músicas que eram apresentadas, quanto ao entendimento dos pais sobre as fases do aprendizado infantil. De fato, o interesse por conhecer e estudar sobre como educar um filho, é um tratamento novo no processo civilizatório. Elias (...) entende que

“a questão de como todos esses processos, que consistem de que nada mais do que ações de pessoas isoladas, dão origem a instituições e formações que nem foram pretendidas nem planejadas por qualquer indivíduo singular na forma que concretamente assumem. E, por último, em um amplo sumário, estas intuições do passado são combinadas, em um único quadro, com experiências do presente. (ELIAS, 1998, p.19)

Desta forma, a escolha pelo repertório, por músicas que remetem a períodos com costumes diferentes do que as crianças de fato vivem na atualidade, como o caso da playlist que Rosane criou, suscita de forma inconsciente a necessidade de apresentar costumes considerados ideais, visto que foi o que ela viveu durante a infância. “Talvez isso possa ser visto com um pouco mais de clareza se for compreendido como realmente operam esses processos civilizatórios” (Elias, 1998, p.19)

Períodos que as músicas foram lançadas			
1960-1979	1980-1999	2000-2019	Sem data
32 músicas	30 músicas	10 músicas	6 músicas

Quadro 6: Quantidade de músicas pela perspectiva histórica

De um total de 81 música, mais de 50% são músicas que não são “atuais” ou seja, são músicas consideradas tradicionais, que perpassam os períodos e continuam a ser utilizadas. Músicas em sua maioria classificadas como “música popular

brasileira”, mas que de fato, seguem um mesmo estilos, com instrumentalização similar – piano, violão e voz – e organização também.

A medida que se fizer necessário e como forma de agregar na análise dos dados, todos os materiais [playslit do spotify; fotos e vídeos presentes no instagram] disponibilizados pela família, como fotos, vídeos, documentos e redes sociais, podem vir a ser agregados como dados.

Diário de campo ou Diário de vidas?

Se a pesquisa se constitui de histórias e elementos para responder às questões sobre a parentalidade musical de duas famílias, nada mais pertinente do que relatar também a minha percepção enquanto ser humano e pesquisadora das minhas observações, desde a preparação para o campo, o campo em si e seus desdobramentos.

Através de um diário de campo, descrevi o que ocorreu ao longo do processo de convidar, estar, e refletir sobre os dados que estas famílias disponibilizaram e trouxeram para a pesquisa. Parafraseando Gerhardt (2009), foi no diário que registrei o que ouvi, vi, vivenciei e pensei, “no percurso da coleta de dados” (GERHARDT, 2009, p.63).

Os registros no diário de campo, foram feitos logo após os encontros com as famílias ou com seus membros, escrito em documento word, todas as minhas percepções, reflexões, insights e impressões, enquanto pesquisadora. Este documento resultou em um arquivo com 10 páginas em tamanho A4, fonte tamanho 12, espaçamento 1,5cm.

Análise dos dados coletados

Um ponto de partida interessante e importante na análise dos dados, é “brincar com os dados” (YIN, 2014, p.139), montar variadas proposições de organização do material levando em conta o tempo cronológico da coleta, montar diferentes categorias considerando a idade e posição geracional dos colaboradores, além de montar uma organização perante as questões de pesquisa e objetivos específicos.

Yin sugere, que em vez de “pensar sobre proposições teóricas, deixemos nos levar livremente pelos dados que foram coletados” (YIN, 2014, p.141), pois o campo pode fornecer materiais que não foram pensados ou requeridos pelas questões da pesquisa. Mas que a organização e planejamento destes dados são importantes para o processo de pesquisa.

De acordo com Medeiros e Amorim (2017, p.10) “analisar passa a ser sinônimo de construir compreensão, compreender o incompleto galgado por intermédio de um processo que recorre da explicitação de inter-relações entre as categorias”.

O processo de análise textual discursiva propõe etapas para uma organização da coleta de dados. Nesta pesquisa este processo ocorreu da seguinte maneira, paralelamente ao processo de coleta de dados, o material foi sendo organizado por temas específicos, como falas dos avós, falas dos pais e falas das crianças, em um processo de unitarização. A partir desta organização foi catalogado o material, considerando as questões de pesquisa e os objetivos específicos. Após o processo de descrição, iniciou-se o processo de interpretação e argumentação considerando o aporte teórico escolhido.

Medeiros e Amorim (2017) compreendem que, se as etapas de unitarização, categorização, interpretação e argumentação forem bem construídos, o autor terá “o metatexto, contextualizado na pesquisa” o que “é um esforço construtivo no que se refere a ampliar a compreensão dos fenômenos educacionais investigados. É um movimento nunca acabado de busca de sentidos, de aprofundamento da compreensão do objeto estudado” (p.11)

Aproximações entre parentalidade e figuração: Um caminho para análise

O conceito de figuração corresponde a interdependência de pessoas e de fato em um sistema familiar. Nas palavras de Norbert Elias (1980), em seu livro *Introdução a Sociologia*, a figuração é, portanto, uma forma de ser compreender determinado grupo social de pessoas e as relações que são formadas entre estas.

O autor conclui que processos figuracionais possuem uma organização específica, à medida que “a evolução se processa de A para D” (p.176). Em uma organização linear, sob um cronômetro do tempo, onde “muitas vezes um estudo

retrospectivo mostrará claramente não só que a figuração no ponto C é uma condição prévia necessária para D”, como também como este processo segue gradativamente. É passível que ao “estudarmos o fluxo das figurações, há duas perspectivas possíveis na relação entre uma figuração escolhida a partir de um fluxo contínuo e outra figuração posterior” (p.176). De fato, uma figuração pode ter um potencial de mudança muito maior do que outra.

O termo parentalidade traduzido do francês *parentalité*, vem sendo utilizado, em diferentes abordagens teóricas, e se utiliza para designar o processo linear de tornar-se pai e mãe, que vai além do biológico, envolvendo aspectos conscientes e inconscientes, que passam pela história da família de cada um dos pais e pelo contexto sociocultural em questão. O termo passou a ser usado no Brasil a partir da década de 1980. Mas foi inicialmente usado por Paul-Claude Racamier (1961), no início da década de 1960, para enfatizar o caráter processual implicado no exercício das funções dos pais em relação aos filhos.

O processo de parentalidade assumiu várias vertentes específicas ao longo dos anos, formas de analisar as funções maternas e paternas. De forma despretensiosa, salientamos as linhas de parentalidade permissiva, autoritária e um modelo mais equilibrado, no qual compreendemos que os pais possuem a necessidade de compreender o desenvolvimento infantil e colaborar em um processo respeitoso de cuidados, mediando entre uma permissividade e um autoritarismo extremo, mesclando-os de forma gentil.

A figuração de acordo com Elias (1980) possui “graus variáveis de possibilidade e probabilidade” no qual as gerações posteriores serão de fato uma continuidade não linear.

Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas interrelacionadas. (ELIAS, 1994, p. 27)

A compreensão da dinâmica familiar imanente de uma figuração é impossível para aqueles que a constituem, enquanto estiverem envolvidos nas alterações e conflitos decorrentes das suas interdependências. Uma análise figuracional

mostra-nos muitas vezes porque é que isto tem de ser assim. Embora tais tendências não sejam independentes das interações e ações dos indivíduos que constituem as figurações, a forma que a figuração toma não será determinada por planos deliberados ou pelas intenções de alguns dos seus membros, nem por grupos deles, nem mesmo por todos eles em conjunto. (ELIAS, 1980, p.180)

O fato de uma determinada formação figuracional em uma fase ou outra do desenvolvimento formar a base de um processo e, desta forma, fornecer modelos para outras formações, de forma que sejam difundidos e aceitos por elas já pressupõe “uma situação social e uma estrutura especial de sociedade como um todo, em virtude da qual a um círculo é cometida a função de criar modelos e a outro as de difundi-los e assimilá-los” (ELIAS, 1994, p.124).

Norbert Elias, propôs uma escrita interdisciplinar de seu trabalho, onde em cada livro é possível encontrar explicações e sugestões de análises para o modelo figuracional. No livro a Sociedade da Corte (2001, p. 15), que o autor explica qual é a função analítica do sociólogo “identificar e compreender as diferentes formações sociais que se sucederam ao longo dos séculos”, no qual denomina como *Figurationsanalyse*, ele apresenta as três bases para compreender os processos sociais figuracionais, 1. A evolução biológica, 2. A evolução social e a 3. Evolução vivida na escala da história individual.

Essa distinção de três “correntes de evolução” pretende, sobretudo,

Marcar duas propriedades fundamentais, estruturais, das formações sociais: inicialmente, que as posições e relações que as especificam existem independentemente dos indivíduos que sucessivamente ocupam as primeiras e se acham inseridas nas segundas; depois, que, contrariamente às sociedades animais, as sociedades humanas se transformam sem que haja por isso modificação obrigatória da constituição biológica dos indivíduos, o que enfatiza o problema das razões mesmas pelas quais uma figuração social aparece ou cede o lugar a outra. O propósito é situar a duração, e os ritmos próprios da evolução nas formações sociais, uma duração e um ritmo que não são perceptíveis pelos sujeitos de uma formação dada. (ELIAS, 2001, p. 15)

Esse embasamento sociológico, permite compreender que cada pessoa presente dentro de determinada figuração, é representante de uma função que só é “formada e mantida em relação a outras funções, as quais só podem ser entendidas em termos de uma estrutura específica e das tensões específicas desse contexto total” (ELIAS, 1994, p. 22)

O modelo sociológico de análise de Elias, está desenvolvido e explicado em

sua totalidade de materiais e livros. Em cada livro (1980, 1994a, 1994b, 1995, 2001) o autor entrega interdisciplinarmente uma maneira, uma forma de olhar as figurações, de analisá-las, não sendo um único modelo, rígido, mas sim, de forma ampla, compreendendo que uma figuração é parte de uma sociedade, que está em um processo de interdependências, mas que se alteram com o curso da vida humana, e que, observando as características, biológicas, sociais e principalmente as experiências individuais de cada ser humano é possível compreender como a figuração foi formada, e como ela perpassou as gerações.

Considerações

Este artigo, se constitui como um compilado das ações e intenções metodológicas usadas na pesquisa de mestrado intitulada “Parentalidade Musical e Intergeracionalidade: Processos invisíveis de educação musical”.

A pesquisa é um processo de descoberta instigante, pesquisar um caso que contempla três gerações e os aspectos musicais que as perpassam, para mim, é como estudar uma peça musical com muitos movimentos diferentes, com movimentos *andantes*, mas também com movimentos *presto*, com temas que se repetem com variações específicas, porém complementares à sua apresentação e, com certeza partes interdependentes (figuração).

Desenvolver uma pesquisa de caráter qualitativo é um processo de descoberta, um processo que permite olhar e observar, mas do que fatos “falados”, mas também fatos não ditos, permite estar em convívio e sentir ao pesquisar.

Analisar a parentalidade a partir do conceito de figuração, é ampliar o olhar ao importante papel do processo social na geracionalidade de um sistema familiar.

Estar dentro da casa dos colaboradores da pesquisa foi desafiador, mas permitiu analisar sob uma ótica mais integral vendo não só o que é dito, mas também o que é vivido.

Os grupos focais foram de fato, muito importante para olhar as trocas, os olhares, as palavras não ditas. As entrevistas constituíram como o delineamento das informações, como a junção de observações que iniciaram nos grupos. As redes sociais, que são poucas, vídeos e fotos, constituíram-se como a visualização de

práticas já faladas, mas que corroboraram para o enredo da pesquisa.

Por fim, para este capítulo o conceito central para a análise dos materiais coletados, foi compreender a família com processos que configuram uma figuração, figuração esta que por meio do tempo pode, ou não sofrer variações.

Referências

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora: 2013.

CRESWELL, John W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. 3ª Edição. Porto Alegre: Penso, 2014.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Artmed, 2006.

DE MEDEIROS, Emerson Augusto; AMORIM, Giovana Carla Cardoso. *Análise textual discursiva: dispositivo analítico de dados qualitativos para a pesquisa em educação*. Laplage em revista, v. 3, n. 3, p. 247-260, 2017.

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Editora, Portugal, 1980.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Zahar, Rio de Janeiro, 1994a

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Zahar, Rio de Janeiro: 1994b

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Zahar. Rio de Janeiro: 2001

ELIAS, Norbert. *Escritos & ensaios 1*. Zahar, Rio de Janeiro: 2006.

ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um gênio*. Zahar, Rio de Janeiro: 2010.

FIALHO, Vania Aparecida Malagutti da Silva. *Aprendizagens e práticas musicais no Festival de Música Estudantil de Guarulhos*. 2014. Disponível em: [000919389.pdf;sequence=1 \(ufrgs.br\)](000919389.pdf;sequence=1)

GATTI, Bernadetti Angelida. *Grupo focal nas pesquisas em ciências sociais e humanas*. Serie pesquisa em educação, vol 10. Brasília, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Plageder, 2009.

YIN, Robert K. *Estudo de Caso-: Planejamento e métodos*. Bookman editora, 2015.

ARTIGO 4

UM PASSEIO PELA OBRA DE NORBERT ELIAS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Tudo começa, antes mesmo de começar... Norbert Elias

Este texto é uma introdução ao fazer sociológico, processos sociais e estudos figuracionais pela sociologia de Norbert Elias. Busca compreender a importância da obra de Norbert Elias para o estudo da parentalidade musical, tendo como lugar principal de fala os livros sociológicos traduzidos de Norbert Elias (1980, 1994a, 1994b, 2001, 2006, 2010).

Quem é Norbert Elias?

Norbert Elias (1897 - 1990), um sociólogo alemão, de família judaica, que precisou fugir da Alemanha nazista e viveu quase quarenta anos na Inglaterra. O reconhecimento de sua produção intelectual iniciou 20 anos antes de sua morte, já em idade avançada. Seus escritos, contribuem para reflexões e avanços no conhecimento em diferentes áreas, inclusive no campo da Educação Musical.

Elias ao longo de suas pesquisas e estudos, publicou diversos textos, estudos e livros, incluindo autobiografias. Uma de suas obras mais conhecidas é “O Processo Civilizador”, uma publicação de dois volumes escrita em 1939, (1993 e 1994a), considerada um expoente dessa situação de relativa independência de ideias no campo da sociologia.

Dentro da perspectiva do processo civilizador, o autor apresenta o termo *figuração*, e a cada novo livro vai discutindo gradualmente as particularidades do termo.

Neste artigo, detenho-me a apresentar e discutir o conceito de *figuração*, abordando a temática do que se refere as teias de interdependência, a partir de livros do próprio autor e teses que propuseram a estudar o trabalho do autor. Os livros do autor que são base para este artigo, são: Introdução à sociologia (1980), O processo civilizador vol. 1 (1994), Sociedade dos indivíduos (1994), Mozart: Sociologia de um gênio (1995), A sociedade da Corte (2001) e Escritos e Ensaios (2006).

A Sociologia e suas teias de interdependência

“A sociedade é o objetivo final e o indivíduo é apenas o meio” (Nobert Elias, 1994, p.18)

A partir do desenvolvimento da nossa maturidade, começamos a nos enxergar/ver enquanto seres humanos, repetindo coisas, que não necessariamente estudamos, ou passamos por um processo consciente de aprendizagem. Também começamos a pensar mais nos porquês, porquê temos comportamentos parecidos ou iguais a determinadas pessoas, famílias ou grupos, ou ainda porquê falamos com determinado sotaque ou forma ou porquê nos vestimos com um estilo específico, ou porquê estudamos um instrumento musical ou aprendemos determinado idioma. Elias nomeou esse processo de amadurecimento como o processo civilizatório.

O processo específico de “crescimento” psicológico nas sociedades ocidentais, que com tanta frequência ocupa a mente de psicólogos e pedagogos modernos, nada mais é do que o processo civilizador individual que todos os jovens, como resultado de um processo civilizador social operante durante muitos séculos, são submetidos desde a mais tenra infância, em maior ou menor grau e com maior ou menor sucesso (ELIAS, 1994, p.15)

Todo ser humano está exposto desde o primeiro momento da vida à influência e à intervenção modeladora de adultos civilizados (Elias, 1994, p.15.), ele deve de fato passar por um processo civilizador para atingir o padrão alcançado por sua sociedade, e em uma esfera menor, por sua família.

Elias (1994) concluiu no que sugere ser um “esboço de uma teoria de civilização”, que há ligações entre mudanças na estrutura da sociedade e mudanças na estrutura do comportamento e da instituição psíquica.

A questão de como todos esses processos, que consistem de nada mais do que ações de pessoas isoladas, apesar disso dão origem a instituições e formações que nem foram pretendidas nem planejadas por qualquer indivíduo singular na forma que concretamente assumem. (Elias, 1994, p.18)

As ações parentais, as formas de educar que naturalmente os pais assumem perante seus filhos ao longo da vida, nem sempre são planejadas ou organizadas para gerarem um comportamento específico, contudo, o que acontece, é que estas mesmas ações específicas do núcleo familiar, recriam-se para outros ambientes e com o passar do tempo assumem processos que se tornarão históricos.

é possível que, com uma compreensão mais clara deles, possamos, algum dia, tornar acessíveis a um controle mais consciente esses processos que hoje ocorrem em nós e a nossa volta de uma forma não muito diferente dos fenômenos naturais, processos que enfrentamos da mesma maneira que o homem medieval enfrentava as forças da natureza (ELIAS, 1994, p. 19).

A partir de todos estes processos que vão se estabelecendo historicamente e formando formas coletivas de pensamento, vão se estabelecendo processos civilizatórios. Elias entende que ao longo das gerações, ocorreram mudanças que explicam os motivos pelos quais o comportamento humano acontece atualmente, como a forma que as crianças no início pareciam ser subjugadas.

Sobre o conceito de civilização, entendendo-o como um conjunto de processos que perpassam as gerações, o autor (1994), compreende que

têm algo do caráter de palavras que ocasionalmente surgem em alguns grupos mais estreitos, tais como família, seita, classe escolar ou associação, e que dizem muito para o iniciado e pouquíssimo para o estranho. (Elias, 1994, p.26)

É interessante, que o próprio autor compreende a mutualidade e transgressão da palavra civilização, pois esta vai assumir significados e experiências particulares de acordo com o grupo que está inserido. Portanto, caso o grupo seja uma seita, ou uma família, cujo os membros tem características e comportamentos específicos, a civilização daquele determinado grupo, será diferente de uma outra em outro contexto social.

Parafraseando Elias (1994), a civilização é, portanto, a racionalização de um grupo, sobre um conjunto de processos, onde não é um processo no campo isolado de "idéias" ou "pensamentos". Não se trata apenas de mudanças no "conhecimento", de transmutações nas "ideologias", enfim, de mudanças no conteúdo da consciência, mas de mudanças em toda a constituição humana, cujas ideias e hábitos de pensamento não são um só. São de um grupo social.

A partir de uma movimentação, de um cursor sempre em movimento de sentimentos, ideias e pensamentos, o processo de civilização se constitui. O “conceito de civilização refere-se à direção desse processo” (Elias, 2006, p.37).

O processo de civilização está relacionado a auto-regulação adquirida, imperativa para a sobrevivência do ser humano. Sem ela, as pessoas ficariam irremediavelmente sujeitas aos altos e baixos das próprias pulsões [reações naturais], paixões e emoções, que exigiriam satisfação imediata e causariam dor caso não fossem saciadas. Na ausência da auto-regulação, não se poderia, sem grande desconforto, adiar – conforme circunstâncias realistas – o aplacamento das pulsões nem modificar a direção da busca desse objetivo. Nessa situação, todos agiriam como crianças pequenas, sem condições de regular as pulsões e as paixões – ou seja, de se auto regular – e igualmente incapazes, portanto, de viver permanentemente na companhia dos outros. (ELIAS, 2006, p.37)

No nível mais básico, o indivíduo existe sempre em relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura específica para sua sociedade. Ela deriva sua própria história e costumes na verdade sobre a história de toda a rede humana na qual ela cresce e vive, uma interdependência de todas as ações que ela conhece dos outros, sendo assim, sobre tudo que ela viveu desde seu nascimento, uma interdependência considerada por Elias, congênita pois é tudo que ela viu por toda a sua vida.

[...] cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e a mais, que chamamos de “sociedade” (ELIAS, 1994, p.178.).

Esta interdependência congênita nas mais variadas formas, pode ser nomeada pelo o que Elias entende de figuração, nas quais se estabelecem múltiplas interdependências, para cada grupo social a qual este indivíduo é inserido.

O que são as Figurações?

Elias a partir de 1970, em seu livro “Was ist Soziologie?”, sem tradução para o português, utiliza mais sistematicamente o conceito de figuração. De acordo com Ribeiro (2010), nesta obra, é possível encontrar explicações mais detalhadas sobre a forma de pensar as sociedades humanas como figurações.

O conceito de figuração e o conceito de processo formam o núcleo da abordagem desenvolvida por Norbert Elias, cujo objetivo principal é deixar transparecer o movimento das relações sociais em todo o período histórico da sociedade.

As relações sociais são redes de interdependência, redes que não são propriamente ditas estáticas e nem fechadas, são móveis, e à medida que tanto os indivíduos, quanto as sociedades se desenvolvem, as relações sociais mudam.

Elias propõe uma figura que tem mais a ver com uma cadeia de interconexões entre os indivíduos, onde trocas, acontecem propositalmente ou não. Onde cada indivíduo é uma unidade que depende também da relação com outras e que nesta troca interdependente se vincula em posições de poder ou não. Parafraseando Canal (2011) não há separação entre indivíduo e sociedade, tanto indivíduo, quanto a sociedade são processos, cuja a principal característica é a mudança.

Este movimento de relações, trocas, vinculações ou mudanças, é um dos aspectos mais significativos na teoria sociológica de Norbert Elias, onde ele o denomina como Figuração. O conceito inclui expressamente os seres humanos em sua formação, visto que as relações são interdependentes e “apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros” (ELIAS, 2006, p. 25).

De acordo com Elias (2001), as figurações que muitos indivíduos formam em sua convivência, são tratadas frequentemente em muitas formulações históricas como bastidores. Contudo, “na análise das figurações, os indivíduos singulares são apresentados da maneira como podem ser observados, como sistemas orientados para a reciprocidade” (p.51). Na maior parte das vezes, as figurações que os indivíduos formam, mudam lentamente, de maneira que as pessoas mais jovens, podem ocupar as posições abandonadas pelos mais velhos, seus responsáveis posteriormente. “Os indivíduos singulares que formam uma figuração social específica de fato podem desaparecer, dando lugar a outros” (ELIAS, 2001, p.51).

Quando se fala sobre o processo de desenvolvimento infantil, falamos sobre tornar-se um indivíduo por meio de uma integração em determinadas figurações, seja a família, a escola, os grupos em parques ou afins.

O convívio dos seres humanos em sociedades tem sempre, mesmo no caos, na desintegração, na maior desordem social, uma forma absolutamente

determinada. É isso que o conceito de figuração exprime. Os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas. Diferente de outros seres vivos, essas figurações não são fixadas nem com relação ao gênero humano, nem biologicamente (ELIAS, 2011, p.26).

Ao longo da existência humana, e do desenvolvimento de cada indivíduo, forma-se vários tipos de figurações, onde os indivíduos se transformam neste processo, e conseqüentemente as figurações também se transformam. Mas estas mudanças a caracterizam diferentemente à medida que é desenvolvida. De acordo com Canal (2011), quando falamos de figurações, dispomos de uma imagem do ser humano mais adequado a realidade, não separando-o da sociedade, contudo essa idealização é errônea, pois, tudo faz parte do mesmo processo, processo este que é social.

De acordo com os estudos sociais de Elias, as figurações são formadas a partir de relações de poder, que se estabelecem a partir de um jogo de emoções. O autor afirma que não é possível desvincular sociologia, filosofia, psicologia e outras áreas de conhecimento, que seria inclusive um trabalho inútil (ELIAS, 1997), portanto a forma com que sentimentos as nossas emoções configuram o nosso comportamento, a forma que iremos ou se subjugar ou liderar determinado grupo, e desta forma é condicionado e estabelecido as figurações.

Uma forma adequada para compreender essas relações de poder em uma figuração era

Considerar este, de um modo inequívoco, como sendo uma característica estrutural de uma relação, que a penetra totalmente, como característica estrutural que é, não é boa, e não é má. Podem ser boa ou má. Dependemos dos outros, os outros dependem de nós. Na medida que somos mais dependentes dos outros do que eles são por nós, estes tem poder sobre nós, quer nos tenhamos tornado dependente deles pela utilização que fizeram da força bruta ou pela necessidade que tínhamos de ser amados, pela necessidade de cura, de estatuto, de uma carreira ou simplesmente de estímulo. (ELIAS, 1980, p.101)

Essas relações de poder, modelos de figurações e análises servem para tornar mais acessíveis à reflexão científica, “na verdade, estes problemas desenvolvem um papel fundamental em todas as relações humanas, mas são muitas vezes ignoradas quando se teoriza a cerca delas” (ELIAS, 1980, p.101).

De uma geração a outra: Quais processos sociais Elias analisa?

Os seres humanos, são seres interdependentes, estão próximos uns dos outros aprendendo e internalizando hábitos, que podem ser bons, ou não para estes próprios. E é exatamente isso que o conceito de figuração exprime, a figuração está relacionada ao processo social que cada indivíduo vive, e que posteriormente replica-se ou não por meio da transmissão geracional.

Os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns aos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas. Figurações de Vilarejos podem se tornar cidades; clãs podem se tornar pequenas famílias; tribos podem se tornar estados. Inversamente, diferentes seres humanos singulares podem formar figurações similares, com certas variações (famílias, burocracias, cidades, países).

Quando discutimos aspectos de figurações, dispomos de uma imagem do ser humano e de um instrumento conceitual mais adequado à realidade e cujo auxílio pode-se evitar o tradicional dilema da sociologia: “aqui o indivíduo, ali a sociedade”, dilema que se baseia em um jogo, de tipo extra científico, com palavras ou com valores.

Trata-se de um grupo de caráter diferenciado, de um grupo que se define pela idade; trata-se de filhos de pais, de pequenos seres humanos totalmente dependentes dos maiores e que se encontram a caminho de se tornarem adultos. Trata-se de crianças que formam um grupo social particular. (ELIAS, 2010, p. 30)

Organizações e figurações são de fato um agrupado de indivíduos com interesses em comum, ou indivíduos que os interesses irão se formar, inclusive por estar dentro deste grupo, como é o caso das crianças, que à medida que se desenvolvem e crescem, vão aprendendo, observando e fazendo as próprias escolhas sobre realidade em que vivem.

Talvez, se pudesse denominar como uma necessidade que as crianças têm de viver sua própria vida, uma maneira de viver, em muitos sentidos, distinta do modo de vida dos adultos, apesar da sua interdependência com estes. Descobrir as crianças significa, em última medida, dar conta da sua relativa autonomia, ou, em outras palavras, deve-se descobrir que elas não são simplesmente adultos pequenos. Elas vão se tornando adultas, individualmente, por meio de um processo social civilizador que varia segundo o estado de desenvolvimento dos respectivos modelos sociais de

civilização. A reflexão mais profunda sobre as necessidades das crianças é, no fundo, o reconhecimento do seu direito de serem compreendidas e apreciadas em seu caráter próprio e este também é um direito humano. (ELIAS, 2010, p. 60)

A formação familiar do ponto de vista do autor, é um processo social de figuração, onde o relacionamento entre os membros destas famílias formam relações que se perpetuam entre as gerações. “Diferentemente do processo biológico de evolução, os processos sociais são reversíveis” (...) “e instrumentos conceituais para a determinação e a investigação de processos são pares conceitos como integração e desintegração, engajamento e distanciamento, civilização e descivilização, ascensão e declínio” (Elias, 2006, p.28).

No desenvolvimento intergeracional de uma família é possível identificar ou reconhecer deslocamentos de poder, ou seja, quando membros da família, decidem de forma intencional ou não, mudar o processo social, a parentalidade, a forma como se comunica ou “educa” os próprios filhos. Elias (2006, p. 28), entende que “processos sociais mais longos permitem reconhecer frequentemente e de modo bastante claro a ruptura de um estágio do processo para outro”.

A relativa autonomia que processos sociais possuem, é na verdade, uma forma contínua de entrelaçar as sensações, pensamentos e ações dos indivíduos e de determinados grupos, ou seja, determinadas figurações. Há também outro conceito, que pode ser entrelaçado aos processos sociais, no que tange a parentalidade, que é o que Elias (2006), nomeia de constância de direção, quando embora não seja planejado, os processos sociais se mantem e conservam na mesma direção por centenas ou milhares de anos, quando não há uma ruptura no poder.

No primeiro, a continuidade do processo de uma geração a outra é assegurada pela transmissão genética; e as mutações genéticas, que não são influenciáveis por aprendizado, constituem o ponto de ataque para a seleção mediante as lutas de eliminação. No segundo caso, a continuidade do processo é mediada pela transmissão de conhecimento especificamente social, adquirido mediante aprendizado na forma de símbolos sociais, sobretudo símbolos linguísticos, e sem dúvida em todos os domínios da vida. A continuidade intergeracional das unidades de subsistência humanas como um todo, por conseguinte tanto seus aspectos econômicos como de auto-regulação, exige uma transmissão de conhecimento com o auxílio de símbolos linguísticos. (ELIAS, 2006, p. 32)

Contudo, a diferença entre a transmissão genética não influenciável pelo aprendizado e a transmissão de conhecimento possível apenas mediante o

aprendizado é também corresponsável pelo fato de que os processos de evolução biológica são irreversíveis, enquanto os de desenvolvimento social são reversíveis.

A formação do indivíduo no convívio familiar

Um dos aspectos mais importantes ao discutir sobre a formação familiar na visão de Norbert Elias, é reconhecer que independente da escolha que os pais fazem sobre a vida da criança, a criança vem ao mundo provida de sentido. Ao longo do viver, o sentido a conduz a fazer escolhas e a defender as próprias batalhas, desde a mais tenra idade, como se levantar sozinha lá por volta dos 8 meses a 1 ano, é um desafio extremo naquele momento, mas que com o aumento de tentativas, pode ser o gerador de conquistas e uma satisfação ímpar na história daquele pequeno indivíduo. Elias compreende que, “em uma medida muito maior do que antes, tem-se concedido às crianças uma participação mais significativa nas decisões, tem-se reconhecido certa autonomia” (ELIAS, 1994, p. 37).

Sobre posições de poder e força, compreendemos que as crianças em uma família, é o grupo de menor força, enquanto os adultos são, os grupos de força. Elias (1994, p. 50) diz que “os membros dos grupos fracos contam com uma margem excepcionalmente reduzida de decisão individual”.

Crianças são seres curiosos, e que precisam de liberdade para desenvolver suas potencialidades, como o ato de andar, falar e comer, mas

Exige dos pais que, certamente, dispõem de oportunidades de poder muito maiores do que as crianças, um grau de consideração e reserva, de civilização que, se assim podemos dizer, supera, em muito, o grau de autocontrole e reserva socialmente esperados dos pais de épocas passadas. (ELIAS, 2006, p. 23)

Mas é sabido que a educação com aspectos que incitam o processo de autonomia infantil é atual, sobre os processos de criação mais rígidos e que não tinham um posicionamento libertário, Elias (2006) diz que

Em tempos passados e, frequentemente, até o presente, a relação entre pais e filhos tem sido claramente uma relação de dominação; uma relação entre algumas pessoas e outras que obedecem. Desse modo, esse tipo de relação também era objeto de prescrições normativas e os implicados concebiam seus vínculos nesses termos. Como uma relação de dominação, caracterizada por uma distribuição das oportunidades de poder claramente desigual entre pais e filhos, as condutas exigidas dos implicados eram relativamente simples e claras. Aos pais, na realidade, correspondiam todas

as decisões sobre as ações das crianças. Além disso, era estipulado, como norma social, que essa distribuição das oportunidades de poder – ordens dos pais, submissão das crianças – era boa, correta e desejável. Essa concepção fazia parte tanto do ponto de vista dos pais, como também – segundo o que tem sido aceito, geralmente – do ponto de vista das próprias crianças. (ELIAS, 2006, p. 25)

Sempre haverá convergências nas relações entre o que os filhos fazem enquanto pais e o que receberam enquanto filhos, talvez, em algumas famílias terão menos, em outras mais, mas é sabido, que de uma geração para outra, inclusive por conta do avanço tecnológico, cada família terá em suas formações, aspectos individualizados.

Elias compreende que nos encontramos em um período de transição no qual as relações entre pais e filhos mais antigas, estritamente autoritárias, e outras mais recentes, mais igualitárias, coexistem e ambas as formas, frequentemente, encontram-se misturadas dentro das mesmas famílias. “A transição de uma relação pais-filhos mais autoritária para uma mais igualitária gera, pois, para ambos os grupos, uma série de problemas específicos e, em geral, uma considerável insegurança” (ELIAS, 1994, p. 20)

De acordo com o autor, “

se quisermos entender por que, em épocas passadas, a relação entre pais e filhos, em muitos sentidos, apresentava formas distintas das que apresenta em tempos mais recentes. Primeiro, houve uma fase em cujo curso os adultos tratavam de esconder o caráter apaixonado e fortemente animal da natureza infantil, simultaneamente ao crescente controle das suas próprias pulsões animais; logo seguiu uma fase em que foram redescobertas as peculiaridades das crianças e, como uma de suas facetas, seus impulsos pouco domados graças à ajuda de trabalhos científicos. (ELIAS, 1994, p. 37)

Sendo assim, as ideias, convicções, afetos, necessidades e traços de caráter produzem-se no indivíduo mediante a interação com os outros, como coisas que compõem seu “eu” mais pessoal e nas quais se expressa,

justamente por essa razão, a rede de relações de que ele emergiu e na qual ele penetra. E dessa maneira, esse eu, essa “essência pessoal” forma-se num entrelaçamento contínuo de necessidades, num desejo e realização constantes, numa alternância de dar e receber. É a ordem desse entrelaçamento incessante e sem começo que determina a natureza e a forma do ser humano individual. Até mesmo a natureza e a forma de sua solidão, até o que ele sente como sua “vida íntima”, traz a marca da história de seus relacionamentos - da estrutura da rede humana em que, como um de seus pontos nodais, ele se desenvolve e vive como indivíduo. (ELIAS, 1994, p. 36)

É compreensível que nós seres humanos na sede de tentarmos nos desvincular de histórias que de alguma forma causam dor, neguemos as nossas origens e as nossas gerações. Mas é sabido e Elias afirma, que independente de nossas escolhas, trazemos em nossas atitudes, marcas das redes de relações que nos formaram enquanto indivíduos.

Considerações

Norbert Elias, foi um sociólogo a frente de seu tempo, propôs bases importantes para pensar o mundo atual, sobretudo o mundo que já passou. Acerca de suas proposições, é possível considerar que os indivíduos são seres que vão desde antes do seu nascimento se moldando e se adaptando ao espaço em que vivem, o que vem ao encontro do significado da palavra parentalidade.

Chegamos nesta proposta de análise e no trabalho total de Norbert Elias, a partir do livro “Mozart: Sociologia de um Gênio”, a leitura inicial para uma educadora musical e educadora parental que se propôs a estudar o processo de parentalidade sob o olhar da aprendizagem musical, foi uma descoberta e tanto, como se tivesse encontrado um tesouro valioso em mãos, e este foi o primeiro livro a ser estudado, inicialmente de forma muito superficial. Escrevo inclusive estas considerações, apreciando o Quinteto de cordas em sol menor, cujo Norbert Elias sugere no livro. É interessante que a obra tem um caráter melancólico, e muito se assemelha à relação de pai e filho que à medida que a leitura se refaz é possível observar. Um filho, uma criança cuja a necessidade era agradar seu pai, receber um reconhecimento, cujo o amadurecimento veio de forma muito precoce, o trabalho, os confrontos de poder nas cortes, como Elias mencionou em vários dos seus trabalhos. E o pai que idealizava um futuro a partir do trabalho de seu filho.

A parentalidade é um termo pouco utilizado pelas ciências sociais e pela educação musical, contudo, com base no trabalho de Norbert Elias, é possível entender a parentalidade também como um processo social, um processo com organizações, tensões, limites e regras comunicáveis ou não, que podem ser analisados de diferentes âmbitos. Este processo, que denominamos como

parentalidade, essa forma específica de olhar as relações, as figurações dentro da perspectiva geracional familiar, vem como uma oportunidade de clarificar situações e perspectivas que irrompem o tempo, e alteram o curso a ser vivido de uma sociedade, visto que a sociedade é formada por família, por figurações.

O processo social em meio as figurações, no qual nomeamos como processos de parentalidade, sejam de caráter intergeracional ou não, cuja as emoções, desejos que a caracterizam na vida dos seres humanos, é de fato, um movimento da humanidade, que ao longo dos anos, sofre mutações, e mudanças, e como o próprio autor menciona, isto é, de fato, um movimento natural das figurações.

Mas, é sabido que o trabalho que Norbert Elias desenvolveu sobre os processos sociais e a figuração, estas por sua vez formadas por emoções dentro do campo da sociologia é em demasia muito importante para o desenvolvimento desta ciência, e para o desenvolvimento deste trabalho, desta coletânea de artigos, visto que estudar as emoções a partir de um contexto social, é algo importante para uma nova forma de compreender nossos próprios sentimentos. Figurações são emoções, emoções de pessoas organizadas com interesses próprios em determinados grupos.

Dentro desta perspectiva, concluímos, que as figurações formadas dentro da perspectiva familiar, não precisam necessariamente ser de origem biológica, e podem ser alteradas ou não com o passar do desenvolvimento familiar. No campo da educação musical, a figuração entre os membros de uma família pode vir a ser um processo sonoro e musical, ou seja, pode ser parte da materialização da parentalidade em âmbito musical.

Referências

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Editora, Portugal, 1980.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Zahar, Rio de Janeiro, 1994a

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Zahar, Rio de Janeiro: 1994b

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Zahar. Rio de Janeiro: 2001

ELIAS, Norbert. *Escritos & ensaios 1*. Zahar, Rio de Janeiro: 2006.

ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um gênio*. Zahar, Rio de Janeiro: 2010.

CANAL, Nathalia Urbano. *Entre Figurações e associações. As sociologias de Norbert Elias e Bruno Latour*. Acta Scienriarum. Human and social Scienses. Maringá, v. 33, n.2, p. 139-148, 2011.

RIBEIRO, Luci Silva. *Processo e figuração: Um estudo sobre a sociologia de Norbert Elias*. Tese de doutorado. Campinas, São Paulo, 2010.

ARTIGO 5

TEIAS (IN)VISÍVEIS DE PARENTALIDADE MUSICAL: TRÊS GERAÇÕES

Introdução

Este artigo visa apresentar e contextualizar os dados da pesquisa de mestrado intitulada “Parentalidade musical e intergeracionalidade: Processos invisíveis de educação musical”, e os processos sociais que ocorrem dentro da família.

Por parentalidade foi tomado o conceito de Gorin *et al* (2015) “para enfatizar o caráter processual implicado no exercício das funções dos pais em relação aos filhos”. O exercício da parentalidade implica se atentar aos movimentos espontâneos ou até inconscientes, ou os intencionais, que os pais (ou outros adultos cuidadores) exercem na rotina e cuidado dos filhos.

Ao longo das suscetíveis gerações familiares, os netos aprendem com os avós e seus pais, atos, ações e comportamentos de forma gradual, muitas vezes sem intencionalidade. Tomizaki (2010), compreende que esse movimento de sucessão das gerações faz com que sempre haja um grupo que olha para frente e outro que se volta para o que já passou; ou melhor, concomitantemente, existem vários grupos que representam o futuro e outros tantos que podem ser identificados com o passado. Logo esta dinâmica que contempla a “intergeracionalidade”

possibilita que “as faces” das gerações sejam viradas em direção ao passado, encontra apoio nos processos de socialização mediados por diferentes instâncias socializadoras (família, escola, trabalho, igreja etc.), que balizam todo e qualquer encontro entre gerações. (TOMIZAKI, 2010, p. 341)

A aprendizagem intergeracional é considerado por Carol e Mozzato (2017) um processo interativo que ocorre entre diferentes gerações, resulta na aquisição e no desenvolvimento de novas conhecimentos, valores e habilidades, sendo que o conhecimento explícito é passado de uma geração para outra.

O conhecimento adquirido ao longo das gerações nem sempre acontecem de forma explícita. Norbert Elias, compreende que através do decorrer dos tempos, as pessoas vão assumindo posições de poder distintas e variáveis, e que isso contempla a formação do que é família e suas posições diante dos outros. Sendo assim, é

possível afirmar que a parentalidade também se constituiu pelos processos sociais ou biológicos que acontecem pelas relações de poder entre os indivíduos da família.

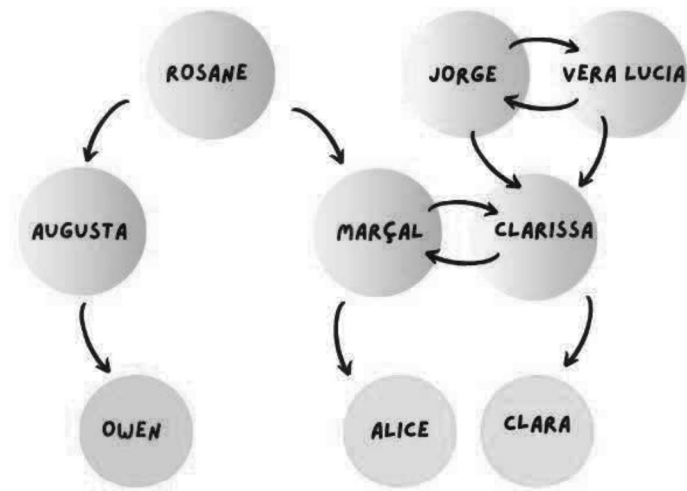
Com o passar de uma geração familiar a outra, a centralidade do poder se modifica, e internamente a geração vai se configurando novamente dada o momento e contexto social atual, levando traços e características da geração anterior, por isso o nome “inter” geracionalidade, é o que está intrínseco de uma geração a outra.

Sobre os conhecimentos intrínsecos entre uma determinada geração e outra, a parentalidade assume uma característica de processos similares da geração anterior, ou completamente distintos, promovendo uma ruptura total, do que foi vivenciado até então. Estes processos, é nominado por Norbert Elias, como figuração. Portanto, dentro da perspectiva intergeracional, ocorre figurações específicas que podem ser parecidas com as gerações anteriores ou não, que nomeamos como parentalidade.

A pesquisa foi realizada na abordagem qualitativa, com a especificidade de ser um estudo de caso, um olhar e análise para “pessoas reais”, cujas histórias são contadas a partir de suas próprias falas, coletadas em grupos focais e entrevistas individuais.

As duas famílias que contribuíram para a coleta de dados desta pesquisa, foram sugeridas pela educadora musical Vivian Agnolo, proprietária da Escola de Música Alecrim, na cidade de Curitiba. Os critérios para elencar as famílias participantes foram: ter pelo menos um avô ou avó (considerado aqui como 1ª geração), mãe ou pai (2º geração) e crianças a partir de 6 anos (3ª geração). Os grupos se constituíram com a família Justen e Paiva e a família Bono.

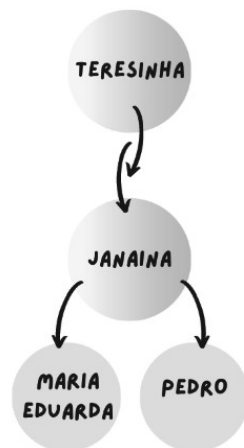
Com o decorrer da pesquisa e da coleta de dados, a configuração de participantes da pesquisa se alterou, pois, os próprios participantes sugeriram a participação de outros membros da família. A família Bono, se constituiu nesta configuração para esta pesquisa, com a presença e contribuições da avó materna D. Teresinha, da filha Janaina e dos netos Pedro e Maria Eduarda. E a família Justen e Paiva, se constituiu dos familiares da Clara e da Alice, sendo a presença da avó paterna Rosane Drusina, seus avós maternos Jorge e Vera Lucia Paiva, seus pais Marçal Justen e Clarissa Paiva, e sua tia paterna Augusta Justen e seu filho Owen. As constituições tiveram contribuições importantíssimas para o encaminhamento da pesquisa. Augusta reside nos Estados Unidos da América com seu esposo de origem americana e com o filho do casal, Owen. Além destes, os pais da Clarissa, que moram no Pernambuco.



FAMÍLIA JUSTEN E PAIVA

Quadro 7: Ilustração dos colaboradores da pesquisa: Família Justen e Paiva

Fonte: SILVA, 2023



FAMÍLIA BONO

Quadro 8: Ilustração dos colaboradores da pesquisa: Família Bono

Fonte: SILVA, 2023

Independente da quantidade de indivíduos na coleta de dados, é importante considerar, que são as relações sociais estabelecidas entre estes indivíduos que constituem a parte mais importante para análise, é claro que sem excluir os fatores de ordem biológica e individuais. Vale ressaltar, que biologicamente a maioria das pessoas participantes possuem um vínculo estabelecido, mãe e filho, avós e netos, irmãos e etc, com exceção da Clarissa e Rosane, que não se constituem pelos fatores biológicos, elas não possuem laços sanguíneos, mas sim sociais, pois se relacionam como nora e sogra.

As crianças Maria Eduarda e Pedro da Família Bono, Clara, Alice e Owen, da família Justen e Paiva, tiveram acesso desde seu primeiro ano de vida a instrumentalização do ensino de música, com uma exploração da musicalidade, denominada musicalização. Ambas as famílias entendem o acesso a música como um fator importante para o desenvolvimento geral das crianças.

Família e figuração

As perspectivas da figuração frente aos processos sociais que se desenvolvem, e que compreendemos como o termo família, teoriza a partir da tomada de poder. Não necessariamente sobre a composição destas famílias, pois não é sobre quem são os membros, ou sua orientação sexual ou política. Em outras palavras, a intenção, de acordo com Elias (2012, p. 484), é compreender socialmente os núcleos de poder dentro deste processo social, visto que nesse nível de desenvolvimento social, a estrutura e o modelo de autocontroles requeridos pela vida de adulto não são distantes das condutas e autocontrole de nossas crianças em seus jogos infantis. “Os hábitos vão se formando através de seus pais, da escola e da universidade” a partir das relações que compõe (ou não) um poder, uma liderança (ELIAS, 2012, p. 485).

O modelo do processo de civilização dos pais está calcado em dois entendimentos básicos, um movimento dialético entre mudanças sociais intencionais e não intencionais. Esta compreensão vem

do fato de que algo socialmente inevitável são as coações que emanam dos indivíduos interdependentes, e em segunda instância que os grupos, as famílias, possuem trajetórias extra-humanas, no qual exercem e se configuram um equilíbrio de forças mutáveis. (ELIAS, 2012, p. 486)

A família contemporânea se manifesta como um conjunto de trajetórias individuais que se expressam em arranjos diversificados e em espaços e organizações domiciliares peculiares (FERRARI; KALOUSTIAN 2002, p.14).

Ao longo das décadas, de acordo com Elias (2012) houve um relaxamento das barreiras de respeito no tratamento entre pais e filhos. Essa educação livre de violências gerou consequências de amplo alcance na personalidade dos seres humanos, no processo de crescimento, consequentemente no processo social e parental.

As relações familiares são apresentadas como base de todas as relações sociais entre os indivíduos. Isso, contudo é um mal entendido. A estrutura da família, a forma socialmente dada da relação entre seus pares se modifica em relação e em correspondência com as mudanças que experimenta a sociedade da qual faz parte. (ELIAS, 2012, p. 489)

A família de nossos dias cedeu, sobretudo para o Estado, muitas das funções que antes definiam seu caráter. As funções que restaram encontram-se mais ressaltadas, especialmente as funções afetivas e emocionais recíprocas entre as pessoas que configuram a família. (ELIAS, 2012, p. 490)

Neste sentido, vale ressaltar que a família se apresenta como foco estável de satisfação duradoura das necessidades instintivas e afetivas, o lugar social confiável de ancoragem emocional dos indivíduos. Não se fala sobre os laços sanguíneos neste sentido, mas à quem os indivíduos tomam como segurança emocional a afetiva.

Existem às formações familiares programadas e romantizadas ao longo dos séculos, as famílias dos “comerciais de margarina”¹⁹, mas o interesse aqui é justamente compreender o modelo social e intencional, biológico e individual que se configura de forma similar ao longo das gerações e em formações diferentes, independente dos indivíduos que formam o núcleo familiar a ser pesquisado.

Elias (2012) através de uma comparação com as classes de trabalho, relata que o diferencial é o processo social de uma classe para outra, uma variação apenas dos que mandam, para os que obedecem. “O diferencial de poder, em uma família e, também, entre pais e filhos, vai se reduzindo – e é essa a tendência do desenvolvimento social, a situação se modifica” (Elias, 2012, p. 493). Mas o êxito da relação se dá pelo fato de estarmos vivendo em uma sociedade cada vez mais consciente que no passado.

¹⁹ No início dos anos 1990, as campanhas de margarina refletiam as famílias com uma mulher, um homem e geralmente duas crianças sorrindo junto a mesa, o que ficou conhecido como o conceito tradicional das ‘famílias-margarina’.

As oportunidades de êxito são maiores quando as pessoas têm consciência desta tarefa e quando trabalham conjuntamente nela. Cada relação familiar é, acima de tudo, um processo. As relações sempre estão mudando e o desafio se impõe toda vez, de novo e de novo. Para os indivíduos, a necessidade de trabalhar conscientemente em suas relações mútuas nunca acaba. (ELIAS, 2012, p. 493)

A partir deste ponto de reflexão, é possível compreendermos que a família é sobretudo um conjunto de processos sociais que se estabelecem entre indivíduos, e formam através destes e por meio destes a conjuntura de uma figuração.

Parentalidade na prática: escolhas e ideais na educação

A família como já dito, é considerado nesta pesquisa, como um conjunto de processos sociais que se estabelecem entre os indivíduos (Elias, 2010; Gorin *et all*, 2010) onde pode se formar diferentes tipos de figurações parentais. Figurações estas, que podem ser formadas ou estabelecidas de forma menos rígida, mais flexível, ou rígida e sem flexibilidade entre os pares. O que de fato, determina o modelo figuracional da parentalidade, são os indivíduos e o ambiente no qual estes estão inseridos (ELIAS, 2012)

Os modelos parentais versam sobre o contexto no qual as famílias estão ou estarão socialmente envolvidas, podendo ser modificados de uma geração a outra, ou seguir uma estrutura de ações similares de forma consciente ou inconsciente.

Sobre o modelo de parentalidade que as famílias colaboradoras da pesquisa, assumiram frente a educação de seus filhos, alguns pontos chamaram mais a atenção e serão destacados a seguir: como a projeção e expectativa dos filhos estarem empenhando atividades que os “pais” não tiveram a oportunidade no ensino formal de instrumento, a presença de jogos cantados como atividades rotineiras das famílias, as relações avós/avôs e netos e a escolha de instrumentos musicais, o repertório similar ao longo das gerações e a tentativa de ruptura frente a educação que recebeu versus a educação que está ministrando aos filhos.

Família Justen e Paiva: “Será mesmo que posso contribuir com a sua pesquisa?”

Em fevereiro de 2022, foi quando tive o primeiro contato com a família. Professora Vivian já havia iniciado o assunto da pesquisa com elas. As primeiras pessoas foram uma mãe e uma avó paterna. Por conta de um equívoco na nossa comunicação, as duas mulheres – Clarissa, a nora – e Rosane, a avó paterna da família Justen e Paiva, concluíram que não poderiam contribuir com minha pesquisa pelo fato de julgarem que não entendiam “nada sobre música”:

Rosane: “Ah, Bruna, eu gostaria [de participar], mas não vou conseguir colaborar com a pesquisa, eu não entendo nada sobre música, nunca fiz nada com os meus filhos e nem estudei um instrumento”. (Conversa na data de convite para a pesquisa, 2022)

Para explicar como a pesquisa seria desenvolvida e como a fala de uma pessoa “leiga” era crucial, sugeri uma chamada de vídeo, e, no primeiro contato com Rosane expliquei que a pesquisa que eu estava desenvolvendo era com pessoas que não necessariamente já estudaram música. E a partir da colocação de Rosane, e refletindo sobre as questões propostas para esta pesquisa, pensei nas ramificações, ou nas chamadas teias interdependentes, o que de fato configuraria como presença da música nesta família? Será que esta avó de fato não colaborou com a educação musical dos filhos e posteriormente dos netos? Como se estabeleceu as figurações musicais desta família?

A seguir apresento alguns dados específicos como nome, idade, formação acadêmica e localização dos participantes desta família:

Avó Rosane, 67 anos, é formada em agronomia, mas desde os nascimentos do filho Marçal, seu primogênito, se dedicou exclusivamente à formação de sua família. Residente em Curitiba, no Paraná.

Augusta, filha de Rosane, 41 anos, pós graduada em pedagogia, educadora montessoriana de 0 a 6 anos. Casada há 8 anos com Thomas Hafford, ambos moram nos Estados Unidos e são pais de Owen (7 anos).

Marçal, filho de Rosane, 42 anos, advogado, empresário, casado com Clarissa há 18 anos, pai de Clara (11 anos) e Alice (6 anos). Residente em Curitiba, no Paraná.

Clarissa, esposa de Marçal, 41 anos, advogada, ceramista, mãe de Clara (11 anos) e Alice (6 anos). Residente em Curitiba, no Paraná.

Jorge, 70 anos, servidor público aposentado, casado com Vera Lúcia. Pai de Clarissa, avô materno de Clara e Alice. Residente em Pernambuco.

Vera Lúcia, 73 anos, educadora dos anos iniciais. Casada com Jorge Paiva. Mãe da Clarissa. Avó materna da Clara e Alice. Residente em Pernambuco.

Clara, 11 anos, estudante, filha da Clarissa e do Marçal, Residente em Curitiba, no Paraná.

Owen, 7 anos, estudante, filho da Augusta, residente nos Estados Unidos.

Alice, 6 anos, estudante, filha da Clarissa e do Marçal, Residente em Curitiba, no Paraná.

A pesquisa ocorreu com participantes que possuem relações entre si, formando teias biológicas e sociológicas.

Cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. (ELIAS, 1994, p. 22)

Como ocorre nesta família um processo musical? Se esta avó, estes avós não possuem nenhuma formação musical, como eles poderiam contribuir ou contribuíram para o processo de parentalidade musical dos netos? Na interação com os seus filhos houve valores, sentidos, pulsões, no sentido de ato impensados atribuídas à música e que hoje impactam a educação de suas netas? e neto? Se ela não possui um processo sistematizado de estudo de música ou educação musical como afirma a avó, como pode vir a ter interações musicais com seus netos e estas de alguma forma impactam a relação com seus filhos? De acordo com a avó, no processo de parentalidade com seus filhos, a música não teve um lugar propriamente dito de relevância, os filhos entendem da mesma forma? Ou a percepção sobre a infância e a relação com a música é diferente para eles, os filhos, Marçal e Augusta? Dentro do círculo social da família, será que a escola, igreja ou comunidade colaborou com as apropriações musicais desta família?

Mesmo descrente de que exerça um papel importante na relação das crianças com a música, Rosane relata que sugeriu matricular as netas, inclusive uma delas ainda com 8 meses, nas aulas de musicalização para bebês. Ela, inclusive, era a responsável por levar as crianças na escola de música e interagir durante as aulas. Esta informação me levou a outros questionamentos: por que ela procurou uma escola de musicalização, se responsabilizou por levar as crianças até a escola e participar

de todas as atividades? De alguma forma, ela queria propiciar um processo social diferente do praticado com os seus filhos? Será realmente que ela não tinha desempenhado um papel ativo nos processos sociais musicais na vida dos filhos e netos, visto que foi a iniciativa dela que levou as duas netas até as aulas de musicalização?

O contexto familiar pode fornecer um ambiente acolhedor para uma criança, de forma que ela possa ter uma “inclinação inata para a música”, portanto, existem muitas questões sobre o papel da experiência musical dos pais na criação de seus filhos (CUSTODERO; GREEN, 2003).

A primeira conversa com a avó, dona Rosane, seguiu por mais ou menos 50min, no meu horário de almoço, e no final ela aceitou participar da pesquisa. Nesta conversa, ela mencionou sobre sua filha Augusta. Afirmou que certamente ela poderia contribuir muito para com minha pesquisa, pois era educadora montessoriana e tinha mudado todos os seus hábitos com o advento da maternidade. Contou que ela mora nos Estados Unidos e que a conversa com ela e seu neto precisaria ser por vídeo chamada. E se dispôs a ser a “ponte” entre eu e Augusta, visto que Marçal, seu filho, seria contatado pela esposa, Rosane.

Agendamos um grupo focal para a segunda semana de abril, e até então quem colaboraria com a pesquisa seria Rosane, Clarissa, Clara e Alice.

No dia anterior ao grupo focal, enviei uma mensagem para Clarissa (mãe) perguntando o nome completo dos participantes para imprimir as cartas de cessão de direito (apêndice A), recebi a notícia que Marçal, o pai, iria participar do grupo. Em conversa com Rosane por telefone, ela já havia adiantado que ele sempre estava muito ocupado e pouco disponível, e que possivelmente não participaria da pesquisa, então não estava contando efetivamente com sua participação. Foi uma surpresa.

Abrindo um parêntese aqui, um dos motivos que me levaram a estudar este tema foi minha relação com a música e a necessidade que senti em compreender os processos parentais após meu filho Joaquim nascer. No dia anterior à viagem para encontrar a família Justen, mesmo tendo consciência sobre o quão necessário era a realização do grupo focal para o andamento da pesquisa, minha maternagem ganhou espaço por um momento, e a vontade de não sair para viajar foi muito forte. Foi minha primeira viagem sozinha após a maternidade. Foi angustiante. Seria a primeira noite longe do meu filho (desde seu nascimento nós fazemos cama compartilhada). Mas...

é assim a construção da maternidade: há conflitos e desafios. E a construção de uma pesquisa também!

Esta pesquisa e a minha vida se entrelaçam, como uma teia. Elias (1994), diria que é um “arcabouço básico de funções interdependentes”, que não é possível desvincular. Assim é a pesquisa sobre famílias, sobre famílias que são ligadas por fios e teias invisíveis. Assim, digo eu, também é a relação da pesquisa com a pesquisadora, ligadas por teias que se embrenham e que se conectam com teias de pessoas até então desconhecidas, mas que de alguma forma são parecidas.

Ao chegar em Curitiba, fui recebida pela Clarissa no hall de entrada do prédio. Inicialmente havíamos agendado o grupo focal no espaço de eventos do prédio, porém, gentilmente Clarissa anunciou que faríamos em seu apartamento.

De acordo com Elias (1991) “o padrão de uma relação (...) deve ser explicado pela estrutura e pelas leis dos objetos perceptíveis que se relacionam dentro dela”, e envolta dela. “Parece-nos evidente que a única maneira frutífera de compreender unidades compostas consiste em dissecá-las” ou seja, olhar dentro se possível do próprio ambiente (ELIAS, 1991, p. 23).

Portanto, estar naquele ambiente domiciliar, me permitiu observar as trocas, tensões, confortos e desconfortos nas dinâmicas ali estabelecidas na família.

Mudanças de modelos parentais?

Marçal e Clarissa, pais de Clara e Alice, iniciaram as crianças em aulas de música porque se sentem de certa forma frustrados por não tocarem e não terem esta habilidade, que julgaram ser de responsabilidade dos pais.

Marçal: Não fui exposto a essas coisas, eu não canto bem, não tenho ritmo, não entendo muito, então achei interessante para elas.

Clarissa: A gente não teve. Eu não tive e eu gostaria de ter tido, entendeu? Porque eu gostava de música, eu achava que tinha “ah eu tenho um ouvido bom”, eu queria ter aprendido a tocar um instrumento, nunca tive nada. Então eu disse: Ah, elas vão ter alguma coisa. A gente vai ofertar e se depois elas quiserem é com elas. (JUSTEN E PAIVA, GRUPO FOCAL 1, 2022)

Ambos tiveram experiências musicais de formas diferentes durante a vida, mas parece que isso não era tão evidente para eles. O fato de responsabilizar os pais pela falta de estímulo ou descontinuidade do empenho nas aulas, mesmo que tendo

recursos financeiros para tal, me remete a uma idealização do que os pais deveriam ter feito mais enquanto estes eram crianças, uma idealização de parentalidade comparada com o modelo que estes praticam com os filhos.

Gomes (2010) entende que esses “princípios e normas são seguidos de ações e modelos educativos pelos pais, relacionados a investimentos diversos; a condutas educacionais como às relacionadas à cobrança dos estudos de música; as atribuições; ao acompanhamento da trajetória de formação musical” (p.132). Ao longo das gerações, há a possibilidade de continuidade ou descontinuidade / ruptura dos modelos parentais que os indivíduos vivenciam durante a infância. A fala de Marçal “Não fui exposto a essas coisas, eu não canto bem, não tenho ritmo, não entendo muito, então achei interessante para elas” (Grupo Focal 1, 2022), diverge da própria menção que o colaborador fez sobre as atividades que foi exposto quando criança, como as aulas de cavaquinho e também de sapateado

Marçal: Fiz um pouco de cavaquinho só, na época em que ia para a escola.
 Rosane: O Marçal, uma época queria e pediu para fazer aula de cavaquinho.
 Bruna: Fez muito tempo Marçal?
 Marçal: Ah fiz uns meses, três ou quatro meses só. [...] Daí foi ruim, acabei desistindo. (FAMÍLIA JUSTEN E PAIVA, GRUPO FOCAL 1, 2022)

Marçal desistiu do cavaquinho e “não quis mais” o sapateado. Ambas as oportunidades não tiveram avanço. Contudo, em sua memória está o registro de não ter tido oportunidades: “não fui exposto a estas coisas”. As falas de Marçal, os olhares, gestos, parecem apontar para o desejo de não vincular seus atos presentes com as ações que recebeu durante a infância. Há indícios de uma desconsideração e desvalorização às experiências da infância com indicação de que Rosane, sua mãe, foi a responsável pelas frustrações daquele momento da vida - ambos a declararam como responsável pelos cuidados de infância dele e pelas interrupções de suas atividades musicais.

Quando criança, ele e Augusta tiveram acesso a estímulos artísticos, e de acordo com as próprias falas, eram atividades e cursos que partiram do interesse de ambos, como as aulas de cavaquinho e sapateado para Marçal e violão para Augusta. Essa maneira de clarificar que ele está fazendo “diferente” de mudar o modelo parental [Marçal].

A responsabilidade das aulas terem sido interrompidas são atribuídas à mãe e ela toma isso para ela, entendendo que poderia “ter feito mais”, ela sente que de

alguma forma a “culpa” é dela de os filhos não tocarem instrumentos musicais, de não terem continuado, de estarem sempre interrompendo os cursos que eles começavam.

Rosane: Eu acho que eu cometi um erro com os meus filhos... e que não foi só com relação a música [...] por exemplo, em não obrigar sabe, de não insistir para ir. Por exemplo, Marçal pediu para fazer dança quando era pequenininho, ele adorava ver filmes do Fred Astaire²⁰, ele era pequenininho e adorava ver. Aí mandei fazer sapatos para o tamanho dele, porque não tinha, era pequeno e tal. Tinha uma escola, uma aula, o “Studio D” aqui em Curitiba, que dava aula de dança, e ele era o único menino da turma dele, as próprias meninas com o tempo foram falando: “ah você fazendo dança, não sei o que”, daí foi que ele mesmo pediu para sair, ele mesmo desistiu, e eu não, não insisti sabe, podia ter, hoje vendo, podia ter explicado, que ele não se incomodasse com isso, que não tem problema, que é uma questão dele, é uma decisão dele, que todo mundo pode, sabe, como, como hoje a gente já tem isso mais discutido né, se é menino, se é menina, se é cor de menino né, mas o fato é que é era desconfortável. (FAMÍLIA JUSTEN E PAIVA, GRUPO FOCAL 1, 2022)

A maternidade pode nos colocar para refletir sobre as responsabilidades na função da educação dos filhos, e muitas mulheres se sentem unilateralmente responsáveis pelo sucesso ou insucesso de seus filhos posteriormente. Ambas as avós, Rosane e a Teresinha, de formas distintas demonstraram o quanto de fato, o processo de parentalidade era de reponsabilidade delas afinal. Teresinha na entrevista individual se mostrou orgulhosa de ser “dona de casa”, de ter até o final da vida do marido se responsabilizado pelo cuidado da casa e pela família, anulando inclusive desejos como estudar piano. Rosane também se mostrou grata por ter tido a oportunidade de cuidar de perto de tudo, mas diferente da Teresinha, ela relatou, que gostaria de ter se empenhado em alguma profissão, em ter feito algo além de cuidar da família. “O nascimento de um filho obrigada os pais/mães a reorganizarem sua vida” (ELIAS, 2012, p. 475). Mas nesta amostra desta pesquisa, por dois exemplos específicos, vemos absolutamente o caso de que as mães precisaram se reorganizar, precisaram repensar as próprias vidas e os planos para criar os filhos.

Ambas as avós não se lamentaram, até porque de fato, elas queriam “contribuir” para a pesquisa, mas era notório, o quanto ambas as mulheres viveram exclusivamente para a família e os filhos, e afirmam se sentirem satisfeitas com isso. Contudo, a próxima geração, Augusta, filha de Rosane, Clarissa, nora de Rosane e Janaina, filha de Teresinha, mantem hábitos de equilíbrio com relação a vida profissional e os cuidados com a família.

²⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/Fred_Astaire

No curso de estabelecer um processo civilizador dentro da família, em outras palavras, criar os próprios filhos, o potencial biológico é atualizado à medida que os pais, nestes casos, as mães, regulavam os próprios modelos de afetos e pulsões [emoções e sentimentos], assim “a criança “incivilizada” vai se fazendo um adulto mais ou menos civilizado” a medida que a parentalidade acontece. (ELIAS, 2012, p.483)

Sobre o exercer a parentalidade, Rosane entende que na vida dos filhos era

Rosane: totalmente intuitivo, eu não tinha ninguém para me dizer, tanto que você está vendo, não tinha ninguém para me dizer, não passei pela experiência, tanto que eu achei que eu não ia poder contribuir com você. (ROSANE, ENTREVISTA INDIVIDUAL, 2022)

Durante o grupo focal, a relação de Marçal com a mãe revelou uma dinâmica peculiar, indicando a demarcação de uma superioridade por parte do filho, que parecia causar uma tensão na mãe e no ambiente. Isto

revela, justamente, a complexidade da transformação civilizatória em nossos dias. Um relaxamento das barreiras de respeito no tratamento entre pais e filhos, ou seja, uma informalização da relação pais-filhos e o relaxamento dos tabus tradicionais no trato entre as gerações (ELIAS, 2012, p.489)

A família é uma constituição social e podemos concluir que não é sobre os laços sanguíneos dos indivíduos dentro deste processo que elas se formam e configuram, mas como estes se sentem em relação uns aos outros, e a quem estes tomam como referência de segurança afetiva e emocional. Elias (2000) entende que figurações desta forma são formadas por tensões e conflitos específicos deles, e que não necessariamente foram criados, apenas aconteceram no curso da vida. “há, portanto, uma estreita ligação entre a capacidade de perceber e estudar os seres humanos em figurações e a capacidade de manter fora da pesquisa os juízos de valor estranhos ao tema investigado (p.179).

O repertório meu, seu, nosso..

*Bruna: Deixa eu te perguntar uma coisa,
aqui na família tem alguém que toca instrumento?
Clara: Eu!
Bruna: Bem observado em, Clara! E há alguém que canta?
Alice: a mãe
Clara: a mãe não canta
Alice: a mãe canta, a mãe canta*

Clarissa: ela não perguntou se eu sou cantora, só se eu canto
Clara: é, ela canta (e aponta para a mãe com liberdade e um certo tom de deboche, brincando)
Alice: Ela canta, ela canta na hora de dormir

Bruna: O que ela canta?
Alice: várias músicas
Bruna: E qual você acha mais legal?
Alice: a da Casa
Bruna: Qual da casa? Você pode cantar pra mim?
Alice: esqueceu
Bruna: Esqueceu?
Clarissa: Ahh, não esqueceu não, vai?
Alice: Esqueci
Rosane: só um pedacinho
Alice: Esqueci sim
Clarissa: Mas como era essa história da casa? Fala como é a música
Alice: é a música da casa que não tinha chão
Clarissa: Não tinha chão?
Alice: Não tinha teto?
Clarissa: Não tinha teto
Alice: Não tinha nada
Rosane: Alguem podia fazer alguma coisa nessa casa?
Alice: Não, ninguém podia entrar
Bruna: Porque?
Alice: Porque não tinha nada
Clarissa: porque não tinha chão?
Rosane: Pronto, você já cantou

Este trecho mostra as interações musicais e sonoras presentes na família entre as gerações, não só musicais, como sociais. A troca de olhares, a conexão, que não era algo específico para aquele momento. Era encantador observar a pequena Alice (6) comentando sobre uma canção e a mãe e a avó a reconhecendo de outro momento de suas vidas. Eu senti, inclusive, a emoção que tal trama me provocava. Enxergava ali o que Elias (1991, p. 29) chama de “imagem reticular”, onde cada um dos “interlocutores penetram no diálogo interno do outro como um adversário, assim impulsionando seus pensamentos.

Em determinado momento, Alice comentou sobre a música que a mãe havia cantado para ela na hora de dormir. Ao falar da música, ela e a mãe, começaram a fazer um jogo de palavras, em que uma completava a outra, e a avó participava. Mas “eles são incapazes de imaginar que as próprias relações possam ter estruturas e regularidades próprias; como os primeiros, eles são involuntariamente pensaram nessas estruturas e regularidades, não como uma peculiaridade das relações entre unidades tangíveis, mas como uma peculiaridade dessas unidades corporais” (ELIAS, 1991, p. 24).

Nesta família, cantar, fazer música através do silêncio [as filhas brincaram livremente sem reprimendas com o fato do pai não ter o hábito de cantar] compor músicas juntos [com avó paterna e a mãe], e ter um repertório para ouvir juntos, é um processo tão natural de trocas e teias, que ligam e se entrelaçam, de forma que os modos “como os indivíduos se portam é determinado por suas relações passadas ou presentes com outras pessoas (p.26). Ou seja, independente, se eles aprovam ou não a forma como foram criados pelos pais ou outras pessoas no ambiente social, as relações sociais que eles mantêm hoje com seus filhos, provém da relação de parentalidade do passado.

Elias segue afirmando que

Somente na relação com outros seres humanos é que a criatura impulsiva e desamparada que vem ao mundo se transforma na pessoa psicologicamente desenvolvida que tem o caráter de um indivíduo e merece o nome de ser humano adulto. Somente ao crescer num grupo é que o pequeno ser humano aprende a falar articuladamente. Somente na companhia de outras pessoas mais velhas é que, pouco a pouco, desenvolve um tipo específico de sagacidade e controle dos instintos. E a língua que aprende, o padrão de controle instintivo e a composição adulta que nele se desenvolve, tudo isso depende da estrutura do grupo em que ele cresce e, por fim, de sua posição nesse grupo e do processo formador que ela acarreta. (ELIAS, 1991, p. 27)

É através dos estímulos e padrões que os adultos oferecem que as crianças vão ganhando recursos para se viver em sociedade, ou melhor, para formar suas próprias figurações.

Alice: Mãe, mãe, lembra aquela lá, que você cantou ontem a noite pra mim? Da pretinha?

Clarissa: Ah, eu cantei para você, o que eu cantava para Clara, que era aquela dos novos baianos.

Bruna: Qual?

Clarissa: Preta, preta, pretinha. Sim, cê conhece sim.

Bruna: Eu não conheço

Marçal: Ela quer que você solte a voz! Solta a voz Clarissa! (A sensação era de deboche, de risos, inclusive ele estava com um sorriso em tom de brincadeira no rosto, como se eu de alguma forma quisesse impor para a Clarisse, mas a minha sensação, era puramente que ele estava debochando dela, talvez, seja intimidade de casal)

Clarissa: ah, pára! (Essa resposta dela, foi algo, “para de ser chato, inconveniente, inclusive, a expressão do rosto era de desagrado) quando, eu cantava para a Clara, eu cantava “Clara, Clara, Clarinha” (Depois ela se direcionou para mim, e foi gentil ao explicar e cantar a melodia)

Rosane começa cantando: “Só, somente só,

Clarissa e Rosane: “Assim vou lhe chamar, assim vou lhe chamar, assim você vai ser”.

As interações entre as crianças e as figuras femininas no grupo focal, foi uma atividade que me sou natural, com leveza de trocas, da mesma forma que avó paterna

Rosane, sentia liberdade para interagir e demonstrava extremo respeito pela parentalidade e escolhas que a nora, Clarice, faz sobre as netas. As interações musicais, sempre acontecia com jogos de sons e palavras.

Quanto ao repertório que as crianças Alice e Clara estão ouvindo, e que estão presentes na playlist do spotify, Marçal, na entrevista individual, mencionou algumas músicas que a Rosane incluiu na playlist das netas. Ele afirma que ficou refletindo quais eram as músicas da sua infância.

Eu lembro da música da Banda²¹. Essa é uma das músicas que ela [mãe] colocava. E tem a Estrela D'Alva²², no céu desponta. Pastorinhas²³. Noel Rosa e Braguinha. Era as músicas que ela cantava pra gente antes de dormir. Eu lembro. (Marçal, entrevista individual, 2022)

A música Banda, é uma música que esteve presente no grupo focal com as meninas Clara e Alice, e também no grupo focal com o Owen. Esta música esteve presente na infância dos filhos da Rosane, e hoje faz parte da infância dos netos.

Alice: Ah, tem duas músicas que eu adoro...
Alice começa a cantar: "Estava atoa na vila, o meu amor me chamou pra ver a banda passar, cantando coisas de amor" Dai tem aquela outra "Uh, Uh..." (JUSTEN E PAIVA, Grupo focal 1, 2022)

Esta música é de fato, algo tão importante na história dos filhos da Rosane, que foi citada também em outro grupo focal. Em determinado momento perguntei quais eram as lembranças de infância da Augusta, ela falou que não tem lembranças vividas, e quando ela se lembra de algo, ela entende que aquilo de fato foi muito significativo naquele momento.

Augusta: então assim eu dou muito valor nessas memórias, porque quando eu lembro exatamente da onde eu estava, é porque deve ter sido muito marcante na minha infância (JUSTEN E PAIVA, Grupo focal 2, 2022)

Em seguida, ela relata que se lembra com clareza de apenas uma música, e que inclusive foi uma música que ela cantava para o filho

Augusta: Então, eu lembro de um quarto que a gente tinha que ficava no final da casa. Nos fundos, tinha um tocador de disco de vinil, e eu lembro, quando minha mãe discos pequeninhos, assim de vinil, eu não me lembro de muitas músicas e tal, mas tinha uma, "a banda", eu lembro dela, que é uma música que eu canto para meu filho, hoje eu não canto tanto, mais quando ele era bebe eu cantava muito, porque eu tenho uma dificuldade para memorizar,

²¹ Música Banda, composta por Chico Buarque em 1966;

²² Estrela D'Alva, por Dalva Oliveira em 1940;

²³ Pastorinhas de Noel Rosa e Braguinha de 1938;

mas aquela música, eu até me emocionava ao cantar (JUSTEN E PAIVA, Grupo focal 2, 2022)

Após esta fala, a Rosane, mãe de Augusta, começou a sorrir que não se aguentava, era nítida a emoção de perceber o quanto a ação dela impactou a lembrança de infância dos filhos. Inclusive, ela comentou “Marçal também falou de MPB e inclusive da Banda”, “as meninas também”. Não foi necessário vir com grandes reflexões no momento, as palavras da Augusta foram ao encontro das palavras de Marçal e suas filhas, e foram suficientes para Rosane compreender o quanto ela contribui e marcou musicalmente estas vidas.

Percebe-se que pouco a pouco, a própria Rosane, parece que foi tomando consciência no quão rico é o processo musical intuitivo que ela proporciona aos seus netos, a partir de suas falas

Rosane: é engraçado Augusta que você está aqui falando sobre estas coisas, e eu contei pra Bruna, que vocês nem poderiam se lembrar, eu colocava pra vocês ouvirem muito pequeninhos todo tipo de música, chorinho, clássica e todas as coisas que eu queria que vocês ouvissem. Mas achava que vocês não lembravam mais. (JUSTEN E PAIVA, Grupo focal 2, 2022)

Desde o primeiro contato, Rosane esteve muito insegura sobre o quanto poderia contribuir com a pesquisa de fato, era realmente uma preocupação da avó, porque ela não visualizava uma colaboração musical na vida de seus filhos, muito menos de seus netos.

Sobre as memórias de infância de Clarissa, ela lembra que a mãe cantava, e seu pai tinha o hábito de ouvir discos

Clarissa: Como era que meu pai fazia, minha mãe não tinha isso, mas meu pai tinha os discos, e a gente pegava os discos e estudava as capas dos discos, eu me lembro que meu pai tinha um do Alceu Valença. E aí meu pai tinha aqueles discos lá parado, Gal Costa, Alceu Valença, Caetano veloso, Gilberto Gil, era isso, era o MPB raiz assim. E eu me lembro bem de Alceu Valença, ele ia lá botava o disco e ficava ouvindo. (Clarissa, entrevista individual, 2022)

Naquela época, eu não me lembro de ter fita no carro, mas quando a gente saía, eu ouvia a minha mãe cantando as músicas. Meu pai não cantava assim, não me lembro do meu pai cantando, mas eu me lembro da minha mãe cantando músicas populares. Quando eu era criança, eu tenho a lembrança de aprender as músicas que minha mãe cantava. (Clarissa, entrevista individual, 2022)

O repertório através do tempo não se modificou, permanece nos hábitos familiares, ouvir música, mas hoje é no carro, através de CD²⁴ ou da Alexia²⁵, ouvir Alceu Valença e Caetano Veloso, além de apresentar para as filhas a cultura nordestina, com o frevo do carnaval, que fez parte de sua infância.

Relacionamento com instrumentos musicais? De onde veio?

No primeiro contato como já mencionei, Rosane e Clarissa já haviam anunciado que ninguém na família era músico, ou tocava um instrumento musical. E ao serem indagados os motivos que os levaram a colocar as crianças na aula de música, Marçal e Clarissa reforçaram o quanto gostariam de ter essas habilidades agora na vida adulta.

Marçal: Olha, eu gostaria de ter feito mais, hoje acho que seria legal se eu soubesse tocar um instrumento e tal.

Clarissa: É eu acho que era justamente esse o ponto assim. (JUSTEN E PAIVA, GRUPO FOCAL 1, 2022)

Clarissa realmente não teve acesso as aulas de instrumento. Ela comentou na entrevista individual que quando adolescente comprou um violão, mas que não encontrou apoio e investimento dos pais para estudar, e que inclusive nem sabia os motivos que a levaram querer um violão. Mas seus pais, avós maternos de Clara e Alice, relataram no grupo focal 4, que o avô materno de Clarissa, era violonista e que pode ser que ela tenha “herdado” (Vera Lúcia, Grupo focal 4, 2022), e que eles se lembravam vagamente.

Ao decorrer da pesquisa, questionei ao grupo focal 1, se alguém tocava instrumentos musicais

Clara: Piano aqui, eu toco. Eu tive aula ontem de piano.

Bruna: O que você está aprendendo no piano?

Clara: algumas músicas até, eu faço naquele livro e algumas folhas

Clarissa: Mas você está aprendendo alguma música diferente, né? Você ficou um tempão ali treinando.

Clara: Eu tava inventando músicas.

²⁴ Disco compacto com gravações de músicas ou vídeos clipes a laser

²⁵ A Amazon Alexa, também conhecida como Alexa, é uma assistente virtual desenvolvida pela Amazon, utilizada pela primeira vez como sistema embarcado nos alto-falantes inteligentes em 2014;

De acordo com a família, atualmente a Clara, é a única que tem praticado regularmente o instrumento. Alice frequenta musicalização, mas não foram as únicas na família. Marçal teve acesso ao cavaquinho, Clarissa tentou e teve um violão, que foi vendido após uns anos e Rosane já estudou violão.

Todos os participantes deste grupo focal, tiveram em algum momento de suas vidas uma oportunidade de estudar algum instrumento musical com exceção da Clarissa. A Rosane e o Marçal em determinado momento foram juntos estudar um instrumento, o Marçal cavaquinho e a Rosane violão. Mas não foi de fato algo que ambos se empenharam naquele momento, e como o Marçal era criança, a Rosane se culpa pelo fato dele não ter continuado.

Rosane: Eu acho que eu cometi um erro com os meus filhos e que não foi só a música que faltava, e eu entendo isso que entra, por alguma forma entra. Mas por exemplo em não é, não obrigar sabe, de não fazer ir.

Clarissa: Você falou obrigar, não é obrigar, mas você poderia ter, ter...

Rosane: Insistido

Clarissa: Ah não, não gostou dessa aula de cavaquinho, então vamos achar outro professor vamos fazer, entendeu, dar outra chance. (JUSTEN E PAIVA, GRUPO FOCAL 1, 2022)

É interessante que o fato da Clarissa sugerir uma forma de dar outra chance para aquele instrumento ou para o estudo de um instrumento, vem ao encontro das ações dirigidas de parentalidade que ela vem exercendo com as filhas, o respeito e um diálogo, mas não se pode de maneira alguma trazer isso a nível de comparação com a parentalidade que a Rosane exercia sobre seus filhos, visto que as experiências que ela colecionou e o momento histórico que ela viveu correspondia a outra visão de regras e formas.

Rosane: E os alemães por exemplo, a minha avó, eu cresci ouvindo isso, sabe, só tinha valor o que eles achavam, tinham um preconceito contra os brasileiros, terrível. Então era aquele negócio, que quem conhece a minha história direito, não entende como eu saí dali (JUSTEN E PAIVA, GRUPO FOCAL 1, 2022)

Embora a referência sobre as próprias vivências durante a infância sejam de forma muito sutil, sugere uma rigidez muito grande quanto a possibilidade de ser ouvida sobre suas necessidades e vontades, portanto, neste momento não é interessante compararmos as visões de Clarissa e Rosane sobre o assunto, mas

compreender que naquele momento era o que ela tinha para dar enquanto mãe, e paralelamente que vem ao encontro desta pesquisa, foi o que ela recebeu enquanto filha e neta.

Na maior parte das vezes, as figurações que os indivíduos formam em sua convivência mudam bem mais lentamente do que os indivíduos que lhes dão forma, de maneira que homens mais jovens podem ocupar a mesma posição abandonada por outros mais velhos. Assim, em poucas palavras, figurações iguais ou semelhantes podem muitas vezes ser formadas por diferentes indivíduos ao longo de bastante tempo; e isso faz com que tais figurações pareçam ter um tipo de “existência” fora dos indivíduos. (ELIAS, 2001, p.51)

É interessante que uma situação muito parecida ocorreu com a Clarissa. Em determinado momento da entrevista individual, quando questionada se teve ela de alguma forma influenciou a escolha da Clara pelo piano, ela comentou que

Em certo ponto, eu quis fazer violão, devo até ter falado aquela vez que a gente se encontrou aqui, que eu juntei um dinheiro, e um dia, eu peguei um dinheiro, botei na carteira, fui até a porta e falei assim pros meus pais: “tô indo lá no centro vou comprar um violão” “vou comprar um violão”, aí meu pai: “mas como assim?” Aí ele começou: “veja, você vai comprar um violão, como é que você vai tocar?”, “ué, eu vou tocar!”

Meu pai colocou um monte de coisas, que daí eu falei, realmente, putz, eu tava achando que era só comprar o violão e pronto, ficar treinando, treinando que uma hora eu ia saber tocar. E aí até hoje, nunca aconteceu

Ai quando venho a situação da Clara, eu disse, aconteceu comigo e meu pai colocou trezentos mil regras pra resolver antes e tal, daí eu disse: “Clara, escolha o que você quiser, a gente compra o instrumento e você vai ter aula (CLARISSA, Entrevista individual, 2022).

Tocar o violão foi um desejo por algum tempo da Clarissa, que ela não tinha clareza sobre os motivos, só sabia que gostaria de tocar violão, coincidência ou não, a sua mãe Vera Lúcia comentou no grupo focal 3 que o avô materno de Clarissa, tocava violão muito bem e cantava.

Vera Lúcia: Meu pai era que tocava muito violão e cantava, ele não era uma celebridade, mas ele cantava bem. Meu pai, ele cantava muito o violão, e cantando aquelas musicas do interior, ele não era desafinado e aquele negócio, ele até que cantava direitinho.

Bruna: E a Clarissa sabe que seu pai tocava violão?

Vera Lucia: Não, eu acho que não, eu tenho a impressão que eu falei pra Clarissa uma vez que ele tocava violão, cantava eu acho que eu nunca falei não.

É interessante o fato da Clarissa alimentar o desejo por tocar o mesmo instrumento que o avô tocava, pode ser que a Vera Lucia tenha comentado realmente, mas nas entrevistas a Clarissa afirma não saber o motivo para querer tocar o violão. O que não me parece uma simples coincidência, mas sim, uma familiaridade nutrida através das gerações para com o instrumento.

Shows, Igrejas e escolas: O contexto no qual estavam inseridos influenciou no repertório e gostos musicais?

O contexto social começa a se formar com a criança ainda no útero materno, os pais ao saber da gravidez, já iniciam um processo de escolha, que envolve o consumo, seja o consumo mercadológico de tipos de roupas e materiais específicos que irão ser apresentados para as crianças, seja de pessoas, núcleos ou músicas. As figurações vão se formando antes mesmo do nascimento das crianças.

A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento. Por nascimento, ele está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida; deve conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele e, talvez, desenvolver-se mais, com base nele. Até sua liberdade de escola entre as funções preexistentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de seus pais e, em consonância com isso, da escolarização que ele recebe (ELIAS, 1994, p.21)

Músicas, sons e em um âmbito maior, o repertório que é difundido por estas famílias, possuem uma relação direta no contexto social que eles viviam enquanto crianças, ou melhor, o contexto que eles cresceram, “assim como o falar individual provém de uma língua já dada e específica de uma sociedade, assim também outras ações individuais, brota de processos sociais já em andamento” (ELIAS, 2006, p.31). Todas as músicas que eles relataram fazer parte da rotina no contexto atual, em sua maioria são datadas a partir de 1940 até 1980, músicas que culturalmente são consideradas “tradicionais”, porque perpassam a história.

Quando indagados no grupo focal sobre o contexto que eles estavam inseridos, se eles tinham uma orientação religiosa, se tinha o hábito de frequentar shows e outros, a família Justen e Paiva, relataram que são orientação católica, mas não atuante, portanto, eles cresceram dentro dos parâmetros da igreja, seguiram os ritos

de batizo e outros, mas não tem o hábito de seguir a religião. Sobre a presença da música na escola, a Rosane se lembra de ter feito coral na escola, na época que o canto orfeônico era uma obrigatoriedade de ensino

Rosane: Por exemplo na casa da minha avó, e eu morei com ela, as músicas eram em alemão, ainda que não se entendesse o sentido, era a melodia que ficava. Na minha casa com pai e mãe não me lembro de música. Depois fiz coral na escola, muito tempo.

Bruna: Você fez? Na sua escola?

Rosane: É, é

Bruna: De vocês quatro também tinha? Tinha música na escola Marçal? Você lembra?

Marçal: Não me lembro, acho que não, talvez nos primeiros anos, mas depois não.

Rosane: Não tinha. Nem aula de música, nem coral. Na minha época ainda tinha coral desses que fazia... (Marçal interrompe)

Marçal: Na minha escola tinha coral para quem quisesse participar.

Sobre os shows, recitais e concertos, Marçal e Clarissa, tem o hábito de ir assistir, e antes do período pandêmico²⁶, levar também as filhas para estes locais.

Marçal: Foi no show do Festival do Teatro, que é no Canto das Artes em São Luiz do Purunã e o artista se chama Marcio Juliano.

Clarissa: A gente foi no Saltimbancos com a Clara e você foi em vários Shows não é verdade? (Para o Marçal)

Marçal: uma orquestra para crianças também

Clarissa: A gente foi na orquestra do "Guaira", ali no Guaira tinha domingo de manhã. A Alice não chegou a ir. Alice perdeu, ficou um buraco ali

Contudo, é interessante que inclusive dentro do repertório que é apresentado para as crianças, elas comentam muito sobre MPB, samba e outros estilos da cultura brasileira e em especial nordestina, pois, é a cultura que a Clarissa foi inserida e cresceu. Ela relata que

Clarissa: essas músicas como o baião soa de forma mais antigo assim uma coisa, meio, porque tipo, são musicas que eu cresci escutando, eu lembro da época de são joão, era no barreado, só nessa música, no fim sabia de todas e cantava todas

Rosane: E o carnaval, também

Clarissa: as marchinhas

Marçal: o frevo, maracatu

Rosane: totalmente diferente da nossa cultura

Clarissa: É aquela coisa de época de ano, na época do carnaval, tem as músicas que estão bombando, as músicas novas que alguém criou lá, mas tem as músicas dos blocos que cantavam. Então assim, nas festas, nas ruas de Olinda, ai começa a cantar, todo mundo canta né

²⁶ <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

Pessoas são seres sociais, e socialmente, à medida que crescem vão ouvindo, aprendendo e interiorizando com seus pares, “ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social – seja este qual for” (ELIAS, 1994, p 19)

Clarissa: De carnaval algumas assim, até botei, eu puxei um vídeo antigo da clara, que ela tinha uns 2 anos, eu acho, era uma coisa bem assim, o fundo da cidade, era as músicas de carnaval, as vezes estava lá em casa, hoje eu não vou, daí você abria a janela e tinha alguma música tocando em algum lugar. Ou as vezes o bloco passando ali na rua.

Bruna: E a sua família, ia? Participava?

Clarissa: Meus pais não iam, porque acho que eles não cresceram nisso, porque eles são do Rio Grande do Norte, mas quando eu fui crescendo e tal, os jovens, todo mundo ia, e eu fui no embalo. “Ah, hoje a gente vai para tal lugar”, eu ia junto. Ai botei ela [Clara] para cantar a música que era o hino do carnaval de Olinda, “Olinda quero cantar” (Clarissa canta), porque era assim: acordava, sábado, carnaval, tinha essa música tocando em algum lugar. Ou você ligava a tv, ou você abria a janela, e estava tocando o hino do carnaval de Olinda. (CLARISSA, ENTREVISTA INDIVIDUAL, 2022)

“Eu fui no embalo”, trata-se na verdade de um fluxo contínuo, uma linha invisível que une os indivíduos em experiências, que posteriormente serão o repertório de comportamentos que os conduziram a criar outras experiências para outras pessoas, no caso da parentalidade, desta figuração específica, criar e dar embasamento para os próprios filhos.

“Esses e muitos outros fenômenos têm uma coisa em comum, por mais diferentes que sejam em todos os outros aspectos: para compreendê-los, é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termo de relações e funções” (ELIAS, 1994, p.25)

Seja em concertos, nas marchinhas de rua do carnaval, ou nas canções ouvidas alemãs, um repertório sonoro e comportamental foi criado, perpassado através das gerações, e hoje, é repertório musical na relação de avós, pais e mães com seus próprios filhos.

Família Bono: Nós carregamos instrumentos nos almoços de família

Consegui contato com a Janaina – 2º geração família Bono - um mês após ter contato com a Família Justen e Paiva. Mas foi apenas no início de abril que consegui um contato efetivo para agendarmos o grupo focal, com a sua mãe e seus filhos.

Maria Teresinha de Carvalho Bono, dona de casa, mãe da Janaina e avó materna da Maria Eduarda e do Pedro. Residente em Curitiba, Paraná.

Janaina Carvalho Bono, empreendedora, mãe da Maria Eduarda e do Pedro. Residente em Curitiba, Paraná

Maria Eduarda Carvalho Bono de Oliveira, 13 anos, Estudante. Residente em Curitiba, Paraná.

Pedro Carvalho Bono de Oliveira, 7 anos, estudante. Residente, em Curitiba, Paraná

Dia 15 de abril de 2022, foi o dia que eu consegui agendar um encontro com a família Bono, uma semana após a agenda com a família Justen e Paiva. O local do encontro foi na Escola Alecrim. Minha viagem até Curitiba foi permeada por imprevistos e me sentia cansada, contudo, estava também ansiosa para conhecer o espaço da escola e a família que contribuiria com minha pesquisa.

A Escola Alecrim é um espaço acolhedor e agradável. Após ajustar a sala para o encontro com a família e mudar o planejamento de gravar a reunião via plataforma *google meet*, gravei somente pelo celular, devido a problemas técnicos, a coleta de dados começou, e foi surpreendente.

Na vida da família Bono, Teresinha não conseguia visualizar o quão primordial foi o acesso musical que ela e o esposo proporcionaram para a vida de seus filhos, e posteriormente seus netos. Tanto que a avó, em diversos momentos mencionou que ela não era musical, mas que seus primos, irmãs, essas sim, cantam e tocam “bem”.

Terezinha: As minhas irmãs cantam, tem uma que tem uma voz que assim que emociona!

Maria Eduarda: Quem?

Terezinha: Falando da tia Lucia.

Janaina: Voz salmista assim (BONO, Grupo focal 3, 2022)

Os parentes da família Bono são “músicos autodidatas”, aprendem a tocar instrumentos com facilidade de acordo com a Janaina

Janaina: os meus primos eles não têm formação nenhuma, eles são autodidatas, eles assistem um vídeo, eles tiram [as notas da música], é de ouvir, olhar, e de escutar, muito ouvido, eu fico impressionada, então eles tocam, tem banda, tem tudo. Ele dá aula de bateria lá no interior. (BONO, GRUPO FOCAL 3, 2022)

A música sob a forma de tocar instrumentos musicais, já faz parte da vida da família há muitos anos, Teresinha, comentou que a família não leva “panelas em almoços de família”, “eles levam instrumentos” e até os que como ela não tocam, participam cantando.

Janaina: Todo mundo já leva! Ninguém fala nada...Vamos juntar os pratos? É assim: Vamos juntar os instrumentos?

Janaina: Ai chega todo mundo e chega à banda junto, cada um com um instrumento, e viola, tenho dois primos lá que tocam viola!

Terezinha: As minhas irmãs cantam, tem uma que tem uma voz que assim que emociona!

Maria Eduarda: Quem?

Terezinha: Falando da tia Lucia.

Janaina: Voz salmista assim (FAMILIA BONO, GRUPO FOCAL 3, 2022)

Relacionamento com a música

Teresinha viveu sua infância em meio a música, seja ouvindo os pais cantando indo até a lavoura trabalhar ou durante as “festas” em que cada um levava os próprios instrumentos. Mas não teve a oportunidade de estudar um instrumento musical, o que para ela era um sonho.

Terezinha: Então eu sempre gostei, sempre gostei. Principalmente piano, eu achava assim... fan-tás-ti-co, sabe como é, assim, se eu passava em algum lugar e ouvia o piano eu ficava ah e me encantava! Mas naquela época era muito difícil, até meu marido falava assim [meu marido fez três faculdades, terminava uma e começava outra] ele falava assim: “Bem! Quando eu terminar tal faculdade você vai fazer o piano” (FAMILIA BONO, GRUPO FOCAL 3, 2022)

Teresinha desejava, sonhava em estudar piano, mas as prioridades eram outras, durante a sua infância era trabalhar e com o casamento, cuidar da casa e dos filhos.

Teresinha: Nós trabalhava, eu trabalhava na roça com meu pai, naquela época nós íamos na roça trabalhar com ele, as mais velhas, a diferença é de no máximo dois anos e meio. Ah, as minhas irmãs sempre cantavam na roça, nós sempre cantava, cantava. (TERESINHA, ENTREVISTA INDIVIDUAL, 2022)

A avó tinha muita vontade de estudar piano quando jovem. Este sonho talvez tenha sido transmitido para Maria Eduarda, que se apaixonou pelo piano, que hoje estuda. A avó deixou claro que isso a deixa extremamente satisfeita.

Terezinha: Mas eu nunca, sabe assim, aquela coisa... aquela coisa. Aí depois a esperança era o meu filho, porque eu tenho um casal né. Eu falava: filho faz piano, faz piano, aí ele falava assim: ah, piano não, eu vou fazer violão então, ele diz. Mas daí ele começou também, mas daí depois, ele veio "pra" estudar, aquela coisa e parou. Aí depois foi a Janaina eu falava: filha faz piano: "Ah piano não, violão". Sabe aquela coisa.

Terezinha: Mas eu não sei tocar nada, não canto nada, mas acho muito lindo.

Maria Eduarda: Canta sim! (FAMILIA BONO, GRUPO FOCAL 3, 2022)

No momento em que Maria Eduarda falou isso, Teresinha, abriu um sorriso, os olhos se iluminaram, brilharam, como se essa lembrança remetesse algo que foi e é muito importante para a vida delas. Ela contou ainda que ela e os irmãos eram pequenos e os pais cantavam com eles. Cantar é uma prática presente na família, contudo a decisão de Maria Eduarda de estudar piano foi uma surpresa.

Janaina: Porque foi uma surpresa pra mim também, porque a Maria Eduarda, ela é ao contrário né [Pedro, irmão], água e o vinho, ela é bem quietinha, bem na dela tal e sempre foi, sempre assim. Eu sempre digo para a mãe que eu sempre tive o incentivo, eu gosto de música, acho que a música faz a diferença. Não quero que seja musicista, que seja nada disso. Só que a gente é diferente com a música...

Janaina: E daí, terminou o programa de musicalização, a Viviam veio e conversou: "olha Jana, não tem mais e tal, não tem mais por onde ter a Maria Eduarda. Então, ela tem que escolher o instrumento, se ela quiser cantar, fazer teatro. Até então, a Maria Eduarda nunca tinha falado nada para mim assim sobre um instrumento. A gente vinha para a aula de musicalização" Eu falei: "daí Maria Eduarda agora, o você quer? Você quer continuar? O que você quer fazer?" "Ah, eu quero fazer piano! Falei: "Hã? Porque pra mim foi uma surpresa assim né" Aí falei: "Então tá"! Daí vim, conversei com a Viviam, daí não tinha e tal, aí ela me indicou essa escola, e já começou e no final do ano, ela vinha comigo ver o Pedro né, daí ela começou a mexer no ukulele, aí ela falou: "mãe, eu quero um ukulele" Eu: "Ué, Natal" Aí era bem final do ano e acabou pedindo para o padrinho dela: "Ah eu quero um ukulele". Ganhou o ukulele e só sei que tem dias que ela vai, leva ukulele, toca ukulele e em outros toca piano. (FAMILIA BONO, GRUPO FOCAL 3, 2022)

As crianças tiveram estímulos musicais desde bebês, portanto o fato de escolher e ter facilidade para tocar instrumentos diversos não é de fato, o que chama a atenção para a fala, mas sim, o fato de a primeira opção de instrumento ser o mesmo que a avó sempre desejou e estimulou os filhos a tocar – o piano. Inclusive, Janaina, comentou que tocar e estudar em casa o piano, é algo que a Maria Eduarda

compartilha apenas com a avós, que ela chama a avó, elas se trancam no quarto e ela fica tocando e a avó assistindo.

Janaina: Aí agora, às vezes, a gente está olhando Tv e tal... Porque ela é bem tímida... ela [Maria Eduarda] entra no quarto dela e deixa no volume mínimo.'

Maria Eduarda: Deixo no três.

Janaina: É. aí quando ela "tá" boa, ela chama a gente, chama a vovó... daí ela mostra. (FAMILIA BONO, GRUPO FOCAL 3, 2022)

Momentos musicais como os relatados compõem figurações que impactam a vida da Maria Eduarda e do Pedro. A Janaina e Teresinha, deixaram claro que não impõe o estudo, mesmo quando a Teresinha tinha o desejo de ver os filhos tocando, ela permitiu que eles tocassem o que chamava a atenção deles.

Teresinha: A Maria Eduarda, as vezes chega e fala assim: "vó, sobe aqui". Dai eu já vou assim 'alguma música nova que ela vai me mostrar'. Dai eu subo lá no quarto com ela e ela fica. Dai eu falo: "Oh minha vidinha coloca mais alto, esse solo é tão gostoso, a vó ama, é avó quer estar lá em baixo ouvindo" [primeiro andar da casa] mas ela tem vergonha que as pessoas escutem, se acredita?

Bruna: eu acredito.

Teresinha: [começa a rir] ela aumenta só um pouquinho, porque não quer que os vizinhos e ninguém escuta, dai eu falo 'minha nossa senhora da aparecida'

Teresinha: Eu adoro, acho fantástico [ver a neta tocando piano] espero que vá cada vez mais [continue estudando] (ENTREVISTA INDIVIDUAL, 2022)

Nestes relatos, Teresinha foi se ouvindo e se deu conta do quanto o comportamento da neta de falar baixinho, não se sentir confortável com outras pessoas ouvindo-a tocar e a paixão pelo piano eram comuns com ela mesma. Neste momento, o sorriso que até então estava envergonhado, mudou para reconhecimento, por reconhecer na própria neta e se dar conta, do quanto a neta se identifica com ela.

Estudar instrumentos?

Mas não é só Maria Eduarda que estuda instrumentos musicais na família. Pedro que no grupo focal estava disperso até eu entregar caneta e o verso do TSLE para ele desenhar, conversava e interagia mesmo desenhando, foi ele inclusive, que falou que a Janaina faz aula de bateria e que tem um violão em casa: "Porque a minha mãe, ela faz bateria também. Já tem uma bateria no nosso quarto" (Pedro).

Sobre o iniciar no instrumento depois de adulta, a Janaina conta que aconteceu quando estava procurando as aulas de música para a Maria Eduarda

Janaina: fui levá-la [Maria Eduarda] atrás das escolas que a Vivian indicou “pra” ela fazer, daí quando cheguei lá e fiquei “esperando ela” né, estava lá aguardando, porque o vai e vem, vai e vem, não dá... Estava esperando e tal, o Marcio, o dono da escola, um dos donos, perguntou: “Ah Jana, tem vários instrumentos, tu não quer, de repente, “pra” né... enquanto ela “tá” aí... A gente tem pacote família e tal” ... Aí eu falei: “Ah então vou fazer uma aula experimental de bateria” ...

Maria Eduarda: Uma aula e gostou...

Janaina: aí lá em casa: —Ah por que você não volta no violão então? Porque eu nunca mais peguei num violão, nunca mais... e “tá” lá o meu violão. (FAMILIA BONO, GRUPO FOCAL 3, 2022)

O Violão foi um instrumento que quando adolescente a Janaina estudou, inclusive guarda o instrumento até hoje, foi um estímulo da própria mãe. Dona Teresinha, não tinha um motivo específico nas falas dela para incentivar a filha estudar violão, mas como os irmãos, tios e primos cantavam e tocava ela entendia que era muito importante. Na época, a Janaina estudou por um período e logo parou.

Janaina: É, era o maior empenho.

Terezinha: Não, porque ele veio dar aula em Nova Londrina. Só que naquela época, em que ela era pequena as pessoas não “ligavam”, não “valorizavam”, sabe, é umas coisas assim, eu não sei nem explica o que é que é. Aí claro, foi saindo os alunos, saindo, saindo e ficou só ela fazendo aula. E ele era de Terra Rica.

Janaina: Você deve conhecer ele!

Terezinha: Ele é muito bom! Ele é

Janaina: É o Oswaldo Zanqueta

Terezinha: Deve conhecer, sabe

Janaina: Ele é autor de músicas também [compositor] (FAMILIA BONO, GRUPO FOCAL 3, 2022)

Neste sentido, “as práticas musicais familiares cotidianas”, onde estudar um instrumento, tocar ou cantar em casa, “são consideradas como maneiras de promover a integração familiar, dotando e possibilitando seus membros a desenvolverem e fortalecerem um sentimento de família” (GOMES, 2009, p.152).

A música para a Família Bono é não só uma memória de infância, mas uma ação que é repetida de formas distintas ao longo das gerações. Foi vivida pela Dona Teresinha, experiências com os pais e as irmãs durante a lavoura, depois Janaina experimentou com outra formação – com tias e primos – e hoje, Maria Eduarda e Pedro experimentam além da vivência musical familiar, que é o cantar e as reuniões

familiares, um hábito de ter a música presente na rotina, por meio das aulas de instrumento e das práticas de sua mãe.

A igreja de fato influência no repertório musical?

A presença de quanto as minhas experiências musicais e familiares dentro da perspectiva da igreja, foi o que me trouxe a pesquisar e se interessar também por este tema.

Dentro da perspectiva social que estão inseridos a família Bono, a igreja foi um ponto que perpetua desde a infância da Teresinha, até hoje a infância dos netos.

Bruna: E vocês são católicos?

Janaina e Terezinha: Sim

Bruna: Todo mundo? Vocês costumam ir “na” igreja?

Terezinha: Muito

Janaina: Minhas tias são do cursilho e cantam na igreja! A gente vai nos Capuchinos [nome de uma paróquia católica] aqui nas Mercês, tem um padre que é de Santo Antônio, eu mandei pra minha tia que ó Frei Evandro “tá” aqui e tal, ela: nossa, eu cantei na ordenação dele!

Janaina: Eu gosto muito [música católica], já fui no show da Adriana Arydes (FAMILIA BONO, GRUPO FOCAL 3, 2022)

Quando indagada sobre a Teresinha cantar na igreja, ela pontou que não tinha aptidão para isso, mas que acha lindo, e que todas as suas irmãs sempre cantaram, são inclusive salmistas. Que ir na missa é rotina, ouvir os padres pelo rádio, e estar acompanhando uma diocese específica. Para Janaina, não foi evidente a presença do hábito de estar envolvida, tão como pareceu ser importante para a sua mãe, contudo, o repertório e a presença em shows e apresentações, era de fato, algo que foi presente durante o grupo focal.

É interessante que a família Justen e Paiva, tem uma presença cultural forte quanto ao espaço local em que estão e estavam inseridos, que inclusive eram duas grandes cidades. No caso da família Bono, com a Teresinha mesmo disse:

Terezinha: Eu em Nova Londrina, por incrível que pareça, é uma cidadezinha desse “tamanhozinho” mas tinha muito, as famílias que moravam lá e que os filhos tocavam, assim... faziam concerto lá.

Terezinha: E a gente ia, e eu ficava encantada, encantada, tinha muito sabe, as famílias davam aqueles concertos de piano, coisa mais linda do mundo, que eu ia muito! (FAMILIA BONO, GRUPO FOCAL 3, 2022)

Os concertos e as apresentações em cidades pequenas, consideradas pela quantidade de habitantes, é de certa forma, mais acessível, porque são raros os momentos que acontecem algo do tipo, e por isso, mobilizava uma organização para participar quando havia.

Bruna: E tu já foi Janaina, com eles? Você tinha um hábito assim, antes da pandemia, de ir em algum espaço? Para assistir música?

Janaina: A gente foi muito com eles, em shows infantis, assim sabe... Bitá né... esses personagens.

Janaina: Teve um que nós fomos no colégio, lembra daquela pianista internacional lá? Que te levei...

Maria Eduarda: lembro, só que não lembro

Janaina: Era piano, Fantástico! Agora lembrei o positivo incentiva muito! O Colégio positivo. (FAMILIA BONO, GRUPO FOCAL 3, 2022)

Sobre o envolvimento da escola, a lembrança de participação em um concerto com as crianças, veio atrelada ao quanto a escola “positivo incentiva muito”. Portanto, auxilia no processo de incorporar socialmente momento e agregar na cultura das crianças e famílias. De acordo com Elias (1994, p.27) “é apenas na sociedade que a criança pequena, com suas funções mentais maleáveis e relativamente indiferenciadas, se transforma num ser mais complexo”.

A criança no meio que está inserida, aprende códigos ditos e não ditos, ela compreende mesmo sem os pais usarem de palavras que as coisas que estão acontecendo, são legais e por isso, usará isso como recurso em outros momentos de sua vida. O contrário também acontece, quando coisas que particularmente a ferem, mas é justificado como necessário para aquele momento. Ela irá replicar em outra perspectiva, porque é o que ela conhece. “a língua que aprende, o padrão de controle instintivo e a composição adulta que nele se desenvolve, tudo isso depende da estrutura do grupo em que ele cresce e, por fim, de sua posição nesse grupo e do processo formador que ela acarreta” (ELIAS, 1994, p.27).

Considerações

Este artigo faz parte da pesquisa intitulada “Parentalidade musical e intergeracionalidade: Processos invisíveis de educação musical” E se objetivou em apresentar as características das figurações que se formaram para esta pesquisa. Figurações que se apresentaram através da continuidade de transmissões de atividades, repertórios, sonoridades, cultura e gosto pela música.

Cada família tem uma característica cultural e social específica, mas com formações de figurações parecidas. Inicialmente a família Justen e Paiva, não tinha características do estudo de instrumento, ao contrário da família Bono, que se auto declarou família de músicos. Mas o fato que podemos destacar, é que independente dos instrumentos e habilidades técnicas, ambas as avós tem e tiveram, um papel de suma importância quanto a criação de memórias sonoras para a infância dos netos, além de memórias, como os episódios apresentados, fica-se validado, o quanto de aprendizagem e vivência musicalizadora foi oportunizado por estas famílias.

As mães da segunda geração que colaboraram com pesquisa (Augusta, Clarissa e Janaina) também relataram aspectos que mencionam o quanto os próprios avós marcaram as suas infâncias, e o quanto momentos de seus filhos com as avós torna-se importante para elas. Intergeracionalmente aspectos vivenciados por estas mães estão sendo proporcionados para seus filhos com e pela música, até então de forma intuitiva, sem qualquer conhecimento técnico, e com o passar da pesquisa, foi de fato, clarificando para estes que estavam envolvidos o quanto estas ações estão marcando a vida e a infância de seus filhos positivamente.

Referências

- CUSTODERO, L; JOHSONN-GREE, E. *Caregiving in counterpoint: Reciprocal influences in the musical*. Article in. <Journal of Research in Music Education>, 2008.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*, São Paulo, Zahar: 1998, São Paulo.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Zahar, 2010.
- ELIAS, Norbert. *Escritos & ensaios 1*. Zahar, 2006.
- ELIAS, Norbert. *Sociedade dos indivíduos*, 1994, Zahar
- ELIAS, Norbert. A civilização dos pais. 2012. Tradução a partir do espanhol por Bruno Gontyjo do Couto. In. Revista Sociedade e Estado. Vol. 27. N 3. 2012
- FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. *A importância da família*. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.), *Família brasileira: a base de tudo*. 5.ed. São Paulo: Cortez : Brasília, DF: UNICEF, 2002
- ILARI, Beatriz. *Musical parenting and music education: Integrating research and practice*. Update: Applications of Research in Music Education, v. 36, n. 2, p. 45-52, 2017.

A música nas gerações

A pesquisa, que originou este texto, teve por objetivo compreender e identificar as transmissões e apreensões das práticas musicais que ocorrem ao longo de 3 gerações - avós, pais e crianças a partir de 6 anos. Mais especificamente, buscou refletir e discutir sobre as práticas de parentalidade musical que perpassam o processo intergeracional, entendendo quais são e como ocorrem as interações musicais entre avós e pais, pais e filhos, avós e netos; entender quais são os valores e sentidos atribuídos à música que se manifestam e perpetuam no âmbito da intergeracionalidade familiar e analisar de que forma os valores musicais praticados em família se manifestam em outras esferas sociais (como escola, igreja, associações), bem como, em que medida as práticas musicais sociais repercutem no ambiente familiar.

A pesquisa foi realizada com abordagem qualitativa. A proposta foi conversar com famílias que relatassem a como era a presença da música em suas rotinas. As técnicas utilizadas foram grupos focais e posteriormente entrevistas individuais. Nesse sentido, realizei um estudo com duas famílias com filhos maiores de 6 anos que estudam ou estudaram música na escola de formação musical Alecrim Dourado na cidade de Curitiba – PR.

Adotando como referencial teórico os estudos sobre processos sociais e figuração de Norbert Elias (1980, 1994a, 1994b, 2001, 2006, 2010), desenvolvi a pesquisa por meio da realização de quatro grupos focais e entrevistas individuais com os colaboradores das Famílias Justen e Paiva, e também da Família Bono. O grupo focal se mostrou uma estratégia adequada para alcançar os objetivos acima apresentados, podendo pesquisar a formação musical por dentro do processo formativo. Percebi, ao longo das conversas nos grupos, que as crianças e os adultos se sentiram a vontade para opinar e compartilhar fatos específicos sobre a rotinas das famílias. Anseio que os diálogos apresentados e os resultados desta pesquisa podem oferecer melhor compreensão deste processo e contribuir para que as comunidades educativas considerem ainda mais o âmbito familiar como um espaço de formação musical.

Um dos eixos da pesquisa se sustenta nas relações parentais. A parentalidade é um termo pouco utilizado pelas ciências sociais e pela educação musical, contudo, com base no trabalho de Norbert Elias, é possível entender a parentalidade também

como um processo social, um processo com organizações, tensões, limites e regras comunicáveis ou não, que podem ser analisados de diferentes âmbitos. Este processo, que denominei nesta pesquisa como parentalidade, veio como uma forma específica de olhar e analisar as relações, as figurações dentro da perspectiva geracional familiar, como uma oportunidade de clarificar situações e perspectivas que irrompem o tempo, e alteram o curso a ser vivido de uma sociedade, visto que a sociedade é formada por figurações, em núcleo menor, por famílias.

A criança precisa ser adaptada pelo outro, precisa da sociedade para se tornar fisicamente adulta (ELIAS, 1994, p.30). A música está presente no processo de crescimento das crianças e no círculo familiar. A parentalidade musical acontece de formas distintas para cada família no âmbito da intergeracionalidade familiar. Algumas famílias com base no contexto social que vivem, irão transpor repertórios específicos, sonoridades, hábitos de estudar ou não um instrumento musical, da mesma forma que podem inclusive, mudar o processo de parentalidade de uma geração anterior, para romper com os laços do passado, e/ou mudar o padrão para uma nova história.

As interações musicais entre os avós e pais acontecem por meio do respeito ao que o outro viveu, mas não concretamente como uma troca entre pais e filhos, no caso avós e pais. Pelo contrário, com o passar dos anos, as trocas sonoras mudam, e a receptividade dos filhos com relação aos seus pais vem como uma forma inconsciente de querer “ensiná-los” a fazer música, há um deslocamento no centro de “poder” no âmbito da figuração, o filho pode desejar conduzir os processos de seus pais.

Contudo, com relação as interações musicais vivenciadas pelos avós e netos, nota-se uma relação saudável, no qual os netos recebem bagagens de várias histórias e músicas que foram vivenciadas pelos avós. Há inclusive um desdobramento de interesses musicais dos avós, que repercutem nas atitudes dos netos, como foi o caso do interesse pelo instrumento violão da Clarissa, que o avô materno tocava, e o interesse pelo piano de Clara e Maria Eduarda, alimentados pelas avós. Inconscientemente e conscientemente, estas avós/avôs abrem possibilidades de as crianças experimentarem e viverem desejos profundos de suas próprias infâncias. Embora, nenhuma das avós declaram terem solicitado ou indicado os instrumentos, visto que os pais declaram terem descoberto o interesse junto com os filhos (desejos “ocultos” de seus avós) pelo instrumento em questão.

Ambas as avós, demonstraram um contentamento por acompanhar esse processo musical vivido na vida de seus netos.

Sobre as interações musicais pelos pais e filhos da segunda geração, houve um alargamento das condutas de respeito, ou seja, a forma com que as crianças se dirigem aos pais, o que de fato, enquanto filhos, acontecia de forma diferente, de maneira mais rígida. Nos grupos focais realizados as crianças se sentem à vontade para interromper os pais em falas, para complementar as frases ditas por eles, ou em outros momentos para corrigi-los, elas se posicionam perante seus pais, posicionam seus direitos e vontades.

Os pais da segunda geração, mencionaram várias vezes, sobre coisas que podiam ou não fazer, e que os pais de certa forma eram rígidos com relação a isso, e por isso, hoje, eles refletem e mudam a maneira como se relacionam com seus os filhos. Contudo, embora eles tenham a necessidade de mudar esta maneira, de forma natural, várias ações perpetuam através do tempo, e acontecem de maneira similar com seus próprios filhos, como a perpetuação do mesmo repertório através do tempo, como o interesse pelo mesmo que instrumento que os avós, a forma de se relacionar com os filhos.

A música se configurou como um bem valioso para estas famílias que participaram da pesquisa, embora, nem todas as pessoas participantes tiveram acesso a estudar um instrumento [Clarissa e Teresinha] houve um desejo, um vislumbamento do quanto praticar um instrumento era importante e prazeroso ter essa habilidade, e que perpetuam até seus filhos, promovendo assim a oportunidade de estudar e ter acesso a essa linguagem. Os motivos que os levam a colocar seus filhos nas aulas de música se devem ao fato de acreditarem que a música é uma linguagem universal, e está atrelado também com a possibilidade de as crianças terem uma inteligência maior, no sentido de ter facilidade para aprender a ler códigos matemáticos, acesso a leitura, e em grande parte, com relação ao quanto a música mobiliza áreas distintas do cérebro humano.

Com relação ao contexto social, as práticas familiares se deram de formas distintas nas famílias dos colaboradores, em um grupo, não se teve acesso a práticas religiosas, no âmbito de igrejas e associações, quando na outra esta se sobressaiu e foi de fato um espaço formador de repertório e apreciação musical. A presença em shows e concertos esteve presente em ambas as famílias, e demonstrou que todas as oportunidades possíveis estes estiveram participando. Contudo, as escolhas de

grupos, não apresentou uma variedade, pelo contrário, era reiterado em todas as oportunidades, os mesmos grupos e estilos que já haviam o hábito de ouvir em casa e que se fizeram presentes durante a infância.

As figurações que se formaram por estas famílias, foram com base em contextos sociais, em grupos e locais no qual estes estavam inseridos e se apresentaram perpassando as gerações. De forma inconsciente, os pais replicaram modelos de parentalidade musical, seja apresentando repertórios, espaços de apreciação, ou oportunizando o estudo de um instrumento. Como o caso de interações da Clarissa e Rosane, as figurações são de origem social, e podem vir a serem alteradas ou não com o passar do desenvolvimento familiar e amadurecimento das crianças.

Clarissa entende que esta pesquisa, foi muito importante para clarificar o quanto coisas que ela fazia de forma intencional, foram heranças vindas da sua infância, heranças vindas de seus pais, e que hoje, esta pesquisa, a faz refletir muito sobre a criação de suas filhas. De fato, assim como para Clarissa, outros participantes da pesquisa, como a Janaina, Teresinha, Rosane e Augusta, todas mães, relataram não ter consciência de situações que pareciam corriqueiras, mas que são hábitos de comportamentos que irrompem as gerações.

Esta pesquisa, oferece uma forma de clarificar e agregar em estudos sobre a parentalidade musical que irrompe o tempo, irrompe nossos ideais enquanto pais, e que gera reflexão na formação parental. Com relação a pesquisas futuras, evidencia-se que é necessário um aprofundamento em questões que sugerem as ramificações de repertório e como as grandes massas midiáticas e comunicativas influenciam nos encaminhamentos parentais, além da possibilidade de um aprofundamento nas questões que suscitam como a igreja e o ambiente escolar vem a ser uma forma de realizar intervenções dentro da perspectiva de parentalidade musical.

E a história não se repete, ela se reinventa...

Alice: Ah eu queria falar uma coisa só que eu esqueci de falar!

Bruna: Oh meu Deus! Lembrou?

Alice: Lembrei!

Alice: Quando a gente canta o sol aparece e quando a gente para de cantar ele desaparece.

Bruna: É, por quê?

Alice: Por causa que a música deixa o sol alegre, e os passarinhos começam a cantar.

Rosane: Então você acha que quando você está triste por exemplo, você começa a cantar, você vai ficando alegre? A música ajuda?

Alice: Sim, sim (JUSTEN E PAIVA, Grupo focal 1, 2022)

Cada pessoa sente e interage com lembranças do passado de formas específicas, alguns ao lembrar de um fato se sentem amados, outros sentem-se tristes, ou até mesmo com saudade. O passado e as nossas experiências anteriores fazem parte das pessoas que nos tornamos, somos fragmentos de tempo, relações e traumas.

Meu envolvimento com esta pesquisa foi visceral, e não estou falando do ponto de vista da parentalidade como linha profissional, no qual me dedico. Faço esta afirmação porque ao analisar as relações familiares dos colaboradores desta pesquisa e adentrar os dados com mais cuidado, me vi paralisar, estagnar, literalmente parar. A escrita não fluía, e embora eu seja uma mãe, pesquisadora, esposa e empreendedora, não se tratava da falta de tempo.

Ao olhar para os dados, e refletir sobre o encaminhamento das relações entre os colaboradores da pesquisa, eu estava voltando para aspectos específicos da minha própria história. Sim, o interesse pelo tema nasceu da minha relação com a música e das figurações que foram criadas pela minha mãe e avô, porém, ao tratar e aprofundar o tema, o processo de escrita se tornou doído. Este processo me fez retornar para as minhas próprias dores de relacionamento com a minha família. A análise que me permitiu clarificar o relacionamento da Rosane com seus filhos, e da Teresinha com a sua família, me provocou reflexões sobre o meu relacionamento, ou a falta dele com os meus familiares.

Enquanto pessoa, e não pesquisadora, precisei voltar, para a minha própria casa, para as minhas próprias dores, para as minhas inseguranças enquanto filha, e para a dor do abandono, e só após conseguir entender e compreender que uma mãe, mesmo tentando acertar, também erra. Ouço afirmar que isso ocorre com todas as mães. Ao menos ficou visível em todas as mães contempladas nesta pesquisa,

inclusive eu e minha mãe. Liberar minhas frustrações enquanto filha e neta, me permitiu voltar a escrever e deixar fluir. Construir esta pesquisa foi muito desafiador, mas também libertador. Tenho a expectativa, de que estes artigos, da forma que foi desenhado e construído, irá contribuir com campo da educação musical e com outras histórias. Posso afirmar que a pesquisa já cumpriu um papel importante: o de transformar-me enquanto pesquisadora, mudando minha visão sobre a minha própria história e com isso me fazendo um novo ser.

Quem começou a escrever e pesquisar sobre parentalidade, e inclusive se inscreveu no processo de mestrado, foi uma menina, talvez até uma criança, que estava se tornando mãe e precisava de referências concretas daquilo que não viveu enquanto filha, para desenvolver essa função. Porém, quem finalizou o mestrado foi uma mulher pesquisadora, que exerce seus múltiplos papéis com maior consciência e com mais amorosidade e respeito por si e pelo outro.

Enquanto empreendedora, trabalhando diretamente com famílias e oportunizando processos de ensino e aprendizagem de música para crianças, a pesquisa me ofertou uma fonte de conhecimentos sistematizados que me permitiu qualificar meu trabalho e a maneira como atendo e me relaciono com os pais e seus filhos. Me permitiu ir além, ter recursos para criar projetos que venham agregar na vida de outras famílias, para além da minha e dos meus clientes diretamente.

O entrelaçamento pesquisa-pesquisadora-pesquisados foi profundo e crucial para trazer mais consciência aos colaboradores da pesquisa, sobre seus processos de parentalidade musical e para me permitir, enquanto pesquisadora e ser humano, abrir portas e sentir emoções que sozinha não conseguia acessar. Pesquisa e vida pessoal não só se entrelaçaram neste trajeto, elas se fundiram e de fato, mudaram o rumo da minha história.

APÊNDICES

GRUPOS FOCAIS

Os grupos focais poderão ser realizados de forma presencial ou online (via plataforma de videoconferência), o que ainda será determinado de acordo com a preferência, disponibilidade e considerações sobre o momento pandêmico que estamos vivendo. Como forma de registro e material para uma reflexão e descrição detalhada dos elementos desta coleta de dados, todos os encontros serão gravados.

Os temas que serão propostos no grupo focal a fim de conhecer o processo de parentalidade musical de cada família e responder às questões de pesquisa são:

1. Repertório musical praticado na família;
2. Momentos específicos da rotina cotidiana ou das fases da vida em que a música se fez/faz presente;
3. As tradições musicais, como brincadeiras musicais, que se fazem presentes;
4. Lembranças musicais da infância dos avós e dos pais;
5. Lembranças musicais da juventude dos avós e dos pais;
6. Participação em recitais, shows e concertos de música ao vivo;
7. Músicas que representam cada uma das pessoas da família;
8. Músicas que as crianças praticam ou solicitam;
9. Diferentes músicas nos diferentes ambientes sociais (igreja, escola, reuniões com amigos...)
10. Instrumentos musicais que dispõe em casa;
11. Razões para colocar os filhos em aulas de músicas;
12. Sonhos com relação à música

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS PAIS

GERAL

Dados pessoais

1. Nome completo:
2. Sexo:
3. Qual é a sua idade?
4. Profissão?
5. Turno de trabalho?
6. Quantos filhos? Qual a idade?
7. Na escolha da escola de educação básica, quais foram os aspectos que o/a levaram a realizar tal escolha?

PARENTALIDADE MUSICAL

- Qual a primeira lembrança de música que você guarda da infância?
- Como era a presença da música na rotina ou no dia a dia da família? Havia brincadeiras cantadas ou outras?
- Quais os equipamentos / programas / cantores ouvidos ou assistidos pela família? E por você?
- Iam à igreja? Se sim, quais as lembranças de música relacionada à igreja? Como as músicas da igreja reverberavam na família?
- Você estudou música na infância? Se sim, qual? Como foi a escolha? Por que?
- Conte sobre suas preferências musicais. Estas músicas (ou estilos) se fizeram presentes na sua infância ou adolescência? Se sim, como? Onde?
- Quais as musicais presentes no cotidiano da sua família hoje? Como elas estão presentes? (Cantam ou tocam juntos? Ouvem música juntos? Em quais momentos? Quais músicas? Como são feitas as escolhas as músicas? Quem sugere?)
- Que práticas musicais ou músicas ou estilos da sua infância ou adolescência se fazem presentes na sua família hoje?

- Quais razões o levaram a matricular seu filho em uma escola de musicalização infantil?
- Estamos em uma era tecnologica, com relação ao uso das telas e a apreciação musical, seus filhos possuem acesso? Se sim, como, quais, quanto tempo por dia?
- Quais os espaços com música que você e sua família frequentam? Como estas músicas reverberam na família?
- O que você destaca das experiencias com música ou de músicas vivenciadas no âmbito familiar? (seja na sua família com seus filhos ou das suas experiências na casa de seus pais)

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos a mestrande Bruna Williana da Silva, a desenvolver o seu projeto de pesquisa intitulado "Parentalidade musical e intergeracionalidade: processos invisíveis de educação musical?" cujo objetivo é compreender o processo intergeracional da parentalidade musical entre avós, filhos e netos de alunos com idade entre 5 e 7 anos da Escola de Formação Musical Alecrim Dourado, de Curitiba. A referida pesquisa está sob a orientação da Profa Dra Vania Malagutti Loth.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da mestrande aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados a mestrande deverá apresentar a esta instituição o parecer consubstanciado devidamente aprovado, emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Curitiba, 05 de novembro de 2021.



Nome/assinatura

Carimbo do responsável onde a pesquisa será realizada



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PARA CRIANÇAS DE 5 a 7 ANOS DE IDADE

Olá (nome da criança), meu nome é Bruna Williena e eu sou professora de música e gosto muito de conhecer os sons, ritmos e músicas que as crianças ouvem, cantam ou tocam com os pais e avós. Por isso gostaria de te convidar para participar da minha pesquisa, onde eu irei fazer algumas perguntas para você e conversar sobre músicas, brincadeiras cantadas e outros assuntos sobre isso. Eu tenho uma professora também, sabe? O nome dela é Vania Malagutti e eu a chamo de orientadora. Você já ouviu falar de Universidade? Eu estudo em uma que se chama UEM, e fica em Maringá. É lá que eu descobro coisas legais sobre a música que acontece na família. Eu gostaria de conseguir realizar as nossas conversas com a mamãe, o papai e seus avós todas pertinho, mas talvez precisaremos fazer pelo computador, por conta da pandemia, você me entende, não é? E quando for pelo computador eu precisarei gravar nosso momento, para que eu possa me lembrar de tudo o que conversarmos. A gravação será muito bem guardada por mim em lugar especial no meu computador.

Se durante nossa conversa, em algum momento, você quiser parar de me contar a respeito das suas músicas, do seus pais e avós, é só me avisar, tudo bem? Se por acaso eu fizer alguma pergunta que você não quiser responder, é só me avisar também. Você pode parar de conversar quando quiser e irá me contar somente o que tiver vontade de me contar. Combinado? Nossas conversas serão em um momento tranquilo para você, e, pode ser na sua casa, ou em algum lugar que você goste ou que seus pais acharem que é apropriado. Todas as coisas que você e a sua família me contarem só serão escritas na minha pesquisa se você permitir, ok? Ainda assim, não vou usar seu nome verdadeiro para falar da sua história.

Que tal você escolher um nome de faz de conta para eu usar? Pense em algum nome que você queira e me fale depois! Nestas conversas que eu mencionei, iremos falar sobre as músicas que seus avós ensinaram para seus pais, e também as músicas que seus pais

ensinaram para você e também as que você ensinou para eles! Vamos falar sobre as canções ou sons, que talvez você escute na hora de dormir ou em qualquer outro momento do dia.

Eu gostaria também de conhecer as brincadeiras que a mamãe e o papai costumam fazer com você, além, de conhecer um pouco sobre os instrumentos que vocês conhecem, os shows que vocês costumam ir e tudo o que você quiser me contar que tem música envolvida. Nossas conversas serão bem divertidas, porque vamos descobrir juntos as músicas e os sons que os seus pais aprenderam na infância deles! Se você e seus pais permitirem, irei escrever textos sobre a pesquisa e muitas pessoas poderão ler e saber sobre tudo o que vamos descobrir e produzir juntos a respeito de música cantadas e tocadas com os pais e os avós. Eu não irei pagar em dinheiro para vocês, e também não vou receber para fazer a pesquisa.

Ah, e de verdade, quando não se sentir bem e quiser para de falar comigo, é só me avisar, que paramos de conversar, tudo bem? Se preferir, também pode falar para a mamãe ou o papai, e eles me avisam. Para deixar nossa conversa mais séria, nós vamos assinar esta carta e você ficará com uma cópia e eu com outra. Seus pais também terão uma cópia. Será nosso pacto de pesquisa. Aqui vou deixar meus contatos (WhatsApp e e-mail) e também os contatos da minha professora. Você e seus pais podem tirar qualquer dúvida com relação à pesquisa, escrevendo ou telefonando para mim ou para ela. Entendeu?

Mestranda: Bruna Williena da Silva

Endereço: Rua Osvaldo Fernandes da Silva, 76 – CEP 87175000 – Itambé /PR

brunawilliena@hotmail.com /

(44) 98835561

Orientadora: Profª Dra. Vania Malagutti Loth

Endereço: R. Sebastião de Paula e Silva, 849, Maringá, PR.

vanialoth@uem.br /

(44) 998080102.

Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM (COPEP):

horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, das 8h às 11h30 e 14h às 17h30 (enquanto perdurar a situação de pandemia, o atendimento será realizado exclusivamente pelo e-mail copep@uem.br)

Endereço: Av. Colombo, 5790, PPG, sala 4, CEP 87020-900. Maringá-Pr. Fone: (44) 3011-4444, e-mail: copep@uem.br.

Eu, Bruna Williena da Silva, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado. _____

Data: Assinatura

DECLARAÇÃO DO RESPONSÁVEL LEGAL PELA CRIANÇA

Tendo recebido todos os esclarecimentos acima citados e ciente dos direitos do meu filho menor de idade (escrever o nome do menor), declaro, como responsável legal que concordo e autorizo a participação de (Nome da criança) na referida pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação dos resultados em periódicos, revistas, apresentação em congressos, workshop e quaisquer eventos de caráter científico ou pedagógico.

Dessa forma, rubrico todas as páginas e assino este termo, juntamente com o pesquisador e meu filho (a), em duas vias, de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do(a) pesquisador(a).

() Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

() Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

_____ Data:.....

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo intitulado “Parentalidade e Intergeracionalidade: Processos invisíveis de educação musical?”, no qual a coleta de dados será realizado a partir de grupos focais e entrevistas individuais, cujo pesquisador responsável é a profa. Dra. Vania Malagutti Loth.

O estudo se objetiva em é compreender e identificar as transmissões e apreensões das práticas musicais que ocorrem ao longo de 3 gerações - avós, pais e crianças a partir de 6 anos de idade. Dentre os objetivos específicos, busca-se: refletir e discutir sobre as práticas de parentalidade musical que perpassam o processo intergeracional, entendendo quais são e como ocorrem as interações musicais entre avós e pais, pais e filhos, avós e netos; Entender quais são os valores e sentidos atribuídos à música que se manifestam e perpetuam no âmbito da intergeracionalidade familiar; Analisar de que forma os valores musicais praticados em família se manifestam em outras esferas sociais (como escola, igreja, associações), bem como, em que medida as práticas musicais sociais repercutem no ambiente familiar.

Pesquisar sobre parentalidade musical é pesquisar sobre parte do processo de aprendizagem musical pelo qual a maioria das pessoas passam. Esta investigação pode oferecer melhor compreensão deste processo e contribuir para que as comunidades educativas considerem ainda mais o âmbito familiar como um espaço de formação musical.

A contribuição do participante do estudo é relatar hábitos, costumes, idéias e valores que concerne a educação musical, ou não, da vida de seus filhos e sua enquanto criança. Dos riscos ao participante aponta-se a possibilidade dos pesquisandos não se sentirem a vontade, ou se sentirem expostos dado a temática da pesquisa.

Salienta-se que todos os participantes podem se recusar a qualquer momento parar de colaborar com a pesquisa.

As informações coletadas serão de uso exclusivo a conclusão desta pesquisa.

Tendo recebido todos os esclarecimentos acima citados e ciente dos meus direitos declaro, e autorizo a minha participação na referida pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação dos resultados em periódicos, revistas, apresentação em congressos, workshop e quaisquer eventos de caráter científico ou pedagógico.

Dessa forma, rubrico todas as páginas e assino este termo, juntamente com o pesquisador e meu filho (a), em duas vias, de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do(a) pesquisador(a).

Mestranda: Bruna Williena da Silva

Endereço: Rua Osvaldo Fernandes da Silva, 76 – CEP 87175000 – Itambé /PR

brunawilliena@hotmail.com /

(44) 98835561

Orientadora: Profª Dra. Vania Malagutti Loth

Endereço: R. Sebastião de Paula e Silva, 849, Maringá, PR.

vanialoth@uem.br /

(44) 998080102.

Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM (COPEP):

horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, das 8h às 11h30 e 14h às 17h30 (enquanto perdurar a situação de pandemia, o atendimento será realizado exclusivamente pelo e-mail copep@uem.br)

Endereço: Av. Colombo, 5790, PPG, sala 4, CEP 87020-900. Maringá-Pr. Fone: (44) 3011-4444, e-mail: copep@uem.br.

Eu, Bruna Williena da Silva, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado. _____